

Passagem para a Índia

SANTHA RAMA RAU



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Chimaera

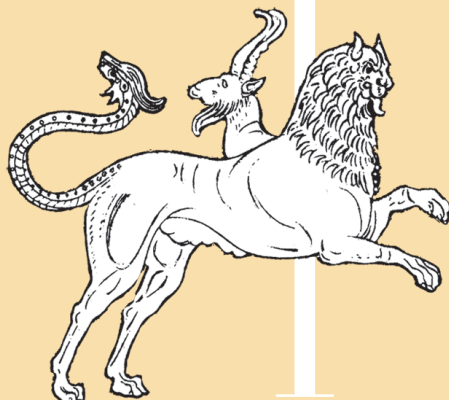
Textos

Santha Rama Rau

Passagem para a Índia

Introdução, tradução e notas

Maria Isabel Barbudo



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

TEXTOS
CHIMAERA



TEXTOS CHIMAERA

DIRECÇÃO

João Almeida Flor

Isabel Fernandes

Teresa Malafaia

VOLUME 8

TÍTULO

PASSAGEM PARA A ÍNDIA

TRADUÇÃO

Maria Isabel Barbudo

DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL

Inês Mateus

EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos
da Universidade de Lisboa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

DPI-Cromotipo

TIRAGEM 150 exemplares

ISBN 978-972-8886-20-2

DEPÓSITO LEGAL 351361/12

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

PASSAGEM PARA A ÍNDIA

Uma Peça Baseada no Romance de E. M. Forster

Santha Rama Rau

Introdução, Tradução e Notas

Maria Isabel Barbudo

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

2012

Índice

Introdução 9

PASSAGEM PARA A ÍNDIA, de Santha Rama Rau

Personagens 23

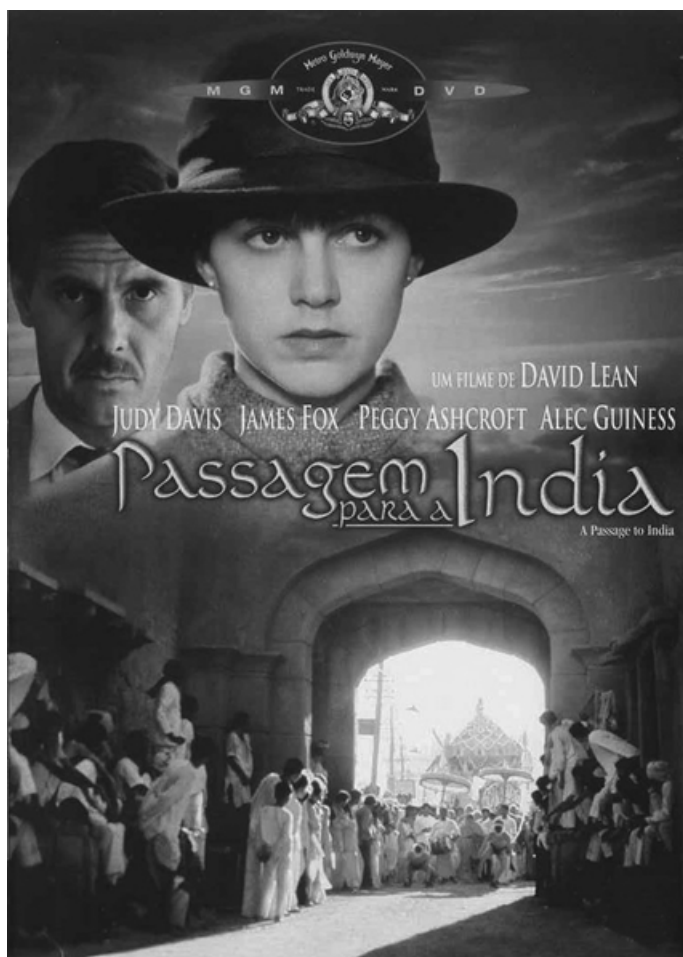
I Acto 25

II Acto. Cena 1 57

II Acto. Cena 2 73

III Acto. 97

Introdução



A Passage to India é o título dado por E. M. Forster ao romance que publicou em 1924, e que seria adaptado em 1960 por Santha Rama Rau, na elaboração de um texto dramático com o mesmo título. Mais tarde, em 1984, o realizador inglês David Lean basear-se-ia sobretudo na peça de teatro para configurar a sua versão fílmica de *A Passage to India*.

O título do romance foi tirado de um poema de Walt Whitman publicado pela primeira vez na edição de *Leaves of Grass* de 1872. Quanto à história ficcional, foi estreada nas páginas de um romance escrito para ser lido, transitando depois para um texto vocacionado para a representação em palco e transformando-se, finalmente, numa versão concebida para o ecrã. Um bom exemplo, portanto, de intertextualidade e da transversalidade dos processos de adaptação que, em cada caso, pressupõem o recurso a códigos específicos, em conformidade com o meio de comunicação adoptado.

Escrito por um autor inglês na sequência das suas viagens pela Índia durante o período colonial, o romance *A Passage to India* tornar-se-ia uma fonte de inspiração para uma mulher de origem indiana, nascida em 1923, e cuja infância foi vivida na Índia, ainda sob a colonização britânica.

Filha de pais indianos (o pai diplomata e embaixador, a mãe líder do movimento para a defesa dos direitos das mulheres indianas), Santha Rama Rau fez os seus estudos secundários em Inglaterra e completou a licenciatura nos Estados Unidos, em 1944. Inicialmente como consequência da profissão do seu pai e, mais tarde, por iniciativa própria, Santha empreendeu inúmeras viagens por todos os continentes, incluindo a Ásia, aonde voltou já depois de a independência ser concedida à sua terra natal, em 1947. O relato dessas viagens consubstancia a maior parte da sua obra, onde se destacam os títulos *Home to India*, *East of Home*, *This is India*, *My Russian Journey*, *Gifts of Passage*,

View to the Southeast, *A Princess remembers* e *An Inheritance*. No campo da ficção, publicou dois romances (*Remember the House* e *The Adventurers*) e a adaptação para texto dramático do romance de E. M. Forster. A autora faleceu em 2009.

O próprio título do romance do autor britânico é um indício da motivação subjacente à iniciativa levada a cabo por Santha Rama Rau, que contou com a entusiástica aprovação da sua adaptação teatral por parte de E. M. Forster. Com efeito, na Nota que ele escreveu a fim de ser incluída no Programa, aquando da primeira representação da peça, na Oxford Playhouse, em 1960, constam as seguintes afirmações:

I have always thought of my novels as novels, and have never written them with any other medium in view. So it is a surprise as well as a pleasure to encounter this excellent and sensitive dramatic version of *A Passage to India*. It is the work of an Indian writer of celebrity and distinction, Miss Santha Rama Rau, and naturally this has increased my pleasure and promoted my pride. (2005: 327).

A peça foi estreada na Oxford Playhouse, em Oxford, em 19 de Janeiro de 1960 e, nesse mesmo ano, em 20 de Abril, foi levada à cena no Comedy Theatre, um teatro do West End londrino, onde perfez 261 representações. Em Janeiro de 1962 estreou-se na Broadway de Nova Iorque, aí permanecendo ao longo de 109 representações. Adaptada para o meio televisivo por John Maynard sob a realização de Waris Hussein para a BBC em 1965, viria, finalmente, a ser transposta para o cinema, pela mão do realizador David Lean, em 1984.

A comparação do romance de E. M. Forster com a peça escrita por Santha Rama Rau releva, desde logo, os constrangimentos que necessariamente espartilham a elaboração de um texto dramático no que respeita à sua extensão. A performatividade em palco, num espectáculo que, enquanto evento colectivo, pressupõe a presença de um público, implica a condensação do enredo, como forma de o compatibilizar com a duração habitual de um espectáculo. E, nesse labor de condensação e consequente depuração, muitas são as opções a serem tomadas – opções essas que, no seu conjunto, configuram a perspectiva do autor da adaptação, tão significativa naquilo que, da obra original, é preservado e enfatizado, como naquilo que é omitido ou minimizado.

A própria natureza do modo dramático, na sua diferenciação face ao modo narrativo, impõe um redimensionamento textual que opera ao nível de toda a sua estrutura, submetendo à configuração dialógica e didascálica aquilo que,

no texto de partida, tinha um teor descritivo e narrativo. Por outro lado, na economia do texto dramático, só existe espaço para o que é crucial para o desenvolvimento da acção, o que significa a eliminação de acontecimentos e personagens menos relevantes, à luz da conflitualidade definidora do âmagô e da própria razão de ser da acção dramática.

Tudo isto é observável na adaptação feita por Santha Rama Rau, cujo texto de partida é um romance com uma razoável extensão (37 capítulos, distribuídos por 3 partes), pródigo em descrições e com um narrador onisciente focalizado em várias personagens.

De entre os cortes efectuados, destaca-se a eliminação dos últimos 7 capítulos do romance, ou seja, de tudo aquilo que o narrador acrescenta após a cena do julgamento de Aziz e da respectiva sentença final. Trata-se do prolongamento de um desenlace que nos dá conta dos caminhos seguidos pelas personagens depois da sentença, incluindo um reencontro das duas personagens masculinas centrais, Aziz e Fielding. Mas, e para além disso, na 3ª parte do romance (significativamente intitulada “Temple”), que ocupa os 5 últimos capítulos, o narrador concentra-se na figura do Professor Godbole e na dimensão religiosa de um povo internamente dividido entre os dois credos mais fortemente implantados, e aparentemente inconciliáveis: o Hinduísmo e o Islamismo, aqui respectivamente encarnados por Godbole e Aziz.

Os parágrafos finais do romance remetem, todavia, para uma futura resolução dessas fracturas e clivagens de cariz religioso, uma vez conseguida a necessária independência face à potência colonizadora – e com a Índia finalmente transformada numa nação autónoma, capaz de gerir o seu próprio destino. Só então poderá haver lugar para a amizade entre Fielding e Aziz, uma amizade que adquire a qualidade de sinédoque, na sua representação da desejável relação de igualdade entre os dois povos, o britânico e o indiano. Apontando para esse futuro, eventualmente ainda longínquo, as últimas palavras do romance reiteram a sua impossibilidade no aqui e no agora: “ ‘No, not yet’, and the sky said, ‘No, not there.’ ” (2005: 306).

Em consonância com o espírito desta mensagem, na versão de Santha Rama Rau o diálogo final, travado entre Fielding e Aziz logo após o julgamento, termina com a seguinte troca de palavras:

FIELDING One day, when things are different ...

AZIZ One day ... (1960: 112)

A inadequação do teor reflexivo e descritivo dos últimos capítulos do romance a uma versão teatral viria a ser reconhecida pelo próprio E. M. Forster que, na Nota já citada, comentaria a esse propósito:

This aspect of the novel is displayed in its final chapters. It is obviously unsuitable for the stage, and Miss Rau – most rightly in my judgement – has not emphasized it, and has brought down her final curtain on the Trial Scene. (2005: 327)

A ausência de uma instância narrativa no texto dramático constitui um outro relevante factor de diferenciação, levando-nos a interrogar se essa ausência se traduz num total apagamento da voz do narrador, ou se essa voz estará porventura presente, ainda que metamorfoseada, nas indicações cénicas – sobretudo naquelas que precedem o início de cada Acto.

Uma leitura atenta dessas longas didascálias mostra-nos, com efeito, não se tratar apenas de descrições neutras e objectivas dos cenários apropriados a cada Acto, mas que nelas se insinuam comentários e opiniões cuja subjectividade pode condicionar a encenação mental que será feita por cada leitor da peça. E que poderá, conseqüentemente, interferir, também, no trabalho de qualquer encenador que assuma a tarefa de montar um espectáculo teatral tendo, como ponto de partida, a versão dramatizada por Santha Rama Rau.

A peça está dividida em 3 Actos, sendo que o segundo acto se subdivide em 2 cenas. No início de cada uma destas secções, é-nos dada uma descrição do espaço cénico e também das várias personagens, à medida que vão sendo introduzidas. No caso de Aziz, a primeira personagem em cena, para além da descrição física, encontramos o seguinte comentário: “ He has a sense of fantasy that leads him sometimes into ridicule and sometimes into poetry” (1960: 11). Mais adiante, aquando da entrada em cena das personagens femininas, a descrição de Miss Quested também não se limita à sua fisionomia e atitude, merecendo, da parte da autora, um conjunto de observações muito semelhantes às que poderiam ser enunciadas por um narrador com um bom conhecimento da cultura e dos padrões estéticos da Índia. Citemos, como exemplo:

She is certainly intelligent and cultivated and to western eyes not unattractive. To Indian she would seem pitifully ugly – the freckles, the colourless hair, the flatish chest, the lack of grace and feminine modesty. A beautiful woman might have troubled Aziz, but because Mrs. Moore seemed to him so old and Miss Quested so plain, his manner to both remains easy and straightforward. (1960: 20)

Já na última didascália do texto, indicativa da movimentação das personagens antes do cair do pano que põe fim à peça, é óbvia a carga simbólica que vem reforçar o sentido das últimas palavras, acabadas de ser pronunciadas por Fielding e Aziz:

Aziz and Hamidullah leave through the doors that lead to where the crowd had gathered. Fielding watches them go, then turns and exits the other way through the door that Miss Quested took. There is silence for a moment. The Young Man working the punkah continues to twitch his foot, staring without expression over the empty court room, as

THE CURTAIN FALLS (1960:112)

A saída de cena dos dois Indianos pela porta que conduz ao local onde se concentra a multidão, enquanto os dois Europeus (Miss Quested e Fielding) saem pela outra porta, constitui uma representação simultaneamente icónica e simbólica do inevitável desfecho resultante do confronto de duas culturas dissemelhantes, e ainda incapazes de compreender e aceitar o Outro.

No que diz respeito à acção dramática propriamente dita, importa comparar a concepção do episódio que, por constituir o principal ponto de viragem, adquire uma indiscutível centralidade. Refiro-me à cena que tem como cenário as Grutas Marabar, precedendo a enigmática fuga de Miss Quested e o consequente julgamento em tribunal.

Na versão de E. M. Forster, o diálogo entre Miss Quested e Aziz, em que ela o interroga acerca do seu casamento, é acompanhado pelo acesso aos pensamentos de cada um deles. Do lado da personagem feminina, encontramos a admiração pela beleza física do Indiano, que nela parece provocar um sentimento que se aproxima mais da inveja e da frustração, do que propriamente do desejo:

She did not admire him with any personal warmth, for there was nothing of the vagrant in her blood, but she guessed he might attract women of his own race and rank, and she regretted that neither she nor Ronny had physical charm. It does make a difference in a relationship – beauty, thick hair, a fine skin. (2005: 143)

Do lado de Aziz, a revolta e o sentimento de ofensa perante a pergunta evocativa de um aspecto da sua própria cultura que ele se esforçara por ultrapassar, na assimilação que ensaiara de um outro código ético-moral (“Have you one wife or more than one?”) (2005: 143)

Enquanto ele se dirige, sozinho, para uma das grutas, apelando à ajuda de um cigarro para recuperar a sua tranquilidade e boa-disposição, Adela entra,

por sua vez, numa outra gruta, perseguida pelas dúvidas que lhe ensombram a perspectiva do casamento com Ronny. O final do capítulo XV e o início do capítulo XVI não deixam, pois, que parem dúvidas no espírito do leitor quanto à inocência de Aziz relativa à acusação de assédio sexual de que virá a ser alvo em tribunal. O único enigma que persiste é o do verdadeiro motivo para a precipitada fuga de Adela, sendo que a presença de um guia indiano nas grutas não deixa nunca de figurar como hipotética explicação.

Já na versão dramatizada por Santha Rama Rau, embora igualmente se sublinhe o tom de ofensa com que Aziz responde à mesma pergunta (aqui formulada do seguinte modo: “Was she your only wife?”), a didascália que põe fim ao diálogo descreve a saída de cena de ambas as personagens na mesma direcção. O adensamento do mistério em torno do que terá acontecido no interior da gruta, sem que liminarmente se exclua a presença de ambos, constitui uma das peculiaridades desta versão. Uma outra consiste na transformação da figura de Mrs. Moore numa espécie de coro, cuja voz adquire então uma dimensão oracular, com repetidos presságios e enigmáticas suspeitas (“Love in the heat”, repete ela), potenciando a eminência da tragicidade que pende sobre os protagonistas da história.

A questão da eventual atracção física entre pessoas de raças distintas (subjacente à acusação de assédio sexual que atinge Aziz) transforma-se num tópico central e potencialmente decisivo, durante o julgamento levado a efeito no tribunal de Chandrapore, e que se estende por todo o terceiro acto. É esse o fio condutor da acusação feita por McBryde, o Superintendente da Polícia, que só consegue admitir a existência desse tipo de atracção num sentido condescendente com a superioridade de uma raça sobre a outra. Trata-se de uma tese apoiada no que afirma ser um facto cientificamente comprovado:

MCBRYDE The darker races are physically attracted to the fairer, but not vice versa. (...) It is merely a fact which any scientific observer will confirm. (1960: 95)

A reacção do público perante esta pretensa verdade científica – reacção veiculada por uma voz saída da multidão que assiste ao julgamento – desconstrói a aparente solidez do argumento. Com uma simples pergunta, essa voz provoca um autêntico anticlímax, feito de riso e tumulto:

VOICE (*from the CROWD*) Even when the lady is so uglier than the gentleman? (1960:95)

Pressupondo a primazia de um conceito transversal de beleza física sobre as diferenças ráticas, esta pergunta retórica sugere aquilo que, mais adiante, virá a ser reconhecido pela protagonista da história como a explicação mais plausível para a sua estranha atitude nas grutas de Marabar. Com efeito, uma vez terminado o julgamento, e perante a hipótese de alucinação avançada por Fielding, Adela deixa escapar a consciência da sua própria frustração sexual, como chave eventual para todo o enigma:

QUESTED (*eagerly*) (...) and you suggest it was an hallucination, the sort of thing ... that makes some women think they've had a proposal of marriage when none has been made. (1960: 107)

Significativamente, o próprio Aziz demonstrará a sua percepção dos subliminares motivos geradores do episódio que quase o atirara para a prisão. Num tom acintosamente mordaz, ele parodia os pensamentos e desejos ocultos que adivinha por detrás da aparente racionalidade e compostura de Miss Quested:

AZIZ “Dear Dr. Aziz, I wish you had come into the cave. I am an awful old hag and it is my last chance”. Will she sign that? (1960: 110)

Refutando a tese defendida em tribunal pelo chefe da polícia britânica (e ilustrativa de crenças e códigos culturais comuns aos povos colonizadores), a verdade dos factos virá a desafiar tabus e preconceitos fortemente enraizados, sobretudo ao desocultar a presença do desejo feminino – desejo esse que, para cúmulo, se traduz na atracção de uma mulher europeia por um homem indiano.

Esta é uma perspectiva que, sendo claramente enfatizada na versão de Santha Rama Rau, introduz uma subtil diferença face à explanação avançada no original de E. M. Forster. Como já tive ocasião de referir, no romance o narrador apenas sugere a existência de uma certa frustração, mesclada de inveja, perante os atributos físicos de Aziz, rejeitando, todavia, a presença de algo que se assemelhe ao desejo sexual na personagem feminina (“There was nothing of the vagrant in her blood”) (2005: 143)

Já na versão fílmica dirigida, em 1984, por David Lean, que além de realizador é também autor do argumento, a insinuação introduzida por Rama Rau no diálogo acima citado surge reforçada, através da adição de uma cena que não consta nem no livro, nem na peça de teatro.

Consciente das expectativas do público perante um filme cuja acção se desenrola na Índia, David Lean transfere muitas das cenas e sequências para o exterior, tirando, assim, partido visual das exóticas paisagens do continente

asiático. Para além disso, acrescenta uma cena em que Adela passeia de bicicleta pelo campo, acabando por descobrir um conjunto de esculturas eróticas nas ruínas de um templo associado a ritos de fertilidade.

Precedendo e preparando a sequência que terá lugar nas grutas de Marabar, esta cena contém uma óbvia carga simbólica, pela sugestão do despertar da sexualidade e do desejo na personagem feminina. Um despertar que vem envolto no medo da irracionalidade de tais pulsões, até então desconhecidas, e simbolizadas, também, no súbito e ruidoso aparecimento de inúmeros macacos que deslizam pelas esculturas. A fuga precipitada de Adela, na sua analogia com a reacção que virá a ter nas grutas, oferece-se como antecipação e sugestiva explicação para a enigmática atitude cujas consequências virão a ser desastrosas.

Para além disso, e significativamente, a pergunta lançada em tribunal como desafio à pretensa verdade científica invocada por McBryde provém agora não de uma voz na multidão, mas do próprio advogado de Aziz – o que lhe confere um maior peso, na dinâmica argumentativa e processual do julgamento.

De uma forma inequívoca, o filme de David Lean reforça, portanto, a velada sugestão de Rama Rau, evidenciando o facto de Adela ter sido vítima das suas próprias fantasias sexuais, despoletadas pela sua semi-inconsciente atracção física por Aziz.

O carácter visualmente explícito desta interpretação parece, no entanto, não ter agradado à autora do texto dramático que serviu de inspiração para o argumento do filme. Com efeito, quando, em Setembro de 1982, David Lean enviou uma cópia do argumento a Santha Rama Rau, esta manifestou algumas reservas, considerando tratar-se de uma versão pouco fiel ao romance de E. M. Forster.¹

Um outro aspecto do filme que causou alguma polémica foi a cena final. Enquanto o romance e a peça de teatro terminam, como vimos, com o adiamento de uma verdadeira amizade inter-racial para um futuro mais ou menos longínquo, o filme termina com um abraço entre Fielding e Aziz, sinalizando a existência de uma amizade de igual para igual.

¹ Segundo a informação fornecida por Gene D. Phillips: “Lean mailed a copy of the screenplay to Rau in September 1982. She found it very disappointing, further noting that she was not listed as coauthor. Rau was especially dismayed that Lean had departed from Forster at certain points; to her his novel was gospel. She told Lean as much in her letter of September 27, a copy of which she mailed to Bradbourne”. (Phillips 2006: 411)

Criticado por este desfecho, por muitos considerado demasiado «hollywoodesco» e desvirtuador da intenção original, David Lean empenhar-se-ia em explicar o carácter simbólico do abraço entre Fielding e Aziz, enquanto forma de comunicação entre indivíduos que preconiza e viabiliza uma futura aproximação entre as raças. (Phillips 2006: 432)

Apesar destas críticas, na sua estreia nos Estados Unidos, em Dezembro de 1984, o filme viria a ser considerado um esplêndido espectáculo visual, e o melhor filme de David Lean desde *Lawrence of Arabia*. Por sua vez, na estreia em Londres, em Fevereiro de 1985, estiveram presentes todos os membros da corte britânica, incluindo a Rainha Isabel II que, uns meses mais tarde, viria a conferir a David Lean o título de *Sir*.

Obtendo um enorme êxito comercial, quer na Europa, quer nos Estados Unidos, o filme *A Passage to India* receberia onze nomeações para os Óscares, sendo o próprio David Lean nomeado em três categorias: como realizador, argumentista e editor. Os Óscares acabariam por ser atribuídos a Peggy Aschcroft pelo melhor papel secundário (Mrs. Moore) e a Maurice Jarre pela banda sonora.

Não deixa de ser irónico o facto de a versão cinematográfica ter contribuído, de forma inequívoca, para uma ampla divulgação da história concebida por E. M. Forster e mais tarde dramatizada por Santha Rama Rau. A verdade é que, tanto quanto se sabe, E. M. Forster olhava a indústria cinematográfica com bastante desconfiança, tendo recusado expressamente a sua autorização para qualquer versão fílmica baseada no romance que escrevera – uma atitude oposta àquela que assumiu perante a adaptação teatral que, como já fizemos notar, mereceu a sua plena e entusiástica adesão.

Por consequência, quando David Lean viu a peça em cena no Comedy Theatre em 1960, solicitando, de imediato, autorização para adaptar o enredo ao cinema, o romancista declinou o pedido. Mais tarde, ao redigir o seu testamento, viria a manifestar uma maior flexibilidade, determinando que, se o seu representante literário permitisse uma versão fílmica do romance, o argumento deveria ser escrito por Santha Rama Rau. (Phillips 2006: 410)

Uma vez que era essa a intenção inicial, David Lean viria, finalmente, a conseguir a necessária autorização para a adaptação cinematográfica. E, embora o argumento se afaste parcialmente da versão dramatizada, merecendo, inclusive, algumas reservas por parte de Santha Rama Rau, o nome da drama-

turga, bem como o do romancista, são mencionados no genérico do filme, na qualidade de autores das duas obras em que David Lean se baseou para escrever o argumento.

Vinte e quatro anos depois de ter visto a peça de Santha Rama Rau representada em Londres, David Lean transpunha para o ecrã a história inicialmente concebida por E. M. Forster apenas para ser lida. O realizador concretizava, assim, um projecto de longa data, explorando as potencialidades visuais do território que serve de cenário a um difícil e doloroso confronto: o de duas culturas radicalmente distintas, naquele que acabaria por ser o último filme da sua longa carreira cinematográfica.

Bibliografia

Primária

Forster, E. M., *A Passage to India*. 2005. London: Penguin Books, 1936.

Rau, Santha Rama, *A Passage to India*. London: Edward Arnold, 1960.

Secundária

Moraitis, Catherine, *The Art of David Lean. A Textual Analysis of Audio-Visual Structure*. The University of Kent at Canterbury, 2001.

Phillips, Gene D., *Beyond the Epic. The Life and Films of David Lean*. The University Press of Kentucky, 2006.

Filmografia

Lean, David (real.), *A Passage to India*, 1984.

PASSAGEM PARA A ÍNDIA

Santha Rama Rau

Uma Peça Baseada no Romance de E. M. Forster

PERSONAGENS

por ordem de entrada

DR. AZIZ, Cirurgião-Assistente do Serviço Público no Hospital Governamental em Chandrapore

SR. FIELDING, Director do Colégio Governamental em Chandrapore

SR.^a MOORE, uma senhora idosa em visita ao seu filho em Chandrapore

MENINA ADELA QUESTED, informalmente comprometida com o filho da Sr.^a Moore, e viajando com ela

PROFESSOR GODBOLE, assistente do Sr. Fielding no Colégio Governamental

RONNY HEASLOP, Magistrado Distrital em Chandrapore, filho da Sr.^a Moore

UM TENENTE, colocado no Exército Indiano em Chandrapore

SR.^a MCBRYDE, esposa do Superintendente da Polícia em Chandrapore

SR.^a BURTON

SR.^a LESLEY

SR.^a COLLIN Esposas de outros funcionários públicos

MAJOR CALLENDAR, Cirurgião-Chefe do Hospital Governamental em Chandrapore

SR. BURTON

SR. FLETCHER Funcionários públicos

SR. TURTON, Cobrador de Impostos em Chandrapore

SR. MCBRYDE, Superintendente da Polícia em Chandrapore

SR.^a CALLENDAR, esposa do Cirurgião-Chefe

SR. HAMIDULLAH, advogado e amigo do Dr. Aziz

SR. AMRITRAO, distinto advogado de Calcutá

SR. DAS, Magistrado-Adjunto em Chandrapore

Criados, funcionários do tribunal, guardas, etc.

A acção da peça tem lugar na pequena cidade provincial de Chandrapore, na Índia Oriental, perto de Bengala. O tempo é o mês de Abril de um ano situado no início da década de 1920.

I ACTO

A Casa do Sr. Fielding, na zona do Colégio Governamental de Chandrapore, no início de Abril, cerca das 4 horas da tarde.

II ACTO

Cena Um Uma área de piqueniques perto das Grutas Marabar, fora de Chandrapore, às 9h da manhã, umas semanas mais tarde.

Cena Dois O Clube Inglês em Chandrapore, à noite, nesse mesmo dia..

III ACTO

O Tribunal em Chandrapore, de manhã, umas semanas mais tarde.

A peça foi representada pela primeira vez no Playhouse, em Oxford, em 19 de Janeiro de 1960. Seguiu-se uma volta pela província, após o que se estreou no Comedy Theatre, em Londres, em 20 de Abril de 1960.

I ACTO

O cenário é a sala-de-estar da casa do Sr. Fielding, na zona do Colégio Governamental de Chandrapore, na Índia. A casa foi restaurada a partir de um pavilhão de jardim da era Mongol. É uma sala particularmente bonita, que combina a sóbria elegância muçulmana com o toque mais exuberante da mobília e dos livros que a personalidade de Fielding lhe acrescentou. Na zona posterior do palco, uma série de arcos graciosos, divididos por esguios pilares de madeira pintados num tom de azul suave e romântico, separa a sala de um jardim Mongol, configurado de acordo com o tradicional padrão de pequenos lagos com lírios e canteiros trabalhados, numa sucessão de terraços ligados por estreitos degraus em mármore. À distância pode ver-se um homem quase nu, retirando castanhas-de-água de um tanque. Através deste Acto vêem-se, de vez em quando, pessoas que passam pelo jardim: uma mulher com um sari brilhante trazendo um cesto ou um pote à cabeça, caminhando descalça, devagar, erguendo por vezes um braço para segurar a carga; de vez em quando, um homem de calças largas e brancas, com uma camisa, além de um turbante cheio de brilho, que se detém para trocar umas breves palavras com o homem que está junto do tanque; crianças, talvez, correndo por ali, concentradas nalgum jogo.

Tem-se a sensação de se estar simultaneamente dentro e fora de casa, de não haver separação rígida entre o jardim e a sala, de uma ténue luz dourada banhando tudo, com uma espécie de desdém impessoal pelo cenário indiano lá fora, e o gesto casual de ocidentalização no interior da sala. No lado direito do palco estão portas de vidro fosco, aí colocadas para criar uma zona que serve de quarto a Fielding. O lado esquerdo do palco está mais aberto. Aí a entrada para a casa faz-se através de outro arco, com o vislumbre de uma arcada leve, encantadora e frívola, por detrás. O conjunto foi construído no – digamos – século XVIII, como um pavilhão para o prazer, um local para sentar e observar a simetria, a elaborada perfeição

do panorama, para falar, para recitar poesia, para escutar o som da água deslizando de lago em lago. Alguma coisa dessa atmosfera ainda permanece – um chão liso e frio, por exemplo, contendo um padrão em mosaico, um fugidio fragmento de uma pintura estilizada numa das paredes internas, provavelmente uma cena da corte.

A mobília é tão desprezível que não parece anacrônica. Acrescenta algo do conforto ocidental, mas sem destoar do conjunto. Algures, numa mesa baixa, um serviço de chá está coberto por uma grande toalha branca – há sempre uma grande quantidade de panos brancos na Índia, os criados transportam-nos, as pessoas põem-nos à cabeça, penduram-nos no ombro, espalham-nos aqui e ali – neste caso, por causa do pó, outra componente essencial do ar indiano. E é claro que há flores.

São quatro horas de uma tarde de Primavera (na Índia isto significa o início do tempo quente, dois meses ou dois meses e meio antes de as monções, as chuvas do pino do Verão, começarem a refrescar de novo a região). A data fica algures no início dos anos vinte. O palco está vazio. Vê-se a sombra de FIELDING a atravessar as portas de vidro fosco de um lado para o outro, aparentemente à procura de alguma coisa, e a vestir-se no quarto.

O DR. AZIZ entra pelo lado esquerdo do palco. É um Indiano magro e de estatura média. Tem imensa energia – balança-se ligeiramente enquanto caminha – é volátil, fala com rapidez e expressividade, fazendo muitos gestos com as mãos. Tem um sentido de fantasia que por vezes o leva ao ridículo, e outras vezes à poesia. Está formal e imaculadamente vestido com roupa inglesa.

AZIZ (gritando da entrada) Sr. Fielding! Sr. Fielding! Sr. Fielding? (vê a sombra dele na porta de vidro) Eu vim simplesmente sem avisar. Será que me perdoa esta informalidade?

FIELDING (do quarto) É claro, é claro! Por favor, ponha-se à vontade.

AZIZ (toma as palavras à letra) Posso mesmo, Sr. Fielding? É muito amável da sua parte, eu adoro os comportamentos não convencionais.

FIELDING Fico encantado.

AZIZ O facto é que há muito tempo que tenho vontade de me encontrar consigo. Mas onde é que as pessoas se podem encontrar, neste miserável buraco que é Chandrapore. (em tom irónico) Onde é que o pobre médico indiano se pode cruzar com o Eminent Director Europeu do Colégio Governamental?

FIELDING Meu caro amigo.

AZIZ (vai até à porta do quarto) Quando você chegou aqui pela primeira vez

– vou dizer-lhe aquilo que eu costumava desejar. Costumava desejar que você ficasse doente, para nos podermos encontrar dessa maneira.

FIELDING *ri-se*. AZIZ *ri-se também, e começa a improvisar*.

Eu dizia para mim próprio, «Como estará o Sr. Fielding esta manhã? Talvez pálido? E o Cirurgião também está pálido. É malária, sem dúvida. Ele não estará em condições de ajudar o Sr. Fielding quando começarem os tremores. Terão de me mandar chamar a mim».

FIELDING Então conhece-me de vista?

AZIZ É claro, é claro. E não só, também ouvi as suas palestras. Você é um insigne estudioso da poesia persa. Conhece-me a mim?

FIELDING Eu conheço muito bem o seu nome.

AZIZ Escute, Sr. Fielding.

FIELDING Sim?

AZIZ Adivinhe como é que eu sou, antes de sair daí. Será uma espécie de jogo.

FIELDING Tem cerca de um metro e setenta e cinco de altura.

AZIZ Fantástico!

FIELDING Bem, tinha que ser. Eu vejo-o através da porta.

AZIZ Bem, e que mais? Não tenho uma venerável barba branca?

FIELDING Irra!

AZIZ Aconteceu alguma coisa?

FIELDING Acabei de pisar o meu último botão de prender atrás o colarinho.

AZIZ Fique com o meu, fique com o meu.

FIELDING Tem um a mais?

AZIZ Sim, sim, é só um minuto.

FIELDING Se é o que está a usar, não quero.

AZIZ Não, não, tenho um no bolso.

Afasta-se da porta de modo a que FIELDING não possa ver a sua silhueta, tira o colarinho e arranca o botão, que é de ouro.

Aqui está!

FIELDING *(depois de uma pausa)* Mas ninguém traz no bolso um botão de colarinho.

AZIZ Eu trago sempre, para uma emergência.

FIELDING Que disparate.

AZIZ olha desanimado para o botão, que segura com os dedos. Põe-o no bolso com uma expressão irritada.

AZIZ Os Indianos são conhecidos por dizerem disparates, com certeza sabe disso.

FIELDING Eu só não queria que se privasse de...

AZIZ (*num tom sarcástico*) Não seria privação, pode ficar descansado. Para mim seria uma grande honra.

FIELDING (*juntando-se ao sarcasmo dele, claramente irritado*) Olhe, Dr. Aziz, fique com o seu botão. Eu posso mandar vir outro facilmente.

AZIZ Com certeza! Sim, sim, com certeza! Mande o seu criado ao bazar – consiga o seu novo botão de colarinho, um que não seja usado – é para isso que servem os Indianos, não é verdade?

FIELDING De que é que está a falar?

AZIZ (*ainda mais exaltado*) Só um Inglês é que é suficientemente amigo para fazer um favor. Fiz mal em oferecer-me, já percebi.

FIELDING (*após uma longa pausa*) Dr. Aziz, por favor desculpe-me. Só um momento. É absurdo estar a discutir com um homem que nunca se viu. Fico encantado e grato por usar o seu botão de colarinho.

AZIZ (*reagindo de imediato*) Pois claro, pois claro, não há problema!

FIELDING *aparece a atar o cinto de um roupão. Tem vestidas as calças do fato por debaixo do roupão, meias e chinelos. É um homem grande, peludo, desleixado, grisalho, com gestos soltos. Sorri, aperta a mão a AZIZ e pega no botão.*

FIELDING Muito obrigado. Envergonho-me por ter sido rude.

AZIZ (*graciosamente*) Nada de importância...

FIELDING O facto é que tenho os nervos em franja. Tive um dia desgraçado com as comissões de inspecção do Governo. (*abana a cabeça*) Oh, meu Deus! Sente-se, enquanto acabo de me vestir – se é que me perdoa a falta de formalidade.

Continua a vestir-se devagar nos minutos seguintes

AZIZ (*olhando em torno do quarto com curiosidade*) Com todo o prazer. Faz-me sentir que já somos amigos há muito tempo.

FIELDING Bom, pode ser. Fui censurado durante todo o dia. Não estou de muito boas relações com os superiores, neste momento. Eles não gostam de falta de formalidade. «Os Britânicos e os Indianos devem manter-se nos respectivos lugares», dizem-me eles – como equipas num qualquer jogo cansativo.

AZIZ Os Ingleses não gostam de desportos?

FIELDING (*rindo*) Não posso ser incomodado com esse tipo de jogos quando

estou a tentar fazer o meu trabalho. Porém, tenho a certeza de que não veio aqui para ouvir as minhas queixas. Sente-se.

AZIZ (*encantado com o quarto*) Eu pensava que os Ingleses mantinham os quartos muito limpos. Parece que não é bem assim. Não preciso de ficar tão envergonhado.

Senta-se alegremente no sofá e, completamente à vontade, levanta as pernas e cruza-as debaixo de si.

Tudo friamente arrumado em gavetas, era o que eu pensava. Posso dizer-lhe uma coisa, Sr. Fielding? É a primeira vez que sou convidado para a casa de um Inglês. Umas vezes fui chamado em caso de doença quando o meu superior, o Major Callendar, estava fora. Mas para uma ocasião social como esta – informal, entre iguais – nunca. Não, não, nunca, nunca.

FIELDING (*olhando para ele com intensidade*) A sério? Que – que surpresa.

AZIZ Sim, é verdade. Mas não é surpresa, pois não sou um lambe-botas. Eu não sou um desses.

FIELDING Não é isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que parece não haver limites para a nossa estupidez na Índia. Por que razão havemos de acrescentar o insulto social à ofensa política, pergunto-me eu.

AZIZ Muito bem, muito bem, Sr. Fielding. O insulto social à ofensa política. Hei-de lembrar-me disso para dizer aos meus amigos.

FIELDING Com certeza não é uma ideia nova para eles.

AZIZ A ideia, não. Mas ouvi-la da boca de um Inglês, sim. Pode crer, oh sim! Falamos dessas coisas entre nós, os meus amigos, e eu –

FIELDING Porém, se não lhe fizer diferença, preferia que não mencionasse esta minha observação. Foi apenas – apenas uma observação casual.

AZIZ E verdadeira. Mas se prefere assim, eu não menciono. Mas – desculpe esta pergunta, Sr. Fielding – posso perguntar porquê?

FIELDING Oh, por nenhuma razão em especial. É só porque não vale a pena arranjar problemas. Já tenho que cheguem.

AZIZ (*melindrado de novo*) Está preocupado com a indiscrição dos meus amigos?

FIELDING (*desconfortável*) Não, não, é claro que não. (*querendo dizer «Sim, talvez»*).

AZIZ Os Indianos também sabem o que é a discrição, não é uma coisa apenas reservada aos Britânicos.

FIELDING Vá lá, Aziz, eu não estava a insultar os seus amigos.

AZIZ Ainda bem, porque eles são bons tipos. Conhece o velho Hamidullah, o advogado? Ou Mahmoud Ali – ah, esse é um filósofo! – ou o nobre Bahadur? Se calhar nunca ouviu falar deles.

FIELDING Já ouvi falar. Suponho que nenhum de vocês costuma ir às festas de *Bridge*?¹

AZIZ Como muçulmanos que somos, não jogamos às cartas.

FIELDING Desculpe – não é esse jogo. O *Bridge* é uma das piadas deprimentes do Turton – ele refere-se a uma festa para fazer a ponte entre o Oriente e o Ocidente.

AZIZ Ah, estou a ver, muito espirituoso.

FIELDING *acena*

Não, nunca vamos. Os meus amigos dizem-me, «O que é que podemos esperar destes Ingleses? Desprezo, nenhuma compreensão dos nossos costumes e da nossa civilização – insultos sociais, apenas – é melhor deixá-los em paz».

FIELDING Eles podem ter toda a razão, sabe?

AZIZ Não, Sr. Fielding. Desculpe, mas tenho que discordar. Sabe, eu penso que a amizade é possível – não só possível, mas também importante. Sim, sim, eu sei o que me vai dizer – os meus amigos dizem-me o mesmo – nós não misturamos azeite e água. Temos as nossas diferenças políticas. Vocês não gostam da nossa comida e dos nossos costumes, e nós tentamos gostar dos vossos, mas – (*encolhe os ombros*). Seja como for, vocês acham que somos atrasados, e nós achamo-vos toscos. O que fazer? Eu digo que tem que haver amizade. Nada pode abalar esta minha ideia. Nada, Sr. Fielding! Nada! Eu digo que a amizade entre dois indivíduos é maior do que todas essas coisas. Concorda comigo?

FIELDING Bem, nunca ouvi falar de nenhuma amizade que tenha começado nas festas de *Bridge*.

AZIZ Os meus amigos são sensatos quando me aconselham a não ir – embora, imagine só, eu pudesse tê-lo encontrado *a si*, Sr. Fielding. Por outro lado, tenho curiosidade em conhecer o Clube Inglês em que não podemos entrar.

FIELDING (*rindo*) Achá-lo-ia extremamente aborrecido – bilhar, ténis, conversas de trabalho na sala de fumo, bebidas no bar, em que os Ingleses não se importam de beber em demasia por não estarem a ser observados pelos Indianos. É realmente muito chato.

¹ Trocadilho entre o nome do jogo de cartas e o significado da palavra *bridge* (ponte).

AZIZ Então porque é que lá vai?

FIELDING Oh, nem sei. Se eu não fosse lá, acho que as pessoas me achariam estranho, e descobri que é melhor não fazer inimigos – tiram-nos demasiado tempo.

AZIZ E os amigos também? Esses também nos tiram tempo? Até me faz chegar as lágrimas aos olhos, Sr. Fielding! Que vida tão solitária, aquela que me descreve! Posso dizer-lhe mais uma coisa? Isto é um poema persa que eu quero que seja inscrito no meu túmulo, quando eu morrer! Ouça, por favor.

«Eis que sem mim, por milhares e milhares de anos
A Rosa despontará e a Primavera florescerá
Mas aqueles que secretamente entenderam o meu coração –
Aproximar-se-ão, e virão visitar o meu túmulo».

Não é lindo? Não é uma filosofia profunda? Sabe, é isso que eu quero ... o entendimento secreto do coração!

FIELDING (*sorrindo*) Não sou tão ambicioso. Eu só quero ensinar – sobretudo aqui – e não posso complicar a minha vida com coisas que poderiam interferir.

AZIZ Se eu fosse assim tão bom na minha profissão –

FIELDING Está a lisonjear-me.

AZIZ Não é lisonja! Garanto-lhe! Eu ouvi as suas palestras.

FIELDING Por que raio usamos nós os colarinhos?

AZIZ *prepara o botão*

AZIZ Usamo-los para passar pela polícia.

FIELDING (*pronto para desatar a rir*) O quê?

AZIZ Se eu estiver a andar de bicicleta com roupa inglesa ... (*imitando*) colarinho engomado, chapéu com aba – não ligam. Quando uso um barrete árabe, eles gritam, «A lâmpada está apagada». Deixe-me dizer-lhe, Sr. Fielding, *Lord Curzon* não tomou isto em consideração quando pediu aos nativos da Índia que mantivessem os seus trajos pitorescos. Urra! O botão entrou. – Às vezes fecho os olhos e sonho que estou de novo vestido com roupa esplendorosa e cavalgando a caminho da batalha, atrás de *Alamgir*. O Império Mongol no seu auge, e *Alamgir* reinando em *Díli* sobre o Trono Pavão. Sr. Fielding, não acha que a Índia deve ter sido maravilhosa nessa altura?

FIELDING Acho, sim. Bom, vai ter uma oportunidade para descrever tudo isso às duas senhoras que vêm tomar chá para o verem – Penso que as conhece.

AZIZ Verem-me a mim? Eu não conheço nenhuma senhora.

FIELDING Não? Não conhece a Sr.^a Moore e a Menina Quested?

AZIZ Oh sim – já me lembro. A Sr.^a Moore, uma senhora muito idosa. Mas pode repetir o nome da outra que a acompanha?

FIELDING Menina Quested. Pode falar-lhe sobre o Trono Pavão, se quiser. Ela é uma intelectual de Kensington. (*num tom ligeiramente trocista*) Ela diz que quer conhecer a Índia *real*.

AZIZ Estou a ver.

FIELDING Uma destas noites no Clube ela estava a dizer que está cansada de ver Indianos pitorescos a passarem à frente dela como num friso, e que agora queria encontrar-se com alguns.

AZIZ (*desapontado*) Então, afinal, vai ser uma festa de *Bridge*.

FIELDING (*rapidamente*) Oh não – por favor, desculpe-me. Fiz com que a Menina Quested parecesse emproada – e não era isso que eu pretendia. Achei muito sensato da parte dela querer encontrar-se com alguns Indianos, se vai realmente viver neste país.

AZIZ Ah, agora entendo.

Num tom significativo, pois tomou a observação de FIELDING como querendo dizer que a MENINA QUESTED viverá com o próprio FIELDING.

Ela vai fixar-se aqui em Chandrapore?

FIELDING Bem, ainda não há a certeza. Ela poderá vir a casar-se aqui.

AZIZ (*num tom sincero*) Sinto-me honrado por me dizer isso conhecendo-me há tão pouco tempo. Estou a ser muito sincero. E sem dúvida que tentarei recebê-la o melhor possível, dentro das minhas fracas possibilidades.

FIELDING (*não percebeu a interpretação de AZIZ*) Bem, é muito simpático da sua parte. Mas na verdade não é ela a razão de eu o ter convidado a vir aqui esta tarde. A Sr.^a Moore, que a acompanhou nesta viagem à Índia, disse-me que o conhecia e queria muito vê-lo outra vez. Pediu-me expressamente que o convidasse. E então, naturalmente, concordei.

AZIZ (*ofendido por não ter sido ideia do próprio FIELDING*) Naturalmente. Tem que se fazer a vontade às senhoras. Embora eu não consiga imaginar por que razão fez a Sr.^a Moore esse pedido, pois não posso dizer que a conheço, apenas a encontrei por acaso na minha mesquita. Tinha lá ido uma noite, sozinho, para uns momentos de descanso e meditação. Ela mexeu-se no escuro e eu pensei que era um fantasma. Acho que também a assustei, pois quando a vi ao luar e percebi que era uma mulher europeia, gritei, «Senhora, senhora,

senhora! Este é um lugar sagrado para os muçulmanos. Tem que tirar os sapatos».

FIELDING E ela tirou?

AZIZ (*o seu bom humor reposto pela recordação*) Não podia. Ela já os tinha tirado e deixado na entrada, como deve ser. É notável, não é, que ela tenha tido esse cuidado? Muito poucas europeias o fariam, sobretudo ao pensar que ninguém está lá para ver.

FIELDING Você disse-lhe isso?

AZIZ Oh sim. E ela respondeu de forma poética. Ela disse, «Não faz diferença, Deus está aqui». Poesia, está a ver. Depois falámos sobre os filhos dela e sobre os meus.

FIELDING Então, afinal são amigos.

AZIZ Oh sim, conheço bem a Sr.^a Moore. Ela é uma grande amiga minha e, além disso, é uma Oriental.

FIELDING O que quer dizer com isso ?

AZIZ Ela disse-me que não compreendia muito bem as pessoas, mas sabia se gostava delas ou não.

FIELDING Então isso é que é ser oriental. Pergunto-me se o meu assistente, Godbole, concordaria com essa definição. Também estou à espera de que ele venha hoje tomar chá. Temos que lhe perguntar. Se ele aparecer, é claro.

AZIZ Por que razão não havia de aparecer? Nem todos os Indianos são assim tão pouco fiáveis. E ainda por cima para ter a honra de tomar chá com o Director?

FIELDING Não sei até que ponto é uma honra. Nas outras vezes em que o convidei, deu-me sempre uma desculpa.

AZIZ Ah, o bom professor certamente sente-se intimidado perante si, Sr. Fielding.

FIELDING O mais provável é que ache a minha comida pouco higiénica, e é demasiado bem-educado para mo dizer. Ele é um ortodoxo, sabe.

AZIZ Oh sim. Esses brâmanes são muito rígidos. E são todos muito subtis. A filosofia hindu é demais para mim. Nós, pobres muçulmanos, confiamos no nosso coração, e não tanto no nosso intelecto. Os sentimentos do nosso coração conduzir-nos-ão a Deus, não concorda?

FIELDING Bem, ensinam-nos que Deus é amor, mas eu nunca –

AZIZ Está a ver? Está a ver? Ao fim e ao cabo somos todos irmãos, Sr. Fielding.

FIELDING (*rindo*) Meu caro amigo! Não consigo acompanhá-lo – você põe-me a cabeça a andar à roda!

AZIZ (*rindo com ele*) Isso é muito bom – é o primeiro passo. Passando para outro plano, andaremos à roda juntos e assim nos tornaremos amigos.

Um CRIADO entra pelo lado esquerdo do palco e fica parado na arcada. Atrás dele estão a SR.^a MOORE, uma mulher idosa e grisalha com uma expressão ausente e a MENINA QUESTED, uma jovem magra e loura com vinte e muitos anos. Tem um ar vigoroso e inquisitivo, por vezes com toques de nervosismo. É sem dúvida inteligente e culta e, aos olhos ocidentais, não desprovida de atractivos. Para os Indianos pareceria lamentavelmente feia – as sardas, o cabelo sem cor, o peito chato, a falta de graça e de modéstia feminina. Uma mulher bonita poderia ter perturbado AZIZ, mas como a SR.^a MOORE lhe parecia muito velha e a MENINA QUESTED muito feia, o seu comportamento perante elas é descontraído.

FIELDING (*atravessando a sala para ir buscar as mulheres*) Boa tarde, boa tarde. Não tiveram dificuldade em encontrar o caminho?

QUESTED De maneira nenhuma. O Sr. Heaslop cedeu-nos a carruagem. Virá mais tarde buscar-nos.

AZIZ (*com expressão jovial, do outro lado da sala*) Oh, que prazer ver o Sr. Heaslop mais tarde. Se ele vos vem buscar, estarão de facto em boas mãos.

A MENINA QUESTED olha para ele surpreendida com o tom, pois ele está a falar acerca do noivo dela. FIELDING começa rapidamente a fazer as apresentações.

FIELDING Sr.^a Moore, acho que a senhora e o Dr. Aziz já se conhecem.

MOORE Sim, sem dúvida. Que bom voltar a vê-lo!

AZIZ *dirige-se ao grupo que está junto à arcada, para lhes apertar a mão.*

FIELDING Menina Quested, Dr. Aziz.

A MENINA QUESTED sorri ao reconhecer o nome – a SR.^a MOORE contou-lhe o incidente na mesquita. Ela dirige-se com AZIZ para o sofá, enquanto a SR.^a MOORE se dirige para uma cadeira e FIELDING murmura algumas instruções ao CRIADO acerca do chá.

QUESTED Dr. Aziz, tenho um enorme prazer em conhecê-lo. Eu sinto que talvez me possa ajudar a *compreender* a Índia.

AZIZ Quem é que compreende a Índia? Os Indianos certamente que não.

FIELDING Por favor, queiram sentar-se.

QUESTED A Sr.^a Moore contou-me que foi muito amável com ela na

mesquita, e muito interessante. Ela aprendeu mais sobre a Índia nesses poucos minutos de conversa consigo do que nas três semanas que já passaram desde que chegámos.

AZIZ Oh, por favor não mencione algo tão insignificante. Haverá mais alguma coisa que eu possa dizer-vos sobre o meu país?

QUESTED Um desapontamento que tivemos esta manhã. Talvez possa explicar-nos, é claro que se tratará de alguma forma de etiqueta indiana.

AZIZ Não se põe a questão da etiqueta. Por natureza somos um povo muito informal.

A esta observação segue-se um silêncio por parte dos outros. AZIZ não se apercebe disso. FIELDING começa a dizer algo mas é gentilmente interrompido.

MOORE Eu tive receio de que tivéssemos sido indiscretas e ofensivas.

AZIZ Isso é ainda mais improvável. Mas podem dar-me a conhecer os factos?

QUESTED Uma senhora e um cavalheiro indianos tinham-nos convidado a ir visitá-los, e ficaram de enviar a sua carruagem para nos vir buscar hoje às nove da manhã. Nunca veio. Esperámos, esperámos, esperámos.

FIELDING (*tentando aligeirar o assunto*) Algum mal-entendido, na certa.

QUESTED Oh não, não foi isso. Eles até desistiram de ir passear connosco a Calcutá.

FIELDING Eu não me preocupava com isso, de qualquer modo.

QUESTED (*num tom um pouco exaltado*) Isso é o que todos me dizem. Mas se não nos preocupamos, como é que vamos alguma vez *compreender*?

AZIZ Eu acho que eles tiveram vergonha da casa que têm, e foi por isso que não vos foram buscar.

FIELDING É bem possível.

QUESTED Eu odeio mistérios.

FIELDING Isso é muito inglês da sua parte.

QUESTED Eu não gosto não é por ser inglesa, mas sim – de um ponto de vista pessoal.

MOORE (*interrompendo num tom vago*) Eu gosto de mistérios, mas detesto charadas.

FIELDING Um mistério é uma charada.

MOORE (*sem qualquer ênfase*) Oh, acha que sim, Sr. Fielding?

FIELDING Bem, um mistério é uma palavra bem sonante para uma charada.

Aziz e eu sabemos que a Índia é uma charada.

MOORE A Índia – Oh, que ideia tão alarmante!

AZIZ (*que esteve a ouvir este diálogo com um ar confuso, virando a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse num jogo de ténis*) Não haverá charadas quando forem visitar-me a minha casa. A Sr.^a Moore e não só – convido-vos a todos – oh, por favor.

MOORE É muito amável da sua parte, Dr. Aziz. Terei imenso prazer.

QUESTED Eu também! (*tira um pequeno livro de dentro da bolsa*) Posso anotar o seu endereço?

AZIZ (*horrorizado – eles levaram a sério um momento de boa educação*) É uma pena que a minha cabana seja uma coisa terrível. Fica perto do bazar. Não tem espaço nenhum, e mesmo o que há está infestado com pequenas moscas pretas. Oh, mas falemos de outras coisas. Vejam esta bela sala! Vejam aquelas curvas na base dos arcos. Que delicadeza! É a arquitectura da Pergunta e Resposta. Sr.^a Moore, a senhora está na Índia. E não estou a brincar. Imagine – olhe, imagine que sou um alto oficial do século XVIII. Uma pobre viúva que foi roubada dirige-se a mim e eu dou-lhe 50 rupias. A outra pessoa, com um outro tipo de queixas, dou cem – era disso que eu gostava.

MOORE (*sorrindo*) As rupias não duram para sempre. Mas concordo, ao método moderno parece faltar imaginação – ou humanidade. Mas as rupias não duram para sempre.

AZIZ As minhas rupias haviam de durar. Deus dar-me-ia mais ao ver que eu dava.

QUESTED Eu pensava que o nosso código penal era um dos nossos maiores êxitos na Índia. O Sr. Heaslop explicou-me que não havia nenhum sistema global de justiça para toda a Índia antes da governação britânica.

AZIZ Justiça? Oh, Menina Quested, está a falar de uma coisa diferente. Sim, sim, concordo que o oficial britânico consegue administrar a lei, mas é necessário um Príncipe para dar justiça a um povo. Oh, sem dúvida (*pois vê uma expressão de dúvida no rosto da MENINA QUESTED*) porque a justiça consiste em dar, dar sempre, sempre bondade e dádiva. Eu acho que não se deveria punir ninguém.

FIELDING *está ocupado a servir o chá. A SR.^a MOORE sorri e acena para AZIZ em sinal de concordância e de prazer. A MENINA QUESTED escuta com atenção, esforçando-se por compreender este estranho ponto de vista.*

MOORE Que diferença em relação ao conceito que o meu filho tem sobre o que é ser um magistrado!

QUESTED Mas, Dr. Aziz – haverá uma alternativa satisfatória para o castigo dos criminosos? Sabe, em Inglaterra eu estive integrada numa comissão para o melhoramento das condições na prisão, e é claro –

AZIZ (*interrompendo com vivacidade*) Pobre criminoso! Dêem-lhe outra oportunidade! Só torna os homens piores, irem para a prisão e serem corrompidos. Nós não punimos ninguém, ninguém no meu palácio, e à noite daremos um grande banquete com lindas raparigas à volta do tanque com fogo de artifício nas mãos, e todos estarão festejando e felizes até ao dia seguinte, em que haverá justiça como sempre... cinquenta rupias, cem, mil ... até vir a paz. Ah, porque é que não vivemos nesse tempo?...

MOORE (*rindo*) Mas a Índia ainda é linda, pense na nossa mesquita.

AZIZ Sr.^a Moore, lembra-se da nossa mesquita?

MOORE É claro.

AZIZ Lembra-se de vermos a lua reflectida na água do tanque? A tremer e maior do que a lua real? Lembra-se?

MOORE Eu nunca me esquecerei.

AZIZ Sabe que a água vem da nossa mesquita e enche o jardim da casa do Sr. Fielding? Uma ideia engenhosa dos nossos Imperadores. Eles adoravam a água. Para onde fossem, criavam fontes, jardins, *hammams* –

QUESTED (*pegando no pequeno bloco de notas onde escreve as palavras estrangeiras à medida que as vai encontrando*) O que é isso? *Hammams*? Como é que se escreve?

AZIZ Um *hammam* é uma zona de banhos ... mas oh Menina Quested, uma zona linda e luxuosa. Imagine que é uma princesa, Menina Quested, com o cabelo preto deslizando até à cintura, brilhante como a asa de um pássaro, o rosto redondo como a lua, os seios como romãs. Está rodeada pelas suas aias, que lhe esfregam o corpo com óleo de sândalo, perfumam a água do banho com almíscar e depois espalham pétalas de rosa para dar beleza. Algures no jardim um *bul-bul* está a cantar. Oh, não há som mais belo do que o do *bul-bul*. Você sai de dentro dos véus em direcção à água e –

FIELDING *pigarreia ruidosamente, com um leve sorriso perante o curioso contraste entre a figura muito direita e desprovida de volúpia da MENINA QUESTED e a descrição de AZIZ.*

FIELDING Aziz, dê mais uma chávena de chá à Sr.^a Moore, por favor.

AZIZ Com prazer, com prazer. (*enche-lhe a chávena*) E à Menina Quested também.

QUESTED Oh sim, por favor.

AZIZ (*leva o bule até junto dela e enquanto deita o chá diz*) Faça de conta que está a beber *sherbet* ... a bebida daquelas princesas lindas e voluptuosas...

A MENINA QUESTED, *desconfortável e alarmada perante a extravagância de AZIZ, olha para ele enquanto ele fala, inclinado para ela. A mão dela treme e o chá espalha-se sobre o vestido e o sofá. Ela salta e a chávena cai e estilhaça-se.*

QUESTED Oh, peço desculpa ... Olhem o que eu fiz...Oh meu Deus...

FIELDING Não tem importância nenhuma. (*grita*) Ranjit!

O CRIADO *aparece e limpa tudo.*

QUESTED (*agora mais à vontade*) Assim já me sinto melhor. (*para* FIELDING) Oh, espero não lhe ter estragado o sofá. Não costumo ser tão desajeitada.

FIELDING Como o Aziz costuma dizer, não é ser desajeitado, mas sim generoso de espírito.

Ri-se.

QUESTED (*rindo-se também*) Bem, pelo menos aprendi esta tarde como transformar uma inaptidão numa virtude.

GODBOLE *entra. É um homem de meia – idade, direito, vestido com trajos indianos, com um sinal de casta na fronte, em tom vermelho e amarelo. É bem-educado e enigmático. Não aperta a mão, junta as palmas das mãos num ‘namaskar’ ... a saudação indiana.*

FIELDING Ah Godbole, finalmente chegou. Já conhece o Dr. Aziz. E aqui estão duas novas visitantes de Chandrapore. A Sr.^a Moore, a Menina Qusted. O meu esquivo assistente, o Professor Godbole.

A SR.^a MOORE *acena para Godbole. A MENINA QUESTED tenta copiar a saudação de Godbole.*

A Sr.^a Moore, como espero que saiba, é a mãe do nosso Magistrado.

AZIZ Do Sr. Heaslop? Sr.^a Moore, como é que pode ser?

MOORE O meu primeiro marido, pai do Ronny, faleceu.

AZIZ E Moore? Quem é que se chama Moore?

MOORE Eu voltei a casar. Em Inglaterra isso é considerado normal.

AZIZ Estou a ver. Estou a ver. Bem, então, Sr.^a Moore, estamos no mesmo barco. A minha esposa também faleceu. Agora só temos os nossos filhos. Os meus filhos são a minha maior alegria. Os seus também, Sr.^a Moore?

MOORE Uma alegria e uma ansiedade.

AZIZ (*com um ar maroto*) Coitado do Sr. Fielding, ele não tem filhos! Nem

as alegrias nem as ansiedades! Isso preocupa-o, Sr. Fielding?

FIELDING De modo nenhum.

AZIZ Esta indiferença é o que os Orientais nunca poderão compreender. Pense bem – o seu nome morrerá completamente –

FIELDING Suponho que sim (*rindo*) – a não ser, é claro, que acabe por me casar.

AZIZ (*deliciado*) Ainda é possível! Eu sei, eu sei! E deixe-me desejar-lhe muitas felicidades antecipadamente.

GODBOLE E eu mandar-lhe-ei alguns doces saudáveis nessa ocasião. Darei a mim próprio esse prazer.

AZIZ Já sei, Sr. Fielding, faremos da sua visita a minha casa uma celebração ... uma celebração antecipada ... o que é sempre melhor!

FIELDING Nada de especial quando o formos visitar. (*para as senhoras*) Não é verdade?

QUESTED Oh, é claro. Por favor não desarrume a casa.

AZIZ Em minha casa não – é demasiado horrível!

GODBOLE A casa é apenas uma concha. Lá dentro, a criatura viva.

AZIZ Mas, Professor, esta criatura ficaria morta de vergonha. Já sei! Convido-vos a visitarem-me todos nas Grutas Marabar. Quando eu voltar para Chandrapore, quero eu dizer.

MOORE Vai-se embora, Dr. Aziz?

AZIZ Uma breve visita, só isso, a um parente em Calcutá. (*rindo*) Ele tem tantas filhas que precisa de uma conversa masculina!

QUESTED Bem, então quando voltar?

AZIZ Muito bem! Por favor não se esqueçam ... faremos um piquenique nas Grutas Marabar.

FIELDING Excelente.

AZIZ Godbole, virá também?

GODBOLE Oh, é um entretenimento fabuloso! Mas as senhoras ainda não visitaram as nossas grutas?

QUESTED Não, nem sequer ouvi falar delas.

AZIZ Não *ouviu* falar delas? As Grutas Marabar nos Montes Marabar? Ora, são uma das maiores maravilhas do mundo.

QUESTED Certamente que alguém como você, Dr. Aziz, que já as viu tantas vezes, vai achar-me tola ... mas diga-me o que devo procurar quando lá for.

AZIZ Infelizmente, eu próprio nunca as visitei. O trabalho ou os assuntos

pessoais impediram-me, e além disso elas ficam muito longe.
 FIELDING (*rindo*) Meu caro Aziz!
 QUESTED Professor Godbole, já viu as Grutas? (*ele acena que sim*) Deixe-me perguntar-lhe, são grandes?
 GODBOLE Não, não são grandes.
 MOORE Descreva-as, Professor Godbole.
 GODBOLE Será uma grande honra. (*longa pausa*) Há uma entrada na rocha... Por onde se entra ... E ao entrar está-se na gruta.
 FIELDING Algo parecido com as grutas em Elephanta?
 GODBOLE Oh, não, nada disso. Em Elephanta há esculturas de Siva e Parvati. Não há esculturas em Marabar.
 AZIZ São imensamente sagradas, sem dúvida ?
 GODBOLE Oh não, oh não.
 FIELDING Ornamentadas, de algum modo?
 GODBOLE Oh não.
 AZIZ Porque é que falamos tanto acerca das Grutas Marabar? Talvez seja a nossa vã gabarolice.
 GODBOLE Não, eu não diria isso.
 AZIZ Então elas *merecem* ser famosas? Sim?
 GODBOLE Oh sim, famosas com razão. E terríveis ... com razão?
 QUESTED Terríveis? Mas como é que uma gruta pode ser terrível? Especialmente quando não existe lá nada.
 GODBOLE Menina Quested, perdoe-me, mas existe lá tudo. Porque no nada existe tudo.
 QUESTED Desculpe, não sei se consigo compreendê-lo. É o vazio que é terrível?
 GODBOLE Ah, se fosse uma questão de vazio, então realmente as grutas estariam vazias e ninguém lá iria. Porque é que seriam famosas, nesse caso? Sabe, na nossa religião, no Hinduísmo, tudo tem duas ou muitas faces. No terror também há calma e conforto. O Criador também é o destruidor. Kali, Parvati, Durga, Uma, são igualmente consortes de Shiva.
 QUESTED Pensei que tinha dito que não havia nada esculpido lá.
 GODBOLE E não há.
 MOORE (*num tom vago*) A Adela não acredita em fantasmas. Só acredita no que vê.
 QUESTED Bem, deve haver *alguma coisa* que se veja.

GODBOLE Existe iluminação ou obscuridade. Nada que se veja, a não ser através do olhar interior. Por isso, aconselho-os a escolherem outro sítio para o vosso piquenique.

AZIZ Para o *nosso* piquenique, Godbole. Certamente não irá rejeitar o meu convite.

GODBOLE Sinto-me honrado em aceitar.

QUESTED Então, Professor, o senhor pelo menos não tem medo? Devo dizer que espicçou a minha curiosidade de tal maneira que ela tem que ser satisfeita. Vamos combinar já de forma definitiva.

GODBOLE Certamente. Não tenho dúvidas de que irão achar as Grutas muito bonitas.

AZIZ Excelente. Então, Professor, descreva essa beleza a estas senhoras, por favor.

GODBOLE Será um prazer. *(uma longa pausa, enquanto GODBOLE reflecte)*
No entanto, penso que vou renunciar ao prazer.

FIELDING *(para quebrar um incómodo silêncio)* Sr.^a Moore, gostaria de ver os jardins do nosso Colégio? Temos muito orgulho neles.

MOORE Muito obrigada. Adoro jardins ... Acho que retribuem o amor como os seres humanos raramente fazem.

FIELDING *olha para a MENINA QUESTED para que ela se junte a eles.*

QUESTED Eu fico aqui, se não se importam, a falar com o Professor Godbole e com o Dr. Aziz. É para mim uma oportunidade rara e valiosa.

A SR.^a MOORE e FIELDING saem através do jardim. A MENINA

QUESTED encosta-se para trás no sofá e, perante o mal disfarçado espanto dos Indianos, acende um cigarro. Ela não repara no embaraço deles.

QUESTED Sabem que esta é a primeira vez que tenho a oportunidade de falar com Indianos desde que cheguei a este país? No Clube, onde geralmente vamos à noite, as pessoas nunca mencionam a Índia ou os Indianos. Não percebo o que se passa com eles – os Callendars, os McBrydes –

AZIZ Os Turtons e os Burtons ...

QUESTED Bem, tenho a certeza de que são todas pessoas sensatas em Inglaterra. Mas por algum motivo, quando chegam à Índia...tornam-se ... não sei ...

AZIZ Antipáticos?

QUESTED Tornam-se insensíveis, sem dúvida ...

GODBOLE Talvez tenham perdido uma realidade e ainda não encontraram outra?

QUESTED (*confusa*) Talvez seja isso ... Mas o que é estranho é que nem sequer parecem estar *interessados* na Índia – e eu sinto que só podemos ter alguma utilidade aqui se tivermos ... bom, uma atitude muito diferente.

AZIZ Oh, eu concordo ... uma atitude como a do Sr. Fielding. Ele compreende o pobre Indiano. Godbole confirma este facto, não é?

GODBOLE Sim, sim. Ele é um óptimo Director do Colégio Governamental em Chandrapore. Um homem muito imparcial.

QUESTED Sim, tenho a certeza que sim. Mas, sabem, aquilo que realmente me preocupa ... Quero dizer, se eu *decidisse* fixar-me na Índia – por qualquer razão ... Quero dizer, se eu *tivesse* uma razão para continuar aqui, o que é que eu podia fazer? O que seria a coisa mais *útil* para a Índia? Será que se trata de uma pergunta tola, Professor Godbole?

GODBOLE Não é tola. Não, não. No nosso texto antigo escrito em sânscrito, *Bhagavad-gita*, está dito: «Mesmo os sábios ficam confusos com aquilo que é a acção e aquilo que é a inacção». Não é tola, de maneira nenhuma.

QUESTED Então pode dar-me a resposta?

GODBOLE Ah sim. O uso e o abuso acabam por ser o mesmo.

QUESTED O *mesmo*?

GODBOLE Sem o auto-conhecimento.

QUESTED *abana a cabeça com um ar confuso e olha de forma interrogativa para AZIZ.*

AZIZ (*com uma expressão calorosa e séria. Levanta-se e vai sentar-se ao lado da MENINA QUESTED no sofá*) Em todo o caso, ser útil porquê, Menina Quested? Basta amar a Índia. É essa a grande dádiva.

QUESTED (*encostando-se nervosamente ao canto do sofá*) Não, eu estou a falar a sério, Dr. Aziz. Em Inglaterra estou habituada a ter uma vida activa ... tão diferente do tipo de vida que as esposas inglesas têm aqui.

GODBOLE Amar é algo muito activo. Pode ocupar a vida inteira ... se aceitar, em pleno, todos os seus significados.

QUESTED (*sorrindo indulgentemente para GODBOLE, mas olhando depois de novo para AZIZ*) Professor, provavelmente tem razão, mas eu não sou uma filósofa. Preciso de algo menos abstracto ...

AZIZ (*alegremente*) Menina Quested, deixe-me dizer-lhe. Pense com o coração desta vez, não com a cabeça. Coração, quero eu dizer!

A MENINA QUESTED *levanta-se subita e quase involuntariamente, e a seguir tem que procurar um pretexto ... tira um cigarro e escolhe com cuidado uma cadeira afastada de AZIZ, para se sentar.*

QUESTED (*controlando-se*) Mas ... mas isso é ... justamente o que eu não consigo fazer. (*com um ar espirituoso*) Para que serve termos um cérebro se não o usarmos? Eu tenciono usar o meu para compreender o que for possível acerca da Índia, e a seguir usar esse conhecimento para alguma finalidade.

AZIZ Mas nunca compreenderá sem o seu coração ...

QUESTED E eu penso que nunca compreenderei com ele. (*com algum antagonismo*) Talvez seja essa a diferença entre os Orientais e os Ocidentais.

AZIZ Mas a Sr.^a Moore sente ... também com a mente.

QUESTED Dr. Aziz, lamento. Não pretendo criticar – mas não posso concordar com a visão oriental da mulher ... de que não devemos usar as nossas mentes. De que devemos ser apenas esposas e mães ...

GODBOLE Há uma ideal mais elevado, talvez?

QUESTED Oh, Professor! Oh sim! Pelo menos, eu acho que sim. A Sr.^a Moore pertence a outra geração ... as coisas eram diferentes no tempo dela ...

AZIZ (*friamente*) Como é difícil explicar isto a Indianos!

QUESTED (*num tom desagradável*) É possível que os homens não queiram renunciar aos seus privilégios.

AZIZ Onde há coração, os privilégios não têm importância. Os Ingleses têm muitos privilégios na Índia ...

QUESTED E não têm sentimentos? É isso que está a dizer?

AZIZ Eu não desejo criticar.

QUESTED (*ligeiramente exaltada*) Mas deve fazê-lo! Deve fazê-lo! As pessoas civilizadas conseguem discutir as coisas sem se exaltarem, com certeza. É isso que eu *quero*!

AZIZ E o que eu quero, Menina Qusted, é apenas que se divirta na Índia.

QUESTED (*ficando cansada e perturbada*) Oh, piqueniques – e divertimento – é claro que fazem parte da vida ... mas a minha verdadeira preocupação é esta: se eu *ficasse* na Índia, por muito tempo, quero eu dizer ... eu poderia tornar-me mais uma Inglesa ociosa – aquilo a que chamam uma Anglo-indiana.

GODBOLE Oh nunca, Menina Qusted. Teria sempre muitos pensamentos.

QUESTED Disseram-me que todos nós ficamos sem pensamentos ao fim de um ano. Eu sei que não consigo ... Quero dizer, não *conseguiria* ... evitar

esse rótulo. Aquilo que eu tentaria era evitar essa mentalidade. Eu sinto que todas as pessoas modernas e educadas têm um dever para com a comunidade em que vivem, ou seja, para com a Índia. Por isso, como vê, a fruição não basta ...

AZIZ Ela é tudo –

QUESTED (*mais exaltada*) A vida é mais do que frivolidade ...

AZIZ (*igualmente exaltado*) Eu estou a falar de fruição ... da entrega aos sentimentos ...

QUESTED Mas, Dr. Aziz –

AZIZ Sem isso, Menina Quested, por favor tente compreender-me ... sem isso nunca amará a Índia, e os Indianos nunca a amarão a si.

QUESTED Amar? (*um silêncio de choque*) Bem – Eu só queria dizer que esperava poder fazer algum bem.

AZIZ (*num tom indiferente*) Já vi que a minha ideia de fazer um piquenique não lhe agradou. Talvez seja melhor pensar num entretenimento mais adequado.

QUESTED (*num tom arrependido e preocupado. Dirige-se a ele*) Oh, por favor, Dr. Aziz – por favor, espero não o ter ofendido. Eu ... é que a Índia é tão grande e difícil de agarrar, e eu tenho que tomar tantas decisões ...

AZIZ (*sorrindo*) Desejo-lhe boa sorte para a sua «decisão».

QUESTED Eu tenho que me apoiar na parte melhor e mais racional de mim própria ...

GODBOLE Nós aprendemos a proteger-nos quando aprendemos que temos algo a temer.

GODBOLE *sorri e acena que sim com a cabeça. Vinda do jardim, ouve-se uma voz a chamar «Olá! O-lá!» RONNY HEASLOP entra vindo do jardim, e pára debaixo das arcadas azuis, olhando à volta para a sala e os seus ocupantes. É um homem extremamente bem parecido, o que justifica muito da sua insensibilidade a uma rapariga como a MENINA QUESTED, que paira na orla da intelectualidade.*

HEASLOP (*aborrecido*) Bem, aqui estão. O que é que aconteceu ao Fielding? Onde está a minha mãe?

Os INDIANOS levantaram-se, mas ele não olha para eles.

QUESTED (*friamente*) Boa noite, Ronny.

HEASLOP Preciso de si e da mãe imediatamente. Vai haver jogo de pólo.

QUESTED Pensava que não ia haver pólo.

HEASLOP Foi tudo alterado. Venha, e conto-lhe tudo.

AZIZ Boa noite, Sr. Heaslop.

GODBOLE A sua mãe não demora muito, senhor. Há pouca coisa para se ver no nosso pobre colégio.

HEASLOP (*sem prestar atenção aos INDIANOS*) Temos que nos apressar, minha querida. (*olha à volta*) Talvez seja melhor enviar um criado à procura da minha mãe.

QUESTED (*ainda num tom frio*) É claro que não podemos ir embora assim.

AZIZ (*com um à-vontade bastante ofensivo, põe a mão sobre o braço de HEASLOP*)

Venha e junte-se a nós, Sr. Heaslop; sente-se e espere que a sua mãe apareça.

HEASLOP (*afastando-se*) Rapaz! Rapaz! (*uma pausa*) O que se passa com os criados do Felding? Será que decidiram todos fazer uma folga? Aposto que estão em casa sem fazer nada, a beber chá ... Rapaz! Rapaz!

AZIZ avança, prestes a dizer algo num tom zangado. GODBOLE põe uma mão no braço dele e detém-no.

GODBOLE (*suavemente*) Por favor conceda-nos a honra, senhor, de ir buscar a Sr.^a Moore e o Sr. Fielding.

Leva AZIZ consigo, e a MENINA QUESTED observa-os até estarem demasiado longe para ouvirem.

QUESTED (*virando-se abruptamente para HEASLOP*) Ronny, eu estou perplexa ...

HEASLOP É natural, eu também estou. Não sei o que aconteceu ao Fielding.

QUESTED O Sr. Fielding? O que é que *ele* fez?

HEASLOP Bem ... Eu sei que sou um burocrata habituado ao clima, mas não gosto de ver uma jovem inglesa a fumar cigarros com dois Indianos.

QUESTED Esta jovem inglesa ficou aqui a fumar por sua própria vontade.

HEASLOP Sim, isso está muito bem em Inglaterra.

QUESTED Não vejo qual é a diferença ... ou o mal.

HEASLOP Se não consegue ver, não consegue ver ... mas não consegue ao menos ver que aquele sujeito é um abusador?

QUESTED Ele não é abusador, ele apenas estava nervoso.

QUESTED (*tentando trazer para um nível mais comezinho as ideias perturbadoras que AZIZ lhe sugerira*) Eu não sei. Ele estava bem até você chegar. Na verdade, ele foi muito ... interessante.

HEASLOP (*alegremente*) Bem, não foi nada que eu dissesse. Eu nem sequer falei com ele.

QUESTED (*afastando-se, em desespero*) O Ronny ... é impossível.

HEASLOP Nada é impossível, apenas difícil. Não se preocupe, toda a gente fica nervosa com este calor.

QUESTED Mas isto não tem nada a ver com o clima.

HEASLOP Tudo tem a ver com o clima, na Índia. Mas não se preocupe – depois de casarmos não terá que passar por isso de novo, prometo. Hei-de enviá-la sempre para as montanhas no mês de Abril ... Não sou homem para deixar a esposa a fritar na planície.

QUESTED Mas realmente não é *isso*. Eu tenho uma súbita ... uma espécie de visão do que seria a vida aqui ... o Clube à noite, as Montanhas no tempo quente.

HEASLOP Não é uma vida má, desde que façamos o nosso trabalho e nos resguardemos.

QUESTED Mas é isso mesmo – eu acho que uma parte do nosso trabalho consiste em *não* nos resguardarmos.

HEASLOP Minha querida, conheço este país melhor do que você. Todos nós vimos para aqui com o honesto desejo de fazer o melhor, não propriamente o de nos misturarmos socialmente, mas pelo menos de reduzir um pouco o fosso. Rapidamente nos apercebemos de que isso só causa problemas. A Índia não é uma sala de visitas. Nós estamos na Índia para fazer justiça e manter a paz. São esses os meus sentimentos.

QUESTED (*calmamente*) São os sentimentos de um deus.

HEASLOP (*tentando corrigir-se*) A Índia gosta de deuses.

QUESTED E os Ingleses gostam de ter atitudes de deuses.

HEASLOP Honestamente, Adela, o que quer que eu faça? Perder o poder que tenho ao fazer bem a este país só porque não dou pancadinhas nas costas dos Indianos?

QUESTED É claro que não ...

HEASLOP Bem, é isso que está a pedir. Parece não compreender aquilo que o meu trabalho implica – que todo o valor da minha profissão depende da reputação de total imparcialidade. É essa a tradição da justiça britânica. (*num tom embaraçado*) Não é uma coisa de que se fale muito, mas acho que é uma bela tradição.

QUESTED Oh, mas é claro ... eu também acho ... mas, Ronny, porque é que não é simpático com os Indianos?

HEASLOP Olhe, Adela, em qualquer outro país seria diferente, mas não na Índia. Em breve descobrirá que se eu travasse amizade com um Indiano, os

mexericos percorreriam o bazar em menos de um minuto. Eu seria conhecido como o tipo de oficial a que um Indiano pode «dar a volta». Não vê como seria difícil e embaraçoso?

QUESTED Mas tem que se começar *por algum lado* ...

HEASLOP Se se tratasse apenas do meu próprio desconforto, eu não ligaria muito, mas a verdade é que eu estaria a minar todo o bem que temos tentado fazer neste desgraçado país –

QUESTED Mas eu acho que podíamos fazer ainda melhor da outra maneira ...

HEASLOP Bem, não sou eu quem decide. Sou demasiado novato para ditar as regras dos meus colegas oficiais ... ou as minhas ... mesmo que eu quisesse ...

QUESTED Mesmo que *eu* desejasse que o fizesse?

HEASLOP Adela, minha querida, há muita coisa que eu faria por si. Mas isto é – se calhar parece pomposo – mas *isto é* uma questão de princípios. Não posso fazer nada se os Indianos não gostam de mim ... é uma das contingências do cargo. Uma coisa que eu aprendi aqui – e você também aprenderá – é que somos melhores para eles do que eles são uns para os outros. Paz, segurança, boa administração, justiça ... trouxemos-lhes tudo isto.

QUESTED Tudo, excepto compreensão.

HEASLOP Que bem é que isso lhes faria?

QUESTED Não sei.

HEASLOP Bom, aí está.

QUESTED (*com súbita paixão*) Mas é viver em tal isolamento ...

HEASLOP Isolamento? Quando temos todos os nossos amigos ingleses. Quando estamos rodeados pela Índia e pelos Indianos?

QUESTED Exactamente.

HEASLOP (*em tom de tolerância*) Oh, eu sei que você quer *compreender* a Índia, *conhecer* as pessoas, etc., mas –

QUESTED (*desesperada*) Alguém tem de o fazer!

HEASLOP É claro,

Sorrindo, ele continua a manter o tom, de modo a colocar a conversa num registo afectuoso. Ela franze o sobrolho e faz um pequeno movimento de repúdio desse tom. Ele regressa rapidamente a um modo mais impessoal.

E eu sempre aprovei a ideia de você fazer aqui um bom trabalho – desde que não se *envolva* ... trabalho social, digamos – mas por favor – Adela – por favor

tente não ser tão emotiva em relação a tudo isto.

QUESTED *Emotiva?* ... Ronny, nós temos que ter uma longa conversa.

HEASLOP (*tentando evitar as implicações*) Peço desculpa. Fico perturbado com este calor. Eu não pretendo dar-lhe lições nem ordens sobre ...

QUESTED Eu sei –

HEASLOP Mas é claro que o modo como os Indianos a trataram esta manhã aborreceu-me, e continuam a acontecer coisas desse género –

QUESTED Não é culpa deles se eu –

HEASLOP Acredito, mas –

QUESTED É algo muito diferente – é que eu acho que ... eu acho que devíamos ... bom, pensar um pouco melhor antes de casarmos.

Uma longa pausa

HEASLOP (*triste mas cauteloso*) Está bem, Adela. Não precisa de ficar aborrecida. Leve o tempo que quiser. Foi esse o acordo que você quis ... que nós fizéssemos.

QUESTED (*num rasgo de gratidão*) Oh, Ronny, eu esqueço-me sempre da sua gentileza – e sinto tanta vergonha deste meu estado de confusão. Eu não costumo ser assim. Eu *posso* explicar – eu preciso – de espaço.

HEASLOP (*desconfortável*) Não, a sério, Adela. Você agiu inteiramente de acordo com os seus direitos. Não quero que fique preocupada ou que se sinta culpada. Leve o seu tempo e não se aflija. Vai tudo correr bem, verá. No final, ficará tudo bem.

QUESTED (*numa voz ligeiramente desesperada*) É horrível eu ter dado todo este trabalho a si e à sua mãe, e continuar tão insegura. (*uma pausa*) Temos sido muito britânicos nisto, mas suponho que é assim que está correcto.

HEASLOP (*sorrindo*) Uma vez que *somos* britânicos, suponho que sim.

QUESTED De qualquer modo, não devemos discutir, Ronny.

HEASLOP Oh, eu não conseguiria discutir consigo, Adela.

QUESTED Eu só preciso de um pouco de tempo –

HEASLOP Sim, sim. Com certeza ... tempo ...

QUESTED Bem – (*dirige-se à janela e fica a olhar para o jardim*) Sabe o nome daquele pássaro verde?

Ele aproxima-se dela.

Ali em cima, na árvore?

HEASLOP Melharuco?

QUESTED Oh não, Ronny, tem riscas vermelhas nas asas.

HEASLOP Papagaio?

QUESTED (*ri-se*) Meu Deus, não.

HEASLOP (*desalentado*) O McBryde tem um livro ilustrado sobre pássaros. Se quiser, peço-o emprestado. Não sou nada bom em pássaros. (*uma pausa*) Na verdade, sou um inútil em tudo o que não seja o cargo de Magistrado. É uma pena.

QUESTED (*vira-se para ele de súbito e com compaixão*) Oh, eu também, Ronny. Eu sou ... inútil em ... tudo. Eu sou mesmo horrível –

Uma pausa enquanto olham um para o outro. Em tom de súplica.

HEASLOP Adela ...

QUESTED (*com pena dele*) Ronny, eu queria ... dizer-lhe que irei mesmo tentar ... decidir o padrão da minha vida ... aqui, consigo.

HEASLOP (*fazendo um movimento em direcção a ela, que rapidamente controla*)

Minha querida ... e eu vou tentar ser mais agradável, se é isso que quer –

QUESTED Bem, pelo menos com o Dr. Aziz, porque ele tem sido (*interrompe-se*) ... tem sido tão simpático connosco. Convidou-nos para um piquenique.

HEASLOP Convidou quem?

QUESTED A sua mãe, o Sr. Fielding, o Professor Godbole – as mesmas pessoas.

HEASLOP E onde é que vai ser esse piquenique?

QUESTED Nas Grutas Marabar.

HEASLOP Bem, que surpresa. E ele entrou em pormenores?

QUESTED (*começando a ficar exaltada*) Se você tivesse falado com ele, poderíamos ter tratado dos pormenores.

HEASLOP *abana a cabeça a rir-se.*

Eu disse alguma coisa cómica?

HEASLOP Eu estava só a pensar em como o colarinho do valoroso médico lhe subia pelo pescoço.

QUESTED Pensei que estávamos a falar das grutas.

HEASLOP E estou. O Aziz estava vestido de forma elaborada, desde o alfinete da gravata até aos sapatos, mas esqueceu-se do botão de trás do colarinho, e aí tem o Indiano numa casca de noz: falta de atenção aos pormenores; a fundamental negligência que revela a raça. Do mesmo modo, «encontrarem-se» nas grutas, como se fossem o relógio em Charing Cross, quando ficam a milhas de uma estação, e umas das outras.

QUESTED Já lá foi?

HEASLOP Não, mas sei tudo acerca delas, naturalmente.

QUESTED Oh, naturalmente!

HEASLOP Em todo o caso, é claro que o Fielding nunca concordaria com um plano tão absurdo como esse –

QUESTED E porque não?

HEASLOP Bem, ele pode não ser bem como nós, mas já tem *alguma* experiência deste país ...

A SR.^a MOORE, FIELDING, AZIZ e GODBOLE *vêm do jardim, caminhando devagar e falando uns com os outros com um ar satisfeito.*

HEASLOP *vira-se imediatamente para a SR.^a MOORE.*

Mãe! Que disparate é este de que a Adela me esteve a falar?

MOORE (*calmamente*) Não faço ideia, meu querido.

HEASLOP Aquele disparate sobre as grutas e os piqueniques. Fielding, você está incluído, segundo sei – é claro que não irá permitir um plano tão fantasioso!

FIELDING Eu não pretendo tomar decisões pelas outras pessoas, Heaslop.

HEASLOP (*olhando da MENINA QUESTED para a SR.^a MOORE e ignorando os Indianos*) Se estão a pensar entrar nessa ridícula expedição, então ao menos deixem-me tratar de tudo. Podem ir sob os auspícios do governo, e assim será muito melhor ... e também mais confortável, sem dúvida.

FIELDING *está de pé no meio dos Indianos, com um ar embaraçado.*

Olha para AZIZ com uma expressão implorativa.

QUESTED Mas o Dr. Aziz já nos convidou a irmos com ele.

HEASLOP Muito simpático, com certeza. Mas ele certamente compreenderá que vocês estarão melhor nas nossas mãos.

QUESTED Mas essa era a questão – nós queríamos ir com os Indianos – podíamos aprender alguma coisa.

HEASLOP (*gritando*) Bem, acho tudo isso perfeitamente idiota – sim, e também perigoso!

MOORE (*calmamente*) Perigoso, Ronny?

HEASLOP (*furioso*) Sim, perigoso! Na verdade, Mãe – Adela – eu proíbo-as, a ambas! É claro que não posso falar pelo Sr. Fielding.

FIELDING *faz um gesto de impotência para AZIZ. AZIZ responde com a mesma saudação muçulmana que já estabelecera uma cumplicidade entre eles. Ele sorri e interrompe com rapidez.*

AZIZ Não sei se já ouviram dizer que o Professor Godbole é uma grande autoridade em música indiana. Na verdade, é muito admirado aqui no Colégio e em todo o lado. Seria pena se não o ouvissem. Professor, por favor, dê-nos a honra.

GODBOLE Eu vou cantar.

HEASLOP *dá um passo em frente com um ar zangado e depois pára, impaciente e irritado. A SR.^a MOORE e a MENINA QUESTED viram-se para GODBOLE, escutando educadamente. GODBOLE canta uma breve canção religiosa indiana, enquanto os Ingleses, com metade da mente concentrada no conflito ainda por resolver, esperam com um ar tenso. Os CRIADOS aparecem na borda da varanda, o HOMEM junto do tanque das castanhas pára de trabalhar e endireita-se. Os Indianos estão encantados, os Ingleses rígidos e pouco à vontade.*

FIELDING Muito obrigado. A canção era sobre o quê?

MOORE Sim, diga-nos.

GODBOLE Eu vou explicar em pormenor. Era uma canção religiosa. Eu coloco-me na posição de uma leiteira. Eu digo a Shri Krishna, «Vem, vem só para mim». O deus recusa-se a vir. Eu torno-me mais humilde e digo: «Não venhas só para mim. Multiplica-te em cem Krishnas, e deixa que vá um para cada um dos meus cem companheiros, mas um, Oh Senhor do Universo, que venha para mim». Ele recusa-se a vir. Isto é repetido várias vezes. A canção é composta num padrão de notas apropriado à hora em que estamos, ou seja, à noite.

MOORE (*gentilmente*) Mas ele vem ter consigo numa outra canção, espero eu.

GODBOLE Oh não, ele recusa-se a vir. Eu digo-lhe, «Vem, vem, vem, vem, vem, vem». (*pausa*) Ele não se digna vir.

QUESTED Oh meu Deus, isso causa tanta insatisfação!

HEASLOP (*interrompendo*) Vamos, Mãe, Adela. Já estamos atrasados para o pólo. Tenho a certeza de que todos concordam com o vosso não compromisso no que respeita a essa expedição a Marabar.

MOORE Eu não estou comprometida com nada. E de certeza que não o estou com o jogo de pólo. Descobri que estou cansada e prefiro descansar. Podes deixar-me primeiro no *bungalow*?

QUESTED Deixe-me a mim também. Eu também não quero ver o jogo, tenho a certeza.

HEASLOP (*cansado e desapontado*) É mais simples desistir do jogo. Bem,

vamos embora, vamos embora. (*caminha em direcção à saída com um ar zangado*)

MOORE Adeus, Sr. Fielding, e muito obrigada ... que zona encantadora, a do colégio!

FIELDING Adeus, Sr.^a Moore.

QUESTED Adeus. Que tarde tão interessante.

FIELDING Adeus.

MOORE Adeus, Dr. Aziz. Voltamos a vê-lo em breve?

AZIZ Posso esperar que sim?

QUESTED (*em tom de sérias desculpas*) Oh, por favor, sim, Dr. Aziz. Eu nem sei o que dizer ...

AZIZ Não diga nada, Menina Quested. Vai voltar a pensar no nosso piquenique nas grutas? Eu posso tratar de tudo num instante. Vai ver. Para mim será uma grande alegria. Agradar-lhe a si e ao Sr. Fielding.

QUESTED (*em tom definitivo*) Vou aguardar com expectativa. (*olha pouco à vontade para o caminho que HEASLOP seguiu quando se foi embora*) Sr.^a Moore! O Dr. Aziz afirma que está empenhado em tratar do piquenique – o que é que diz?

MOORE Digo que será um grande prazer. Adeus, adeus.

Ambas acenam para GODBOLE, que faz um 'namaskar'. A MENINA QUESTED retribui. Ele segue-as até ao jardim, apontando gentilmente o caminho para a carruagem.

GODBOLE Adeus – eu acompanho as senhoras.

FIELDING (*deixando-se cair exausto numa cadeira*) Aziz, meu caro amigo. Como é que eu posso pedir-lhe desculpas?

AZIZ Entre amigos não há pedidos de desculpas.

FIELDING Mas, está a ver, os seus outros amigos afinal tinham razão – azeite e água.

AZIZ Nunca conseguirá convencer-me disso. «O secreto entendimento do coração» – tal como lhe disse – Eu não posso perder a minha fé nisso, apenas por causa da rudeza de um momento.

FIELDING Fico contente.

AZIZ Eu também. A vida assim é mais interessante. Só lamento o embaraço causado às suas convidadas.

FIELDING Oh, elas sobrevivem – e podem até ter conseguido aquilo que pretendiam – aprender alguma coisa sobre a Índia.

AZIZ Mas, mesmo assim, é pena se essas boas senhoras ficaram incomodadas.
FIELDING (*sorrindo para ele com uma expressão afectuosa*) Sabe o que é que eu devia fazer, Aziz? Ir buscar-lhe uma bebida e depois abanar-lhe o cotovelo para que a deixe cair.

AZIZ (*perplexo por um momento*) Desculpe?!

FIELDING (*esboçando a saudação muçulmana e imitando AZIZ de um modo gentil*) «O sinal de um coração generoso, a transbordar, bem vê».

AZIZ (*rindo*) Sabe, eu inventei essa frase sob a pressão do momento.

FIELDING Sabe (*pondo o braço por cima do ombro de AZIZ e rindo com ele*), eu sei que inventou.

Riem-se ambos com um prazer cúmplice enquanto

CAI O PANO

II ACTO. CENA 1

O cenário é uma encosta rochosa nos Montes Marabar, perto da primeira das Grutas Marabar. Num dos lados do Palco pode ver-se parcialmente a abertura de uma gruta. Há uma pequena área de chão plano perto do centro do palco, tendo por detrás rochas salientes. No outro lado do palco um caminho estreito e irregular serpenteia para cima e para fora do palco. Num dos lados do caminho erguem-se rochas aguçadas e de uma extrema beleza. No outro lado do caminho está indicado um declive abrupto, não propriamente um precipício, mas um barranco íngreme. Podem ver-se alguns cactos que ali crescem e talvez uma árvore de pequeno porte. Quando a cortina sobe, QUATRO CRIADOS correm no palco. Transportam cestos e uma série de panos brancos. Por detrás deles vêm ALGUNS COOLIES² carregando cadeiras, uma mesa desdobrável, uma esteira de algodão, um molho de varas atadas de forma a servirem de vassoura, sombrinhas, etc. Gritando ordens não perceptíveis, os criados pousam os cestos, ajudam os trabalhadores indianos a descarregarem, desenrolam os turbantes e voltam a enrolá-los. Um deles pega na vassoura e varre o chão plano, um outro estende a esteira. Outros põem a mesa e as cadeiras, e com habilidade atam as sombrinhas às costas das cadeiras, para fazer sombra. Abrem os cestos e põem a mesa com louça de barro e prata quando entra o DR. AZIZ, seguido pela MENINA QUESTED, SR.^a MOORE, GUIA e CRIADO.

AZIZ Aqui estamos! Finalmente chegámos. Finalmente podemos ver as famosas Grutas Marabar! Sr.^a Moore! Menina Qusted! Não é fabuloso este panorama? Bem-vindas a Marabar!

² Nome dado a trabalhadores indianos não especializados.

QUESTED (*olhando fixamente para o precipício*) Dá a ideia de que poderíamos ter uma vista maravilhosa a partir dali.

AZIZ Sim, sim. Uma vista de excepcional! ... venha, Sr.^a Moore. Diga-me, a viagem foi confortável?

MOORE Oh sim!

AZIZ Está cansada?

MOORE Absolutamente nada.

QUESTED Estava tudo muito bem organizado.

Olham fixamente para fora do palco. AZIZ *aponta para algo à distância.* Bem, devo dizer que não percebo porque é que o Ronny levantou tantos problemas ... o único perigo que vejo é se alguém tiver vertigens ... Em Inglaterra teriam posto ali uma grade.

AZIZ Ali está Chandrapore. Não parece ridícula, vista daqui? Não passa de uma cidade-brinquedo.

MOORE Mas é real ... A Índia é o único país que é real.

AZIZ Sr.^a Moore, eu sabia que a senhora é, no coração, uma Oriental ...

QUESTED Mas o que quer dizer com o único país real? ...

AZIZ Ele abrange tudo, percebe, Menina Quested?

MOORE Sim, suponho que é isso que eu queria dizer. A Índia conhece os problemas do mundo inteiro ... mas não faz promessas nem oferece soluções. Junta tudo, o ridículo e o soberano ... como a vida ...

QUESTED Bem, não há dúvida de que é uma paisagem extraordinária ...

MOORE E nós as duas, Adela, estamos habituadas a coisas mais certinhas. Românticas mas controláveis ... aqui não há conforto ...

AZIZ (*que não seguiu muito bem a conversa*) Conforto? Sr.^a Moore, a senhora vai sentir-se confortável aqui, prometo-lhe. Venha sentar-se à sombra e descanse ...

Voltando para a zona de piqueniques

Oh minhas senhoras, senhoras. Ponham os vossos capacetes, o sol da manhã é muito perigoso para a cabeça. Falo como médico, é claro.

QUESTED (*rindo e imitando-o*) E Sr. Doutor, Sr. Doutor, ponha também o capacete.

AZIZ (*rindo também*) Para a minha cabeça rija, não. (*impulsivamente, pega na mão dela e fê-la bater na sua cabeça*) Está a ver? É sólido marfim!

Ela retira a mão rapidamente, mas ele não repara. Ele anda à volta da

SR.^aMOORE, *ajustando a sombrinha, oferecendo-lhe um leque.*

QUESTED (*respirando fundo e deitando um último olhar à vista*) Eu não teria perdido isto por nada ... (*de pé na área dos piqueniques*) Que pena o Sr. Fielding ter perdido o comboio! Quando é que ele terá outra oportunidade como esta?
MOORE Deixe lá, virá da próxima vez.

AZIZ Mas eu sou o anfitrião. Eu devia ter trazido o Sr. Fielding ... e agora ... Sr.^a Moore, Menina Quested, a nossa expedição é uma desgraça.

MOORE (*sorrindo*) O Sr. Fielding só pode culpar-se a si próprio. Eu não vejo desgraça nenhuma na nossa expedição.

AZIZ A sério? Explique-me lá!

MOORE Assim somos todos muçulmanos, tal como nos prometeu.

AZIZ Oh minha querida Sr.^a Moore! A senhora é perfeita ... Que grande elogio ... Não há nada que eu não fizesse por si! Eu era capaz de morrer, só para a fazer feliz!

MOORE (*rindo-se da extravagância dele*) Você põe-me a cabeça à roda! (*num tom mais sério*) Eu também desejo a sua felicidade, Dr. Aziz.

AZIZ Eu não devia ter deixado o Sr. Fielding ao cuidado do Professor Godbole. Ele é um filósofo, percebe? Nada fiável! Tal como aquelas pessoas de Calcutá que nunca vos foram buscar, faltando ao combinado e ...

QUESTED (*desconfortável*) Oh, isso não teve importância ... nenhuma, mesmo ... Eu nem devia tê-lo mencionado. Mas ainda não nos falou da sua viagem a Calcutá ...

AZIZ Eu adiei, eu adiei. Sabe, eu quis ficar aqui a tratar de tudo para este nosso piquenique.

QUESTED Oh, meu Deus, alterou os seus planos ... só por nossa causa.

AZIZ Não, não. Foi pelo meu próprio prazer. Eu posso visitar o meu parente em qualquer altura. Ainda esta manhã recebi uma carta dele.

Pega na mala e agita uma carta para provar que está a dizer a verdade, pondo-as assim à vontade.

Pobre homem, tem mulher, mãe, cinco filhas ... rodeado de mulheres, podem ver como fica contente com uma visita minha, seja em que altura for.

QUESTED Mesmo assim, sinto-me culpada ...

AZIZ Nunca, nunca, Menina Quested! Um dos maiores sonhos da minha vida foi cumprido ao tê-las a ambas como minhas convidadas. Sinto-me como se fosse o Imperador Babur.

QUESTED Babur? Porquê ele?

Enquanto ele fala, os CRIADOS servem a comida.

AZIZ Porque os meus antepassados vieram com ele do Afeganistão. Juntaram-se a ele em Herat. Muitas vezes ele tinha apenas um elefante, e às vezes nem isso, mas nunca deixou de mostrar hospitalidade.

QUESTED Eu pensava que o seu favorito era outro Imperador ... você mencionou-o em casa do Sr. Fielding ... aquela a que o meu livro chama Aurangzebe.

AZIZ Aurangzebe? Alamgir? Oh sim, ele era o mais piedoso dos dois. Mas Babur ... o seu coração estava repleto de amor.

QUESTED (*murmurando*) Amor.

AZIZ Oh sim ... sabe como é que ele morreu? Deu a vida pelo filho. Uma morte mais difícil que uma batalha. Foram apanhados no calor, e em Agra o filho adoeceu. Mas Babur andou à volta da cama do filho três vezes dizendo, «Passou para mim», e de facto passou; a febre deixou o filho e foi para ele, e ele morreu. Está a ver, isto é amor.

MOORE Amor em tempo quente.

Dá um grande suspiro e a MENINA QUESTED *deita-lhe um olhar penetrante.*

AZIZ Mas estou a afastá-las da comida. Pensei que podíamos comer só um pouco antes das grutas, e tomar o pequeno-almoço depois.

QUESTED Isto não é o pequeno-almoço?

AZIZ Isto, o pequeno-almoço? Pensa que eu vos trataria de um modo tão estranho?

QUESTED Está tudo muito bem arranjado.

AZIZ Isso só mo poderá dizer quando voltarmos a Chandrapore. Sejam quais forem as desgraças que caíam sobre mim, as senhoras são minhas convidadas. A vossa primeira saída está nas minhas mãos.

MOORE Mas não é necessariamente a última. Sabe que ainda vamos permanecer aqui?

QUESTED (*depois de uma pausa*) Sim.

AZIZ Formidável! Maravilhoso! Sinto-me tão exultante e elogiado, em nome do meu país! Afinal, a Índia encantou-vos.

QUESTED (*num tom neutro*) Eu vou-me casar.

AZIZ Eu sei! Fico satisfeito por já estar assente!

QUESTED Com o Sr. Heaslop.

AZIZ (*surpreendido*) Com o Sr. Heaslop? Mas isso é uma surpresa! Bem, deixe lá, deixe lá! (*gesticulando*) Mas que excelente notícia! Muitos, muitos

e sinceros parabéns.

Ele levanta-se para lhe apertar a mão. Ela reage com uma mistura velada de ansiedade e relutância.

Sr.^a Moore, deve estar felicíssima.

MOORE (*num tom impaciente*) Sim, temos que ver os nossos filhos assentarem. E então ficamos livres.

AZIZ E a Menina Quested será certamente feliz com qualquer parente da Sr.^a Moore.

QUESTED Oh, a minha felicidade ... isso é um outro problema. Mas, em todo o caso, ficaremos aqui por mais algum tempo. Eu, pela maior parte da minha vida, suponho. E a Sr.^a Moore, pelo menos durante o tempo quente.

MOORE (*murmurando*) Amor em tempo quente ...

AZIZ Vai casar em Chandrapore? Que grande honra para a nossa pobre cidade.

QUESTED Não, nas montanhas. Mas no futuro tenciono ficar na planície. Não acredito em tempo quente.

MOORE Eu acredito, mas nunca pensei que isso me iria condicionar. Disseram-me que não posso partir até que acabe.

QUESTED Eu não hei-de ser condicionada. Não tenho paciência para aquelas esposas que deixam os maridos sempre que chega o mês de Maio. A Sr.^a McBryde não ficou uma única vez na planície desde que casou. Deixa aquele marido tão inteligente sozinho metade do ano, e depois fica surpreendida por a relação ter esfriado.

MOORE Ela tem filhos, percebe? (*mal-humorada*) Os filhos exigem muito.

QUESTED Oh sim, é verdade. Filhos.

AZIZ Os filhos são a maior alegria. A senhora tem que ter muitos filhos.

QUESTED (*pouco à vontade e desviando o olhar*) Não tenho a certeza se quererei algum.

AZIZ (*com entusiasmo irreprimível*) Ah, filhos! Oh, Menina Quested (*corre para ela*) uma vez que hoje somos todos muçulmanos, posso desejar-lhe, à maneira muçulmana, que tenha cem filhos?

QUESTED Eu ...bem, eu ... Não devíamos ver as grutas antes de o Sol subir demasiado?

Levantam-se todos, a SR.^a MOORE bastante relutante. O GUIA aparece e murmura algo para AZIZ.

AZIZ Tem toda a razão, tem toda a razão, Menina Quested. Vamos lá. Venha, Sr.^a Moore, o guia conduzir-vos-á. A primeira gruta está, muito convenientemente, situada mesmo à nossa frente. O guia disse-me que devemos ouvir o eco. Entrem e digam alguma coisa ... qualquer coisa. Uma palavra, um grito, e fiquem à espera do fantástico eco. Vão andando, vão andando, peço-vos.

O GUIA segue à frente em direcção à entrada parcialmente visível da primeira gruta, depois pára para deixar as senhoras entrarem. Olha para AZIZ para que este lhe indique se deve segui-las. AZIZ acena-lhe que vá. Depois, sentindo que isto não chega para a espectacularidade da primeira visita delas às grutas, dirige-se aos CRIADOS e aos COOLIES.

Vão com eles! Vão com eles! Vão com os meus convidados. Façam-lhes as honras.

Dirige todo o grupo para as grutas e segue-os. O palco fica vazio por uns instantes, e então ouve-se vagamente um eco a ribombar de uma forma vagamente sinistra. Repete-se, avoluma-se e torna-se confuso. A SR.^a MOORE é a primeira a sair, parecendo perturbada e doente. Dirige-se directamente para a cadeira e senta-se. Abana-se com o leque e inclina a cabeça para trás, com uma respiração ofegante. Um pouco mais tarde, a gruta vomita mais seres humanos, e finalmente AZIZ e a MENINA QUESTED saem também. Ela dirige-se rapidamente à SR.^a MOORE.

QUESTED Sente-se bem?

MOORE ... Estava um bocado abafado lá dentro ... todas aquelas pessoas no escuro.

QUESTED Sim, um pouco. Está pálida. Sente-se doente?

MOORE (*num tom seco*) Não. Só um pouco cansada, é apenas isso. Não estou habituada a tanto esforço a esta hora da manhã.

QUESTED Oh, compreendo. Viu quando eu acendi o fósforo? O reflexo nas paredes reluzentes? Muito bonito, pensei eu.

MOORE ... Eu ... não reparei.

QUESTED Mas o Dr. Aziz diz que esta não era a melhor gruta, essa fica ali, torneando aquele caminho.

MOORE Eu acho que não vou à próxima gruta. Sinto-me muito cansada.

QUESTED A senhora *não está* bem. Vamos esperar até depois do pequeno-almoço.

MOORE Mas isso vai desapontá-lo tanto. Vão vocês. Não se importa, pois não?

QUESTED Não, claro que não. Ele tem sido extremamente amável.

AZIZ (*dirigindo-se a elas após um breve diálogo com o GUIA*) Bem, Sr.^a Moore. Menina Quested. O que vos parece? Um espectáculo extraordinário, não acham? Um eco surpreendente a rodear a cave.

QUESTED Verdadeiramente fascinante.

AZIZ Venham, vamos experimentar a seguinte. Essa, disse-me o guia, é a mais interessante. O interior magnificamente reluzente, como um espelho. Venha, Sr.^a Moore.

MOORE Dr. Aziz, desculpe uma mulher idosa, e deixe-me ficar aqui enquanto vão à outra gruta. Sinto-me muito cansada. Eu nunca fui muito boa a andar.

AZIZ Minha querida Sr.^a Moore, que importância tem isso, uma vez que são minhas convidadas? Na verdade fico contente por a senhora *não* vir, o que pode parecer estranho, mas isso significa que me está a tratar com toda a franqueza, como a um amigo.

MOORE (*num tom sério*) Sim, eu sou sua amiga ... por isso, posso fazer uma outra sugestão? Não leve tanta gente desta vez. Acho que vai chegar à conclusão de que ... é melhor assim.

AZIZ Exactamente, exactamente. É como diz. Ninguém nos vai acompanhar, à Menina Quested e a mim, a não ser o guia.

AZIZ e a MENINA QUESTED *seguem pelo caminho irregular que rodeia a orla da montanha. O GUIA vai à frente deles, saltando de rocha em rocha, de uma forma que a MENINA QUESTED claramente não consegue imitar.*

QUESTED Oh, os meus binóculos!

Ela pára. Esqueceu-se dos binóculos. AZIZ repara no gesto dela e grita para um CRIADO para que os procure. Enquanto este procura nos cestos, os dois ficam de pé a conversar.

Diga-me, Dr. Aziz, acha que é tolo da minha parte ceder à vontade do Ronny ... e casar nas montanhas?

AZIZ (*sem muito interesse*) Não, não, é muito sensato. Nas montanhas é muito mais fresco.

QUESTED Você casou nas montanhas?

AZIZ Com os Indianos é diferente.

QUESTED A sua esposa ... como é que era ela?

AZIZ (*surpreso*) Ela vinha de uma boa família. (*encolhe os ombros*) Uma simples muçulmana ... uma boa esposa ...

QUESTED (*cautelosa, mas com vontade de perguntar*) E vocês tiveram ... um casamento feliz?

AZIZ Oh, muito feliz. Por muito estranho que lhe pareça, Menina Quested ... apesar de nunca nos termos visto antes do dia do casamento.

QUESTED Foi tudo arranjado pelas vossas famílias?

AZIZ Sim, da forma habitual. E muito bem arranjado.

QUESTED E ela nunca o deixou no tempo quente.

AZIZ (*rindo ao lembrar-se, com uma entoação evocativa da felicidade vivida*)

Oh não. Ela nunca me deixou! Por vezes eu arreliviava-a com esse assunto. Ela era – (*faz um gesto evocativo enquanto fala*) Ela não era exactamente uma princesa mongol, mas ... bem, ela nunca me deixou.

QUESTED Que sorte. Você deve sentir imenso a falta dela. Era a sua única esposa?

AZIZ (*chocado e ofendido*) Oh sim, uma. Uma, no meu caso particular.

QUESTED (*captou o tom dele*) Mas os muçulmanos podem ter quatro, não podem?

AZIZ (*olhando fixamente para ela*) O homem é ... fraco –

O CRIADO vai ter com eles levando os binóculos. A MENINA QUESTED põe a correia à volta do pescoço. Ela e AZIZ seguem pelo caminho. Desaparecem de vista. A SR.^a MOORE está inclinada na sua cadeira e fecha os olhos. As luzes diminuem por uns segundos para indicar a passagem do tempo, e ouve-se de novo o ribombar do eco.

.....

Quando as luzes se acendem de novo, a SR.^a MOORE está na mesma posição, mas os CRIADOS e os COOLIES encontraram sombras e estão curvados, a dormir. Dois dos COOLIES estão agachados lá perto, falando em voz baixa. Estão de costas para o precipício. O som acordou a SR.^a MOORE. Ela agita-se e senta-se de repente.

MOORE (*não completamente acordada*) O que aconteceu? O que foi isso? Aconteceu alguma coisa?

Os CRIADOS sorriem para ela com uma expressão apaziguadora ao perceberem o tom, ainda que não as palavras.

MOORE Um sonho ... sim, um sonho.

Uma pausa, e então FIELDING surge no caminho. Vem a esfregar a cara. Atrás dele aparece GODBOLE.

FIELDING Bem, finalmente. Sr.^a Moore, como está?

MOORE Então finalmente chegou, Sr. Fielding.

FIELDING Sim. Que estupidez termos perdido aquele comboio.

GODBOLE (*fazendo um 'namaskar' à Sr.^a Moore*) A culpa foi minha. Fui eu quem provocou a demora.

FIELDING Oh, não tem importância, o que interessa é que já cá estamos.

GODBOLE Olhem, eu estava nas minhas orações quando o Sr. Fielding teve a amabilidade de ir a minha casa. O tempo não conta quando se está a rezar.

FIELDING Bom, não faz mal, não faz mal. Diga-me, onde estão a Menina Quested e o Dr. Aziz?

MOORE Eles foram a uma das grutas mais para diante. Eu estava cansada. Resolvi ficar aqui e descansar.

FIELDING Provavelmente foi uma decisão sensata. Pelo que posso perceber, é a vista que é impressionante, mais do que as grutas. (*um pouco apreensivo*)

Sr.^a Moore, tem a certeza de que a Menina Quested está com o Dr. Aziz?

MOORE Oh sim.

FIELDING Então eu devo estar enganado. Pareceu-me vê-la a descer a encosta quando vínhamos pelo caminho.

MOORE (*num tom áspero*) Qual encosta?

FIELDING Bem, suponho que fosse aquela. Pode vê-la do sítio em que o caminho faz uma curva ...

MOORE Porque é que ela estaria a descer encostas?

FIELDING Não faço ideia. Provavelmente fiz confusão.

GODBOLE (*calmamente*) Não é confusão. Possivelmente ela perdeu alguma coisa e foi à procura.

FIELDING Então por que não mandar um criado à procura? (*pensativo*) Agora que penso nisso, aquele barranco está cheio de cactos ... certamente, ela ...

MOORE Então começa assim ...

FIELDING (*com urgência*) Sr.^a Moore, tem a certeza de que ela estava com o Dr. Aziz?

MOORE (*num tom de indiferença*) A certeza absoluta.

GODBOLE Por favor sente-se, Sr. Fielding. Está muito calor ao sol.

FIELDING Se realmente era a Menina Quested, talvez a possamos ver daqui.

Corre para o sítio em que o caminho rodeia a rocha, e olha para o barranco.

Grita para os outros.

Lá está ela. Chegou à estrada lá em baixo. Está a entrar num carro.

AZIZ vem pelo caminho e quase colide com FIELDING.

AZIZ Fielding! Meu amigo, afinal veio! Finalmente juntou-se a nós. Agora o meu dia está completo.

FIELDING (*ansiosamente*) Então e a Menina Quested? O que está ela a fazer lá em baixo?

AZIZ (*olha para lá. Uma pausa*) Não é nada. Ela saiu das grutas, viu o carro de alguém amigo a passar, e decidiu voltar de carro para a cidade.

FIELDING Mas que amigo? Quem é que a recolheu?

AZIZ Como é que eu hei de saber? Não há dúvida de que ela combinou alguma coisa com alguém.

FIELDING Parecia a Sr.^a Callendar.

AZIZ Exactamente. Sem dúvida a Sr.^a Callendar veio buscá-la.

FIELDING (*mais tranquilo*) Parece um comportamento muito estranho.

AZIZ (*alegremente*) Nem por isso! Os convidados devem ter a liberdade de se comportarem à sua vontade. Eu ficaria ofendido se não o fizessem.

FIELDING Bem – só espero que ela não esteja doente.

AZIZ De maneira nenhuma. Se ela estivesse doente tinha-me pedido que lhe prestasse assistência.

FIELDING (*finalmente descansado*) Sim, isso faz sentido.

GODBOLE Por favor sente-se, Sr. Fielding.

AZIZ segue-o e vê os binóculos junto da rocha. Baixa-se para os apanhar, olha para eles com um expressão de perplexidade e coloca-os no bolso.

AZIZ Professor Godbole, que prazer em vê-lo! Sentem-se, sentem-se todos. Vamos tomar o pequeno-almoço.

MOORE Para mim não, obrigada.

FIELDING Godbole e eu tomámos o pequeno-almoço na estação.

AZIZ Professor, ainda bem que veio. Sendo um erudito, pode contar à Sr.^a Moore toda a história, certamente interessante, das Grutas Marabar.

GODBOLE Vou contar à Sr.^a Moore a história da Cisterna do Punhal. É um local histórico muito interessante. Era uma vez um Rajá Hindu que assassinara o filho da sua irmã. O punhal com que ele cometeu esse acto ficou preso à mão dele até que, uns anos mais tarde, ele veio aos Montes Marabar.

FIELDING Porque é que ele veio aqui? O local é considerado sagrado?

GODBOLE Não, não. Ele veio, e aqui sentiu sede e teve vontade de beber. Mas ele viu uma vaca com sede e ordenou que dessem água primeiro à vaca. Quando assim fizeram, o punhal caiu da mão e, para comemorar o milagre,

ele construiu a cisterna.

MOORE (*depois de uma pausa*) Eu pensaria que o milagre estava no facto de o punhal estar preso à mão, e não no facto de cair.

GODBOLE (*sorrindo*) Gostaria de ver a cisterna? Fica muito perto daqui.

AZIZ Já descansou o suficiente, Sr.^a Moore? Não faça esforços!

MOORE Sim, um pequeno passeio antes de voltarmos para Chandrapore.

Ela e GODBOLE vão na direcção de algumas rochas.

GODBOLE Se não está demasiado cansada. É só subir um bocadinho este monte.

MOORE Não, não. Eu gostava de ir.

Eles saem

FIELDING Bem, meu caro amigo, que dia tão atribulado para si!

AZIZ Não há problema, não há problema.

FIELDING Convidados que não chegam a tempo, convidados que largam o grupo. Diga-me, Aziz, já fez as contas ao que lhe vai custar este piquenique?

AZIZ Shhhh, meu querido amigo, não falemos sobre esse assunto. Centenas e centenas de rupias. A conta completa vai ser horrível. Os criados dos meus amigos fartaram-se de me roubar e, quanto ao elefante, pelos vistos só come ouro.

FIELDING Monstruoso!

AZIZ Eu estou encantado, a sério. Eles puseram os meus convidados confortáveis. Se o dinheiro vai, o dinheiro volta. Se o dinheiro fica, vem a morte. Já tinha ouvido este provérbio? Com certeza que não, pois acabei de o inventar.

FIELDING Já ouviu os meus provérbios? Um tostão que se poupa é um tostão que se ganha; mais vale prevenir do que remediar; olha antes de saltar. E todo o Império Britânico assenta neles. Vocês nunca conseguirão pôr-nos daqui para fora enquanto não transformarem a prudência numa virtude.

AZIZ Pôr-vos daqui para fora? Porque é que eu havia de me preocupar com isso? Isso é para os políticos ... Não, quando eu era estudante, costumava enfurecer-me com os vossos malditos conterrâneos, é claro; mas agora penso que se conseguir ser amigo de um Inglês, isso é mais importante do que ser inimigo de uma nação inteira. Eu não peço mais nada.

FIELDING Como amigo, então – não fique ofendido, Aziz – mas, como amigo, posso oferecer-me para partilhar as despesas do piquenique consigo?

AZIZ (*muito sensibilizado*) Não, não, meu caro Fielding. A intenção é suficiente – o acto em si seria demais.

Pausa. AZIZ tira uma pequena carteira do bolso e estende-a a FIELDING.

Abra-a.

FIELDING (*abre-a e tira de lá uma fotografia*) Quem é?

AZIZ Era a minha esposa. Você é o primeiro Inglês que ela tem pela frente.

Agora guarde-a.

FIELDING (*demasiado surpreendido para o fazer*) Eu acho que nunca me foi dada tamanha honra, e não consigo imaginar porquê –

AZIZ Nada de importante. Ela não era uma dama com grande educação. Nem sequer era bonita. Era a minha esposa. Guarde-a. Ela está morta. É uma pessoa sem importância. Mostrei-a a si porque não tenho mais nada para lhe mostrar.

FIELDING *devolve a fotografia.*

A Menina Quested esteve ainda há pouco a fazer perguntas sobre o meu casamento, e é por isso que estou a pensar tanto nela.

FIELDING A Menina Quested, toda ela factos e curiosidade. Ela quer saber coisas *sobre* a Índia, e não propriamente conhecer a Índia.

AZIZ Sim, ainda bem que você não vai casar com ela.

FIELDING Eu? Casar com ela? Quem é que lhe meteu essa ideia na cabeça?

AZIZ Não sei – foi algo que você disse – e eu gostava que casasse e tivesse filhos.

FIELDING Meu Deus! Com ela não, ela vai casar com o Heaslop.

AZIZ Sim, ainda bem que não é com ela, pois nem sequer é bonita. Praticamente não tem seios, se repararmos bem. Para o Magistrado da Cidade talvez sejam suficientes, mas para si hei-de arranjar ... (*retomando o seu velho estilo grandiloquente*) hei-de arranjar uma dama com seios como ...

FIELDING Eu sei, como romãs ... (*rindo*)

AZIZ (*rindo também*) Eu ia dizer mangas ...

FIELDING Em todo o caso, não fará nada disso.

AZIZ Pois não. Era só uma intenção, para corresponder à sua ...

Esboça a saudação muçulmana tal como no primeiro acto e FIELDING reage do mesmo modo. Enquanto se desenrola este diálogo, a SR.^a MOORE e GODBOLE voltam lentamente ao local de piqueniques. FIELDING vê-os e fica de novo preocupado.

FIELDING Sabem, ainda não consigo deixar de sentir que algo de errado se passou aqui ... parece tão estranho que uma rapariga como a Menina Quested se tenha comportado desse modo.

AZIZ (*levantando-se*) Sr.^a Moore, por favor responda-me ... será que alguma coisa estava mal nos meus preparativos? Não está satisfeita comigo?

MOORE Pelo contrário, os seus preparativos estavam perfeitos. Nada correu mal.

AZIZ Está a ver, Fielding? Está a ver?

FIELDING Mas alguma coisa deve ter acontecido ...

MOORE (*de mau humor*) Desculpe, Dr. Aziz, eu sei que estou a ser uma convidada horrível, mas a menos que tenha motivos para continuar aqui, não podíamos regressar a Chandrapore?

AZIZ É claro, é claro, como queira. Já vimos tudo, já fizemos a nossa pequena excursão. Agora voltemos para casa e vamos descansar, descansar, descansar!

Ele começa de novo a dar ordens aos CRIADOS. Eles levantam-se e andam de um lado para o outro a dobrar cadeiras e a arrumar tudo. Ele murmura mais ordens. GODBOLE sai.

FIELDING (*em tom pensativo*) Então não aconteceu nada ...

MOORE (*num tom cortante*) É claro que alguma coisa aconteceu, Sr. Fielding.

FIELDING Sim? Então ...

MOORE (*impaciente*) Mas agora é tarde demais. Ela pôs a máquina a andar, e agora tem que ir até ao fim. A máquina (*ela toca na cabeça*) para matar o amor.

Ela sai. Os CRIADOS andam ainda de um lado para o outro.

AZIZ (*para FIELDING, sorrindo*) Venha, meu caro Fielding. Finalmente viu Marabar. Já é qualquer coisa.

FIELDING Aziz ... eu estou bastante preocupado ...

AZIZ Deixe as preocupações para mim, meu caro amigo.

FIELDING Mas ouviu o que a Sr.^a Moore disse?

AZIZ Ela é velha ... e está cansada. Provavelmente irá esquecer este dia muito depressa. (*alegremente*) Mas eu – eu lembrar-me-ei deste dia para sempre. Venha.

Partem juntos enquanto

CAI O PANO

II ACTO. CENA 2

O cenário é o Clube Inglês em Chandrapore. É o fim da tarde do mesmo dia em que decorreu o piquenique nas Grutas Marabar. A sala de fumo do Clube foi arranjada para uma reunião, uma mesa num dos lados para funcionar como um pódio informal, filas de cadeiras de verga em frente à mesa. As portas altas e com persianas abrem para uma varanda, e para lá das grades da varanda, na distância azul, pode ver-se o implacável contorno dos Montes Marabar. Num dos lados, há portas oscilantes que conduzem ao bar do Clube. No outro, portas fechadas separam este espaço da sala de estar. Quando o Pano sobe ouvem-se vozes vindas do bar, onde os homens estão a beber e a discutir em tom sério o que se passou nas grutas. De vez em quando um ou outro homem inclina-se junto à porta do bar para ver se as mulheres estão bem, para murmurar uma ou duas palavras tranquilizadoras, para ver se o Sr. Turton, o Cobrador de Impostos (Oficial Administrativo Principal do Distrito) já chegou. Sentadas na sala de fumo, com expressões de ansiedade e importância nos rostos, estão as várias esposas. A SR.^a TURTON é, evidentemente, o centro do grupo, e quando um dos homens olha para ela com ar interrogativo para tentar ter notícias das inquirições e planos do Sr. Turton, ela abana a cabeça sobriamente. Todas as senhoras, uma a uma, olham de modo significativo para as portas fechadas da sala de estar, com expressões de impaciência e preocupação. Pelo seu comportamento percebe-se que algo de alarmante se está a passar por detrás daquelas portas.

De repente ouvem-se campainhas de templo e tambores, o que faz com que as senhoras se endireitem nas cadeiras com um ar nervoso, alerta e apreensivo. Um dos homens que estão no bar põe a cabeça de fora para as tranquilizar. É um Tenente com o uniforme tropical de aqui de um Regimento do Exército Indiano.

SR.^a TURTON Bem, Sr.^a Collin, temos de chegar a uma conclusão sobre o preço destes bilhetes. Eu sugiro três filas a dez rupias ...

SR.^a MCBRYDE Não percebe que está a desperdiçar o seu tempo com esse tipo de coisas quando está prestes a acontecer uma rebelião?

SR.^a TURTON Não é altura para manifestações de histeria. A melhor coisa a fazer é continuarmos com o nosso trabalho.

SR.^a LESLEY Sr.^a Turton, como é que consegue preocupar-se com essas coisas quando aquela pobre rapariga está lá dentro deitada ...

SR.^a TURTON Sr.^a Lesley, não há nada que possamos fazer.

SR.^a LESLEY Mas depois daquele terrível ataque numa gruta ...

SR.^a TURTON O Sr. McBryde e o Sr. Heaslop estão agora lá dentro com ela. Mas, Sr.^a Collin, continuando ...

O TENENTE *entra*

TENENTE Não há razão para alarme, minhas senhoras. Temos pessoas colocadas na cidade ...

SR.^a MCBRYDE Mas o que é? É uma manifestação?

TENENTE Não, não. São só preparativos para um festival qualquer.

SR.^a MCBRYDE A história com certeza que já circula nos bazares por esta altura.

TENENTE Não há motivo para preocupações. Estamos muito bem protegidos, posso garantir-vos. (*Volta para o bar*).

SR.^a TURTON Tenho a certeza de que o tenente tem razão. Só pioramos as coisas ao parecermos ansiosas ... Pode parecer antipático da minha parte dizer isto agora, mas eu sabia que acabaria mal. Todas aquelas tentativas idiotas de *ver a Índia* ...

SR.^a BURTON Mas quem é que podia adivinhar que acabaria tão mal assim?

SR.^a LESLEY Toda aquela ideia de um piquenique em Marabar ... ninguém a não ser uma novata podia pensar em tal coisa – quero dizer, com *Indianos!*

SR.^a MCBRYDE (*num tom alto e tenso*) É isso mesmo que eu quero dizer ... os Indianos. Como é que podemos ter calma quando nunca sabemos qual deles ...

SR.^a TURTON Por favor ...

SR.^a MCBRYDE Não consigo evitar. Eu tenho filhos ...

SR.^a LESLEY (*com o ar de quem está a dizer uma coisa que é evidente*) Eu sempre achei que as crianças deviam ser educadas no seu país. Quero dizer, com este clima ...

SR.^a MCBRYDE (*com ressentimento crescente*) As pessoas estão sempre a dizer coisas desse género – mas então e *nós*? Será que *nós* só temos direito a metade da vida – *sempre* separadas ou do marido ou dos filhos?

SR.^a TURTON (*com naturalidade*) É uma das consequências da responsabilidade. Também tem as suas compensações.

SR.^a MCBRYDE (*zangada*) Mas eu digo-vos –

SR.^a TURTON Sr.^a McBryde, não posso permitir isto. Sobretudo vindo de si. O seu marido está agora aqui a fazer serviço. Nós esperamos que ele nos proteja, e você deve ...

SR.^a MCBRYDE Proteger-vos com o quê? Polícias nativos? Tropas nativas? É ridículo ...

SR.^a TURTON (*enfaticamente*) Isto ... tem que ...acabar! Vá, controle-se. Não devemos tirar conclusões precipitadas. Pode ser que haja uma outra explicação.

SR.^a COLLIN Tem toda a razão, Sr.^a Turton. Quando estiverem aqui há tanto tempo como eu ...

SR.^a MCBRYDE Quais são as outras explicações possíveis? ...

SR.^a LESLEY A pobre rapariga pode estar a morrer ...

SR.^a TURTON O médico está agora com ela, e nós não melhoramos as coisas ao estarmos assim a discutir.

As outras senhoras estão evidentemente cépticas e murmuram coisas como «Você é demasiado bondosa, Sr.^a Turton», e «Bem, suponho que temos que manter o espírito aberto...».

SR.^a MCBRYDE Eu não vou aguentar ... não vou! Eu vou-me embora.

SR.^a BURTON Embora da Índia?

SR.^a MCBRYDE Vou fazer com que o meu marido se demita e, sim, vamos embora da Índia e voltamos ...

SR.^a BURTON Para onde?

SR.^a MCBRYDE Para onde? Para Inglaterra, é claro.

Todas elas sabem que isso é impossível, já que nenhuma poderia manter o padrão de vida colonial em Inglaterra.

SR.^a BURTON As coisas não são o mesmo para nós ... as coisas não estão fáceis em Inglaterra ...

SR.^a MCBRYDE Mas pelo menos ... Bem, podemos pedir uma transferência, já seria qualquer coisa ...

Por detrás das costas dela as senhoras trocam olhares, e depois dedicam-se

em silêncio às suas pequenas ocupações ...uma faz malha, outra folheia um velh exemplar do “Illustrated London News”, etc. HEASLOP vem da sala de estar e as senhoras ficam novamente atentas, a olhar para ele.

HEASLOP O Callendar deu-lhe um sedativo leve ... Ela está mal ... muito mal ...

SR.^a TURTON Ela falou com ele?

HEASLOP Oh, falou. Ela fala o tempo todo ... demasiado ...

SR.^a BURTON Quer dizer que ela, bem ... ela está em *desvario*?

SR.^a COLLIN Provavelmente em delírio.

HEASLOP Bem, o sedativo deve acalmá-la um pouco. Ela tem muita febre. E o Callendar está preocupado por causa dos espinhos dos cactos ...

SR.^a TURTON *Cactos* ... oh, pobrezinha ...

HEASLOP Porque podem infectar ... De qualquer modo, ela está agora pronta para prestar um depoimento. Ou seja, um depoimento oficial na polícia.

SR.^a BURTON Então ela ...

SR.^a MCBRYDE Então é mesmo ...

HEASLOP Sim, é de facto tão mau como temíamos.

FLETCHER *entra.*

FLETCHER O Cobrador Sahib acabou de telefonar para dizer que vem a caminho. Parece que está tudo arranjado na cidade. Por favor, diga ao Callendar e ao McBryde.

HEASLOP Obrigado, Sr. Fletcher.

FLETCHER *olha com um ar inquisitivo para HEASLOP, depois penetra no bar e RONNY volta para a sala de estar.*

SR.^a MCBRYDE (*em tom baixo e feroz*) Eu sabia ... eu disse-vos ...

SR.^a TURTON Bem, todas nos já sabíamos. Por que outra razão é que os nossos maridos haviam de começar imediatamente a accionar dispositivos de segurança. Mas estas coisas têm de ser confirmadas. Afinal, não é por acaso que temos a reputação de sermos justos.

SR.^a BURTON Concordo inteiramente, Sr.^a Turton. Mas agora temos a certeza.

SR.^a MCBRYDE Eu sempre tive a certeza ... tive mesmo! Aquele ... aquele monstro ...

SR.^a LESLEY Realmente!

SR.^a TURTON Bem, ele será punido, não tenham dúvidas.

SR.^a MCBRYDE Punido depois de o mal estar feito ...

SR.^a BURTON Ele não podia ser punido *antes* ...

SR.^a TURTON (*severamente*) A situação nunca deveria ter ocorrido. Nunca. Mas a pobre rapariga ... apesar da sua loucura ...

Um certo movimento lá fora anuncia a chegada da SR.^a MOORE e de FIELDING. Ela está com um ar desinteressado e até inexpressivo. Ele está confuso, ansioso, enérgico. As senhoras rodeiam a SR.^a MOORE junto à porta para a varanda, e a SR.^a TURTON faz questão em apertar-lhe a mão.

TODOS Oh, Sr.^a Moore.

SR.^a TURTON Graças a Deus que chegou aqui sã e salva, Sr.^a Moore. Que dia terrível!

UMA ESPOSA Sr.^a Moore, a senhora está bem? Entre, por favor –

FIELDING Mas o que é que *se passa*? Minhas senhoras ... por favor? Nós não estamos a perceber ...

SR.^a TURTON (*em tom de desagrado*) Nós pensávamos que *você* é que *nos* poderia dizer, Sr. Fielding.

FIELDING Dizer-vos o quê? Vai haver aqui alguma reunião? Deram-nos ordens para irmos da estação para aqui com toda a urgência.

SR.^a TURTON (*num tom significativo*) Na verdade, vai haver uma reunião.

FIELDING Mas o que é que aconteceu? Nós estivemos o dia todo nas Grutas Marabar e não sabemos de nada.

SR.^a COLLIN Exactamente, Sr. Fielding.

SR.^a TURTON Você esteve nesse mesmo local e não foi capaz de impedir uma coisa tão horrível. E ainda pergunta o que aconteceu!

FIELDING Uma rebelião? Distúrbios de alguma espécie? Parecia haver muita polícia na estrada, mas pensei que fosse por causa dos festejos ‘*Mohorrum*’.

SR.^a TURTON É claro que você sabe os nomes de todos esses festivais nativos.

SR.^a MOORE Eu julgo tratar-se da Adela.

FIELDING Adela? A Menina Quested?

SR.^a MOORE Ela não tem estado bem.

SR.^a TURTON Olhe, Sr. Fielding, a Sr.^a Moore parece saber o que se passa. É estranho que você finja não saber.

FIELDING Não está bem? Doente? Desde quando? (*ignorando a SR.^a TURTON*).

SR.^a MOORE Oh, há alguns dias ... de qualquer modo, desde antes desta excursão às grutas.

SR.^a TURTON (*surpreendida*) Desde antes ...

FIELDING Mas, não achámos que ela estava bem ? ...

SR.^a MOORE (*impaciente*) Não se trata de doença física.

FIELDING Eu acho que não estou a perceber.

SR.^a MOORE (*em desespero*) Suponho, já que insiste, que se deve considerar tratar-se de uma doença espiritual.

FIELDING Sr.^a Moore, está a deixar-me muito preocupado.

SR.^a MOORE Oh, preocupações, preocupações! Enigmas e mistérios! Deixe-me passar, Sr. Fielding. Estou cansada e quero sentar-me.

Ela encontra uma cadeira separada do resto e permanece lá durante o resto do Acto, uma figura de ar desaprovador e opressivo. Diz muito pouco, mas ninguém consegue ignorá-la quando manifesta irritação ou enfado.

SENHORAS Pobre criatura

Eu acho que ela está um pouco desequilibrada ...

Depois do dia de hoje, não admira ...

O MAJOR CALLENDAR entra, vindo da sala de estar. Parece cansado e com calor, mas mantém um tom firme.

CALLENDAR Bem, minhas senhoras ...

SR.^a TURTON (*chamando os homens que estão no bar*) O Major Callendar já veio.

Eles vêm do bar com bebidas nas mãos. O TENENTE, o SR. BURTON, um FUNCIONÁRIO PÚBLICO, alguns JOVENS MEMBROS dos vários departamentos do Estado.

HOMENS Então, o Doutor Sahib?

Como está ela? Ela está bem?

Que bom vê-lo, Callendar ...

Esperemos que nos possa tranquilizar ...

BURTON Sente-se, Callendar, e diga-nos tudo.

CALLENDAR Vai levar tempo.

BURTON Tome uma bebida. (*dá-lha*) Ela está pior? Estava num estado terrível quando chegou.

CALLENDAR (*aceitando a bebida*) Não está pior. Mas não está fora de perigo.

SR.^a TURTON Qualquer uma de nós gostaria de ficar ao lado dela ... ou ajudar nalguma coisa ...

CALLENDAR É muito generoso da sua parte, Sr.^a Turton, mas não é necessário. A minha esposa fica ao lado dela ... ela tem experiência. (*uma pequena pausa feita de embaraço*) Eu nunca tive um caso assim em toda a minha vida

... e nunca desejei tê-lo, sobretudo aqui, na Índia. (*abana a cabeça*) Febre, é claro. Era de esperar. E os espinhos dos cactos. Terão que ser retirados usando uma lupa. Um a um. Estão no corpo todo. (*engole a bebida*) Mas o que é que eu posso fazer em relação ao resto? O espírito dela ... a perturbação do espírito. E o terror ... é mais do que ... bem, temos de esperar para ver. (*encolhe os ombros e então vira-se, esperançado, para a SR.^a MOORE*) Sr.^a Moore, talvez me possa ajudar. A Menina Quested queixa-se de algo a que chama “um eco”. Dentro da cabeça, diz ela. Como se a cabeça dela fosse uma gruta. Um eco. SR.^a MOORE (*com indiferença*) Sim, houve um eco.

CALLENDAR (*gentilmente*) Estava relacionado com a gruta?

SR.^a MOORE Oh sim. Mas não houve nada de especial no eco da gruta.

CALLENDAR Lamento ter de insistir, mas se pudesse ajudar-me ... tente explicar, e talvez eu possa fazer alguma coisa por ela.

SR.^a MOORE (*num tom monótono*) «Bummm» – qualquer coisa assim. Seja o que for que se diga, é sempre o mesmo barulho monótono que responde. «Bummm» é o som, dentro do que eu consigo reproduzir, ou «bou-oum» ou «ou-bum» ... completamente monótono. Esperança, delicadeza, um nariz a assoar-se, uma bota a raspar, tudo produz o som «bummm».

Um silêncio frustrado enquanto todos olham uns para os outros, e alguém aponta para a sua própria cabeça de um modo sugestivo.

CALLENDAR (*levanta-se com ar inquieto*) Não consigo deixar de me culpar ... quem me dera não ter dado folga à minha *jóia* de assistente ... Isto nunca teria acontecido ...

FLETCHER Disparate – você não poderia prever.

FIELDING Assistente? Refere-se a Aziz?

HOMENS Ninguém o culpa a si, Callendar.

Todos nós somos culpados. (olham para FIELDING de um modo significativo)

Nós pensámos que, desde que houvesse um Inglês no grupo ...

FIELDING (*avançando*) Mas o que é que o Dr. Aziz tem a ver com isto? Como é que ele está envolvido?

CALLENDAR (*chocado*) Fielding, pode com seriedade continuar a dizer que não sabe?

FIELDING (*pacientemente*) Nós fomos trazidos da estação directamente para aqui quando voltámos do piquenique. Soubemos depois que a Menina Quested está doente. O Dr. Aziz foi entretanto levado para um outro sítio

qualquer. Isto é tudo o que eu sei.

CALLENDAR Um sítio qualquer? Para a esquadra da polícia ... e é lá que deve estar. O Cobrador teve a amabilidade de o salvar a si da desgraça de ser visto com ele ...

FIELDING Agradeço ao Sr. Turton a amabilidade. Mas o que é que o Aziz fez?

TURTON *entra e fica junto à porta sem ser visto pelos outros.*

CALLENDAR (*devagar e com expressão de profundo desagrado*) A Menina Qusted foi atacada e insultada numa das Grutas Marabar.

FIELDING O quê?

CALLENDAR Ela conseguiu escapar, graças a Deus.

FIELDING Oh não ... o Aziz não ... não pode ter sido o Aziz ...

CALLENDAR *acena que sim com a cabeça.* FIELDING *tenta acalmar-se.*

Quem é que faz essa ... essa perversa acusação?

CALLENDAR A minha esposa, e a infeliz rapariga.

FIELDING A Menina Qusted? *A própria* Menina Qusted faz-lhe essa acusação ...

CALLENDAR (*friamente*) Sim.

FIELDING ... de tentativa de violação?

CALLENDAR Sim.

FIELDING (*com violência*) Então ela está louca.

O SR. TURTON, o Cobrador, tem estado junto à porta da varanda a ouvir e agora avança, rígido de fúria. Os outros deixam-no passar, em atitude de deferência, e agrupam-se como se fossem estudantes a ouvir um respeitado professor.

TURTON Eu não posso ignorar essa observação. Como Cobrador deste Distrito, tenho que pedir-lhe que a retire imediatamente. É o tipo de observação que você se tem permitido fazer desde que veio para Chandrapore.

FIELDING Eu peço imensa desculpa, senhor; retiro-a de imediato e com toda a certeza.

TURTON Sr. Fielding, o que é que o levou a falar nesse tom?

FIELDING As notícias provocaram-me um grande choque, por isso peço que me perdoe. Eu não posso acreditar que o Dr. Aziz seja culpado.

TURTON (*bate com a mão na mesa*) Isso ... isto é uma repetição do seu insulto, numa forma agravada.

FIELDING Atrevo-me a dizer que não. Eu não ponho em causa a boa fé das duas senhoras, mas a acusação que fazem a Aziz baseia-se nalgum engano, e

bastam cinco minutos para o desfazer.

TURTON (*em tom cortante e vingativo*) De facto, baseia-se num engano. Sem dúvida. Eu tenho vinte e cinco anos de experiência deste país. E durante todo este tempo nunca deparei com nada, a não ser consequências desastrosas, quando os Ingleses e os Indianos tentam ser socialmente íntimos. Nós temos que conviver com eles, sim. Cortesia, com certeza. Intimidade ... nunca. Toda a minha experiência fala contra isso. Você, Sr. Fielding, com as suas ideias «liberais», você quer paz e uma boa administração, uma vida confortável e tempo para se dedicar ao trabalho ... acredite em mim, somos *nós* que podemos tornar isso possível. E ainda bem. Mas você exige mais. Você exige que toda a gente seja tratada de igual modo ... e veja só o que acontece. O trabalho de anos está posto em causa, e o bom nome do meu distrito, que tem para mim grande importância, fica arruinado durante uma geração.

FIELDING Eu só peço que um homem ... um Indiano seja considerado um ser humano.

TURTON E eu estou a falar de uma larga comunidade, Sr. Fielding. Uns e outros – Britânicos e Indianos. Talvez possa ver o desfecho deste dia. Eu só desejava não ter presenciado o seu início. Que uma jovem senhora – noiva do meu funcionário mais considerado ... que uma jovem inglesa acabada de sair do seu país ... que ela tenha sido levada ... por ...

A acusação dirigida a Fielding é óbvia, tal como os sinais de sincera aflição por parte deste. Os membros do clube manifestam uma espécie de aprovação perante ambos. Após um instante, ele recompõe-se, olha à sua volta e continua a falar para FIELDING, com uma voz mais controlada.

Bem, mais uma vez, temos que ser nós a resolver os problemas quando as nossas tradições são postas de lado por recém-chegados.

FIELDING Todos nós sabemos que se está a referir a mim, senhor ...

TURTON Sr. Fielding, não lhe ocorreu perguntar a si próprio por que razão a Menina Quested não voltou com o resto do grupo no comboio?

FIELDING Mas eu pensava que sabia porquê. Eu vi-a partir ... (*virando-se para os outros com um ar de desamparo*) Como provavelmente sabem, o Professor Godbole e eu atrasámo-nos e perdemos o primeiro comboio ...

BURTON (*num tom significativo*) Atrasaram-se?

FIELDING Eu fiquei de ir buscar o Godbole no meu caminho para a estação. Quando cheguei a casa dele, ele estava nas suas orações e não podia ser interrompido.

*Alguém se ri. Alguém diz, «Oh, então agora chamam a isso demora, é?»
Outra pessoa diz, «Orações! Todos nós conhecemos essas orações!»*

FLETCHER Olhe, Fielding, temos razões para acreditar que o Godbole foi subornado.

FIELDING Subornado pelo Aziz? Meu Deus, mas para quê?

FLETCHER Para o reter – para o atrasar, se assim prefere. Foi tudo premeditado, percebe?

FIELDING Não, não percebo. Eu só sei que quando o Godbole e eu chegámos, eu vi-a, lá de cima do topo da colina. Um carro tinha parado e vi alguém – uma mulher – sair e ajudá-la a entrar. Pensei que a Menina Quested tinha visto a oportunidade de uma boleia de volta a Chandrapore e muito sensatamente tinha aproveitado, em vez de fazer uma tórrida viagem de comboio. Talvez tenha reconhecido o carro e acenou para que parasse.

Silêncio.

É possível. (*com algum desespero*) Callendar – à distância, eu não podia ter a certeza, mas parecia ser a sua esposa. Ela confirmou?

CALLENDAR Era, de facto, a minha esposa. E podemos considerar-nos afortunados por ela estar nesse mesmo momento a passar por Marabar. Ela trouxe a pobre rapariga imediatamente para aqui.

SR.^a TURTON Sim, graças a Deus ela ia a passar. Nem quero pensar no que poderia ter acontecido se não fosse isso.

FIELDING (*vendo que ninguém o ajudava*) Sr.^a Moore, a senhora estava lá. O que foi que aconteceu? Será que a Menina Quested estava com pressa de voltar para casa – e agarrou essa inesperada oportunidade?

SR.^a MOORE Adela? Ela nunca teve pressa na vida.

FIELDING Talvez não estivesse a sentir-se bem, e não queria incomodar o resto do grupo? Um princípio de insolação, talvez?

MOORE (*num tom vago*) Eu própria não me estava a sentir muito bem.

FIELDING Então pode ter sido o Sol?

MOORE O Sol, não. Eu entrei na primeira gruta com eles. Parecia que uma multidão tinha entrado atrás de nós ... a proximidade dessas pessoas ... e o aperto ... e o cheiro ... e, é claro, o eco ... eu senti-me sufocada. Não fui com eles à gruta seguinte. Não me estava a sentir bem.

CALLENDAR Bom, aqui tem, Fielding. Ele subornou o Godbole para se atrasarem, e deve ter subornado os criados e os guias para abafarem a Sr.^a Moore. Precisa de mais? Está perfeitamente claro ...

MOORE Foi o eco ...

CALLENDAR Eu acho que foi tudo muito bem planeado. A Sr.^a Moore fora de campo. O Aziz fica livre para ir com a rapariga à gruta seguinte. Sozinhos. E então ... bem, é melhor desistir de encontrar desculpas, Fielding.

FIELDING *afasta-se, derrotado.*

TURTON Por agora chega. Acho que deixámos tudo claro perante o Sr. Fielding.

Entra MCBRYDE, que fica de pé ao lado de TURTON

CALLENDAR Ah, McBryde – Como é que ela está?

TURTON Ah, McBryde, foi muito rápido. Já temos alguma informação oficial em primeira mão?

MCBRYDE Sim, senhor, temos mais do que informação. Temos provas. Quem me dera sentir alguma satisfação com isso.

TURTON Estamos todos chocados e perturbados, McBryde. Mas se há provas, pelo menos temos algo de concreto para apoiar as nossas acções.

MCBRYDE Sim senhor, é algo realmente concreto. Receio que o caso tenha mesmo que ir a tribunal. Parece não haver dúvidas quanto a isso. (*mostrando uns papéis anotados*) Bem, eu anotei a acusação inicial da pobre rapariga, assinada e com testemunhas. (*mostra os papéis a TURTON*) Eu não pude sobre-carregá-la com perguntas. Ela não está em estado ... e, além disso, terá ainda muita coisa para contar no tribunal.

FIELDING Não estava um guia com ela? O Aziz disse que haveria guias ...

MCBRYDE Guia? Não. Ela tinha ido parar no meio de cactos. A Sr.^a Callendar salvou-lhe a vida, ao chegar mesmo nessa altura ... a rapariga estava a ficar perdida. A Sr.^a Callendar ajudou-a a descer até ao carro. A Menina Qusted não suportava o condutor nativo e ia dizendo «Afastem-no» ... e foi isso que deu a pista à Sr.^a Callendar para aquilo que tinha acontecido. Esta é a história, tanto quanto sei. Talvez mais tarde a Menina Qusted possa dizer-nos mais, mas agora não. Parece que houve um eco que a assustou.

FIELDING Exactamente. O eco ... não poderia ter sido isso ...?

SR.^a TURTON Mas a Sr.^a Moore disse-nos que não foi um eco assustador, apenas uma espécie de «bummm».

SR.^a MOORE Está enganada. Foi não só assustador, como também desagradável. Pior do que a acumulação de pessoas e os cheiros e a sufocação. Minou o nosso controlo da vida. Ele dizia, «Dor, devoção, coragem ... existem, mas é tudo idêntico, e o lixo também. Tudo existe, mas nada tem valor». Se alguém

pronunciasse palavras vis naquele lugar, ou declamasse um poema, o comentário teria sido o mesmo – «ou-bumm». Se alguém usasse a linguagem dos anjos e rezasse para atenuar toda a infelicidade e incompreensão no mundo, passado, presente e no que há-de vir, todo o sofrimento que os seres humanos têm que suportar independentemente das suas opiniões e situações, e por muito que se escondam ou enganem ... daria o mesmo resultado.

Outro silêncio de estupefacção.

FIELDING Então ainda há uma hipótese de erro. Será possível que esse eco tenha afectado os nervos da Menina Quested? Que ela tenha confundido os acontecimentos dentro da sua mente?

MCBRYDE (*num tom triste*) Oh, não. Ela fala disso com muita lucidez. Foi quando se dirigiu à segunda gruta. A acusação é de que ele a seguiu dentro da gruta e fez avanços insultuosos. Ela atingiu-o com os binóculos; ele puxou-os para si e a correia partiu-se, e foi assim que ela se afastou.

FIELDING Não, não. Deve haver ...

MCBRYDE Quando fomos ter com ele à Estação da Polícia, os binóculos estavam no bolso dele.

FIELDING Oh, não, oh não, não; isso será esclarecido em cinco minutos ...

MCBRYDE (*colocando-os sobre a mesa, com uma expressão fria*) Olhe para eles. A correia foi recentemente partida. As lentes estão calcadas ... O que é que a lógica da prova nos diz?

FIELDING *abana a cabeça.*

MCBRYDE E temos mais provas no que toca ao seu carácter e estado de espírito. (*põe a carteira de AZIZ sobre a mesa*) Olhe para isto, por exemplo. Retirámos-lhe tudo ao mesmo tempo. Eu estive a ver o que estava lá dentro. Não são coisas edificantes. Aqui está uma carta de um amigo que tem um bordel em Calcutá !

FIELDING (*chocado*) ... as suas cartas particulares ...

MCBRYDE Terá que ser citada no tribunal como ilustração da sua moral. Ele estava a fazer preparativos para visitar este homem, e para estar com mulheres. É evidente o tipo de pensamentos que lhe enchiam a cabeça. E ainda encontramos mais provas. Olhe para isto. Está a ver, fotografias de mulheres.

FIELDING (*examina a fotografia*) É a esposa dele.

TURTON Como é que sabe?

FIELDING Foi ele que me disse. Foi um gesto muito honroso, um muçulmano mostrar-me a fotografia da esposa dele.

CALLENDAR Esposa? Todos nós sabemos que esposas são essas.

TURTON Bem, seja o que for que pensemos, não há dúvida de que o McBryde apresentou todas as provas relevantes e necessárias para este caso. Todos nós sabemos a rapidez com que os mexericos se espalham no bazar, e a forma como as coisas são empoladas. Em consequência, é nossa função evitar o pânico e o alarmismo, que são tão perigosos no que nos diz respeito, como em relação à cidade inteira. É certo que teremos dias difíceis pela frente, mas temos que manter a calma. Seja o que for que aconteça. Nada de conversas inflamatórias. Nada de ansiedades expostas. Mantenham a calma. Não saiam de casa mais do que o necessário. Não vão à cidade. Não falem à frente dos criados. Entretanto, preferia que ficassem todos aqui até eu ter tido uma conversa com o Heaslop. Está certo? Meus caros ...

TURTON sai. A reunião acaba e as pessoas separam-se em grupos, alguns voltam para o bar, outros para a varanda. Só a SR.^a MOORE permanece sentada como antes. FIELDING detém MCBRYDE quando este se prepara para sair.

FIELDING McBryde, desculpe-me. Posso dar-lhe uma palavra? Suponho que não haverá a possibilidade de eu ver a Menina Qusted.

MCBRYDE Receio que não. Sem dúvida.

FIELDING Já esperava que me dissesse isso. Mas eu gostava muito.

MCBRYDE Ela não está em estado de ver ninguém. Além disso, você não a conhece bem.

FIELDING Muito mal... Mas, sabe, acredito que esse desgraçado está inocente, e que ela está sob os efeitos de um qualquer terrível engano.

MCBRYDE Eu não fazia ideia de que você estivesse a pensar *isso*.

FIELDING Esses binóculos perturbaram-me por um momento, mas entretanto repensei o assunto. É impossível que, tendo ele tentado atirar-se a ela, pusesse os binóculos dela no bolso.

MCBRYDE Receio que seja possível. Quando um Indiano se porta mal, não só se porta muito mal, como de uma forma estranha.

FIELDING Não estou a perceber.

Sentam-se ambos.

MCBRYDE Como é que poderia? Quando pensa em crime, você pensa em crime inglês. A psicologia aqui é diferente. Estou convencido de que, a seguir, você vai dizer-me que ele estava perfeitamente normal quando desceu o monte para o cumprimentar ... O que deve ter acontecido logo a seguir ao ataque.

FIELDING E estava. Esteve normal e alegre e amável durante o resto do dia.
MCBRYDE Não havia razão para não estar. Eu já vi isso muitas vezes. Leia um dos relatórios do motim.

FIELDING Seja como for, eu quero ver a Menina Qusted.

MCBRYDE Ainda não me explicou o que tem em mente. Por que razão quer vê-la?

FIELDING Eu só queria perguntar-lhe se tem a certeza, a certeza absoluta, de que foi Aziz quem a seguiu no interior da gruta.

MCBRYDE Eu próprio poderia fazer-lhe a pergunta.

FIELDING Mas queria ser *eu* a perguntar. Eu queria que fosse alguém que acredita nele, a fazer a pergunta.

MCBRYDE Que diferença é que isso faz?

FIELDING Ela está no meio de pessoas que não acreditam nos Indianos.

MCBRYDE Mas é ela quem conta a sua história, não é?

FIELDING Eu sei, mas conta-a a *vocês*.

MCBRYDE Bem, por muito elaboradas que sejam as suas teorias, você não pode vê-la.

FIELDING (*zangado*) Mas posso ver o seu prisioneiro, suponho?

MCBRYDE Ele está em contacto com a gente à qual pertence. Por que razão há-de você misturar-se com o alcatrão?

FIELDING Mas se ele está inocente ...

MCBRYDE Inocente ou culpado, porque é que se há-de misturar? Qual é a vantagem?

FIELDING Oh, vantagem, vantagem! Eu sinto-me sufocado.

MCBRYDE Olhe, Fielding, a situação em Chandrapore vai ser muito desagradável, e temo que seja necessário unirmo-nos. Numa altura como esta não há espaço para ... bem ... perspectivas pessoais. Quem não se mantiver na linha acabará por se perder.

FIELDING (*em tom amargo*) Estou a ver que sim.

MCBRYDE Mas não está a ver tudo. Não só se perde, como enfraquece os seus amigos. Se não se mantiver na linha, abre uma fenda. Esses chacais que se auto-denominam advogados dele estão com mil olhos à procura de uma fenda. Além disso, os resultados poderiam ser muito sérios para si ... para a sua carreira.

FIELDING Posso ver o Aziz?

MCBRYDE Não. Pode vê-lo com autorização de um magistrado, mas não sob a minha responsabilidade. Poderia conduzir a mais complicações.

FIELDING (*num tom gelado*) A quem me devo dirigir para pedir autorização?

MCBRYDE Ao Magistrado da cidade.

FIELDING ...Heaslop! Que bela solução!

MCBRYDE Sim, não é propriamente uma boa altura para incomodar o pobre Heaslop.

Durante a última troca de palavras houve alguma movimentação e sussurros vindos da varanda e espalhando-se até ao bar. As pessoas começam a regressar à sala de fumo. Os grupos que ficaram na sala sentam-se com um ar atento. HEASLOP entra. Todos se levantam, excepto FIELDING.

HEASLOP Oh, por favor – por favor, sentem-se. Eu só queria saber o que é que foi decidido.

TURTON (*com a mão sobre o ombro de HEASLOP*) Heaslop, eu estava a dizer-lhes que sou contra qualquer manifestação de força. Receio que isso apenas iria conduzir a mais problemas, até mesmo à violência e à insurreição. (*em tom de desculpa*) Quando se souber qual o veredicto, será diferente.

HEASLOP Você saberá melhor do que eu; eu não tenho experiência ...

SR.^a TURTON Como está a Menina Quested, podemos saber?

HEASLOP Mais calma, obrigado. Gostaria que todos se sentassem.

CALLENDER Alguns nunca se levantaram.

Olham todos fixamente para FIELDING. FIELDING continua sentado.

TURTON Sr. Fielding, o que é que o impediu de se levantar?

FIELDING Posso fazer uma declaração, senhor?

TURTON Certamente.

FIELDING Eu acredito na inocência do Dr. Aziz.

TURTON Você tem o direito de ter essa opinião se quiser, mas será isso razão para insultar o Sr. Heaslop?

FIELDING Posso concluir a minha declaração?

TURTON Certamente.

FIELDING Eu estou à espera do veredicto do tribunal. Se ele for culpado, eu demito-me das minhas funções e deixo a Índia. Demito-me do Clube neste momento.

TURTON Não respondeu à minha pergunta. Porque é que não se levantou quando o Sr. Heaslop entrou?

FIELDING (*dirigindo-se para a porta*) Com todo o respeito, senhor, eu não estou aqui para responder a perguntas, mas sim para fazer uma declaração pessoal, e já a concluí.

TURTON (*furioso*) Posso perguntar-lhe se é você que está encarregado deste distrito? (*enquanto FIELDING chega junto da porta e vê o TENENTE a bloquear-lhe a saída*) Um momento, Sr. Fielding, não vai sair ainda, por favor. Antes de deixar o Clube do qual se demite e muito bem, irá expressar o seu repúdio pelo crime cometido, e pedir desculpas ao Sr. Heaslop.

FIELDING Eu vou esperar para saber se realmente houve um crime, antes de decidir se devo pedir desculpas a todos vós, ou ao Dr. Aziz.

TURTON (*perdendo o controlo*) Saia imediatamente! Lamento profundamente ter-me aviltado ao dar ordens para que o fossem buscar à estação. Você desceu ao nível dos seus associados, é esse o seu problema! Saia imediatamente ...

FIELDING Não posso, enquanto este cavalheiro me impedir.

HEASLOP (*quase em lágrimas*) Deixem-no ir! Pelo amor de Deus, deixem-no ir!

O TENENTE *afasta-se da porta e FIELDING sai.*

TURTON (*uma pausa, enquanto dá palmadas nas costas de HEASLOP*) Meu caro Heaslop, tenho a certeza de que não preciso dizer-lhe ... quão perplexo perante o comportamento de Fielding ...

HEASLOP (*afastando-se*) Não tem importância ...

TURTON Bem, o que lhe posso dizer é que você terá a oportunidade de se vingar no tribunal.

HEASLOP (*num tom áspero*) ... isto tem que ir a tribunal? Não haverá a possibilidade de ...

TURTON De eles se escaparem disto? Certamente que não. Fique descansado, meu caro Heaslop. É claro que vai haver um julgamento.

HEASLOP ... Eu não queria dizer ...

TURTON E lembre-se de que todos nós estaremos consigo ...

HEASLOP (*mais calmo*) Cobrador Sahib, tenho estado a pensar ...

TURTON (*em tom confiante*) Talvez eu não devesse dizer isto, mas é claro que todos sabemos o que o veredicto ... bem, é melhor ficar por aqui; nós estaremos consigo a cada passo e, quando você estiver a falar da tribuna, estará a falar por todos nós.

HEASLOP Mas é isso mesmo, senhor ... eu acho que não devíamos decidir de antemão ... quero dizer ... (*engole em seco e endireita-se*) O que eu quero dizer é que na minha opinião não deveria ser eu a julgar este caso.

TURTON Todos nós compreendemos os seus sentimentos, meu jovem, mas eles não devem constituir um obstáculo numa altura como esta.

HEASLOP (*com dificuldade, sentindo-se embaraçado pela atitude «nobre»*) Oh, não se trata tanto dos meus sentimentos ... é que ... eu acho que não seria honesto ... quero dizer, realmente *justo* ...

SR.^a TURTON (*em tom alto e incrédulo*) Não julgar o caso?

HEASLOP Quero dizer, eu sou parte interessada ... não vê?

BURTON Mas se não for você, quem será...?

TURTON (*num tom sério*) O Burton tem razão, Heaslop. Qual é a alternativa?

HEASLOP (*calmamente*) Tenho de entregar o caso ao meu adjunto.

SR.^a MCBRYDE (*histórica*) O seu adjunto! Um *Indiano*! Você ia deixar um *Indiano* ...

TURTON Por favor, Sr.^a McBryde ...

HEASLOP Sim, acho que sim. Terei que pedir ao Das que se encarregue do caso.

CALLENDAR Heaslop, está a falar a sério?

HEASLOP Nunca falei tão a sério na minha vida. O Das é ... é um bom homem. Ando a treiná-lo já há algum tempo. Ele é são, e ... e leal ...

SR.^a MCBRYDE Nenhum deles é leal!

CALLENDAR Você apercebe-se do que vai acontecer?

FLETCHER Pode até haver derramamento de sangue!

SR.^a COLLIN A sua própria mãe pode vir a ser envolvida.

HEASLOP Lamento ...

TURTON (*num tom severo*) Heaslop, tenho que lhe pedir que reconsidere.

HEASLOP Receio não poder reconsiderar esta decisão, senhor. Eu não poderia ... (*firmemente*) Bem, eu não poderia continuar no meu cargo se o fizesse.

É ... bem, uma questão de justiça, percebe?

SR.^a MCBRYDE Justiça vinda de um *Indiano*?

HEASLOP (*num tom neutro*) Vinda de *nós*, Sr.^a McBryde.

TURTON Nós não vamos continuar a tentar persuadi-lo, Heaslop. Estamos todos perturbados.

HEASLOP Obrigado, Cobrador Sahib. Concordo, é melhor assim.

TURTON Sim, pense nisso. Discuta o assunto com a sua mãe, se quiser, e depois venha dizer-me qual é a sua decisão final.

TURTON *vira-se e abandona a sala. O resto do grupo dispersa-se, uns vão para a varanda, outros para o bar, alguns deles ficam junto à porta a conversar.*

HEASLOP (*dirigindo-se para junto da mãe. A SR.^a MOORE não lhe presta*

atenção) Mãe, compreende, não é verdade? Mãe, lamento muito. (*pausa*)

A Adela estava a perguntar por si. Vai vê-la?

SR.^a MOORE Preferia não ir.

HEASLOP Eu sei que é difícil para si, mas ela está com tanto medo. Precisa que lhe transmita confiança.

SR.^a MOORE Por não ter cometido nenhum erro? Ela espera que eu lhe transmita confiança?

HEASLOP Oh, não há nenhum erro. Ela tem a certeza. Mas está assustada, e parece que não consegue deixar de chorar. Oh, se ao menos estivesse com ela ...

SR.^a MOORE Eu estive com ela ...

HEASLOP O que eu quero dizer é na gruta, como testemunha.

SR.^a MOORE Essas grutas não têm testemunhas. E, além disso, estava escuro como breu.

HEASLOP Mas nada teria acontecido.

SR.^a MOORE Com a arrogância dela, alguma coisa tem que acontecer.

HEASLOP Arrogância? Adela arrogante? Ora, ela é a criatura mais modesta do mundo ... tudo o que ela queria era ser útil e fazer o bem.

SR.^a MOORE Exactamente. Arrogância.

HEASLOP E mesmo agora ... estando tão doente, está preocupada com o incómodo que pode provocar aos outros.

SR.^a MOORE (*ri-se num tom agreste*) Estás a ver?

HEASLOP Mãe, eu não estou a ver nada.

SR.^a MOORE Se não vês, não vês. O Professor disse-nos ... avisou-nos ... que não havia nada para ver nas grutas, excepto com a visão interior. (*virando-se para RONNY subitamente*) Será que ela é tão especial que não consegue aceitar?

HEASLOP Aceitar o quê?

SR.^a MOORE A Índia. Ela própria. E preocupa-se ela agora com o incómodo que possa causar aos outros. Ronny, tu sempre fizeste perguntas tão idiotas.

HEASLOP Talvez a questão sempre estivesse no facto de a mãe não saber responder-me. Adela pôde ... ela sempre foi clara, explícita ... isso foi a primeira coisa nela que eu realmente ...

SR.^a MOORE Suponho que, apesar de tudo, irás casar com ela?

HEASLOP Mãe! Que coisa tão estranha para se dizer! Como é que eu podia deixá-la agora? Casaremos na montanha este Verão, tal como planeámos.

SR.^a MOORE Amor em tempo quente. Casamento na montanha. Que

alarido! Casamento, casamento. A raça humana ter-se-ia tornado uma só pessoa se o casamento tivesse alguma utilidade. Mas é apenas uma desculpa, porque todos estão demasiado assustados para amar. E assustados com o *amor*. Por isso casam-se e dizem uma série de disparates sobre o amor ... amor numa igreja, amor numa gruta, como se houvesse alguma diferença ...

HEASLOP Mãe, pode fazer o favor de me dizer de que é que está a falar?

SR.^a MOORE Das pessoas pequenas e amáveis. Eu desejo a sua felicidade. Eu disse isso ao Dr. Aziz ... na nossa mesquita e nas grutas. Aqueles que sabem amar.

HEASLOP (*magoado e zangado*) Amor ... fala tanto sobre o amor ... vago, irresponsável ... um jovem qualquer numa mesquita ...

SR.^a MOORE Soa a vago, talvez ... amor universal ...

HEASLOP A senhora podia ter dirigido algum desse famoso amor para as pessoas próximas de si ... as coisas poderiam ter sido diferentes ... *Eu* podia ter sido diferente ...

SR.^a MOORE Então e eu? Eu não tenho direitos? Será que tenho de ser eternamente incomodada?

HEASLOP (*em desespero*) Mãe, pelo amor de Deus, o que é que quer?

SR.^a MOORE (*também em tom agreste*) O que é que eu quero? Eu quero ir para casa.

HEASLOP (*cansado e prestes a desistir*) Sim, peço desculpa. Vou levá-la agora a casa.

SR.^a MOORE Eu estava a referir-me à casa em Inglaterra.

HEASLOP Inglaterra? Mas não pode ... Vai haver o julgamento dentro de algumas semanas, e terá que prestar depoimento.

SR.^a MOORE *Terei que?* Eu não tenho nada a ver com os vossos ridículos tribunais. Eu não vou deixar que me arrastem lá para dentro.

HEASLOP Eu pensei que queria prestar depoimento ... para ajudar ... para ajudar a *Adela*.

SR.^a MOORE E ter que ouvir aquelas perguntas tolas e intermináveis? Será que ele estava na gruta, e você, estaria na gruta, e por aí fora ... e Entre nós nasceu um Filho, entre nós uma Criança foi entregue ... o amor de novo, vês? ... e serei eu boa, e será ele mau, e seremos nós salvos? (*pausa*) e, pondo fim a tudo isso, o eco. Aquele eco é a Índia, afinal. O fim de todos os nossos sonhos patéticos. Bumm ... Nada ... bom ou mau ... amor e ódio e terror ... é tudo o mesmo ...

HEASLOP Tem que ir descansar, e então verá que se sente muito melhor ...

Mas eu gostava ... (*num tom patético*) ... Não demora muito. Mais umas semanas, e o julgamento. É só isso.

SR.^a MOORE Não, eu tenho muita coisa em que pensar, mas mesmo que não estivesse ocupada não vos ajudaria a torturá-lo por aquilo que ele nunca fez. HEASLOP (*devagar, chocado*) Mãe, se sabe alguma coisa sobre o prisioneiro ... a favor dele, deve dizê-lo. É o seu dever.

SR.^a MOORE (*cinicamente*) Percebe-se qual é o carácter das pessoas, como costumam dizer. Eu sinto que não é o tipo de coisa que ele pudesse fazer.

HEASLOP Isso não constitui defesa.

SR.^a MOORE Pois não.

HEASLOP Não tem provas ... provas concretas?

SR.^a MOORE Não.

HEASLOP Então, mãe ...

Sr.^a MOORE (*em tom de desdém*) Provas.

HEASLOP Então, está a demonstrar falta de consideração para com a Adela ...

SR.^a MOORE Por que razão havia de me preocupar com ela, se tudo aquilo em que sempre acreditei se revela desprovido de significado ... as pessoas boas, pequenas, capazes de amar.

HEASLOP Por favor ... mãe ... por favor escute-me ... (*com dificuldade*) eu nunca lhe pedi ... este tipo de coisa ... nós nunca estivemos próximos um do outro ... mas pela Adela, que eu ... (*com grande embaraço*) que eu amo (a SR.^a MOORE *ri-se abruptamente, e HEASLOP continua a falar, com desânimo*)

Não pode ir ao menos vê-la?

SR.^a MOORE Não, Ronny, não vou. (*ele afasta-se, desesperado*) Eu só quero que me deixem em paz, para viver os meus dias sabendo aquilo que agora sei.

HEASLOP (*exausto*) Muito bem, mãe, muito bem ...

SR.^a MOORE (*num tom monótono*) Nem justiça, nem paz, retribuição, bondade ...

HEASLOP Oh mãe ...

SR.^a MOORE Só uma parte da verdade ... se é que é a verdade ...

HEASLOP A senhora tem mesmo que ir descansar. Tudo se resolverá. Venha, vamos para casa.

SR.^a MOORE (*levantando-se bruscamente*) Sim, Ronny. Sim. Eu vou para casa agora.

PANO

III ACTO

O cenário é uma sala de audiências tropical, com um aspecto muito simples – um tribunal de um magistrado colonial e, conseqüentemente, sem tribuna para jurados. Em cada lado do palco, portas ripadas dão para a varanda, onde se acumulam os espectadores durante o julgamento. Na parte posterior da sala está um estrado baixo, com uma imponente cadeira de madeira e uma mesa para o magistrado. Na parede por cima do estrado, está uma bandeira da Grã-Bretanha e, logo por baixo, uma grande fotografia a cores do Rei George V e da Rainha Mary, com trajes Durbar. Duas mesas, com várias cadeiras em torno, estão de frente para o estrado – destinam-se aos advogados de defesa e de acusação. Bancos de madeira sem costas destinam-se ao público. O banco das testemunhas está colocado num dos lados, entre os bancos e o estrado.

Quando o pano sobe, um CRIADO INDIANO muito jovem e extraordinariamente belo está sentado, de pernas cruzadas, sobre o estrado do magistrado, e encostado à parede do fundo. Está nu até à cintura, usa uma tanga branca e tem a cabeça descoberta. À volta do dedo grande de um dos pés descalços está preso o fio do leque pendente. O fio vai desde o dedo do pé até ao tecto, passa por uma roldana e está ligado a uma comprida viga de madeira que se estende a quase toda a largura do tecto. A viga está sustentada por três ou quatro cordas, presas a anéis de ferro no tecto, e da viga pende um pano que tem o mesmo tamanho da viga. Quando o JOVEM torce o dedo, o pano e a viga balançam lentamente sobre o estrado do magistrado, sobre as mesas dos advogados e sobre os bancos da frente, e depois voltam para trás, criando assim uma leve brisa. Ao longo deste acto, o JOVEM continua a manobrar o leque pendente, sem manifestar o mínimo interesse por aquilo que se está a passar. A sua única acção consiste em fazer uma pausa de vez em quando, mudar o fio do dedo grande de um pé para o dedo grande do outro, e continuar a accionar o leque.

A MENINA QUESTED *está sentada num dos bancos, agitada e a soluçar espasmodicamente. A seu lado, HEASLOP está de pé, com um ar perturbado e preocupado, tentando de vez em quando confortá-la. Algumas das SENHORAS do Clube estão sentadas ao lado dela, tentando acalmá-la e manifestar o seu apoio.*

QUESTED Peço imensa desculpa ... estou a portar-me de uma forma desastrosa, mas não consigo evitá-lo.

SR.^a CALLENDAR Minha querida, outra coisa não seria de esperar.

QUESTED É o estado dos meus nervos ... peço imensa desculpa.

SR.^a TURTON Deixe lá, minha querida, isto vai acabar depressa.

QUESTED Nunca irá acabar ... na minha vida inteira ...

SR.^a BURTON Não há nada que possamos fazer?

QUESTED Não, obrigada, nem eu própria consigo fazer alguma coisa por mim.

SR.^a TURTON Ora, está proibida de falar assim. Você é maravilhosa.

SR.^a CALLENDAR Sim, sem dúvida que sim.

QUESTED Oh, vocês têm sido tão amáveis comigo ... mas eu tremo perante a ideia de prestar testemunho. Se ao menos eu pudesse sair ... não, até me envergonho de o ter mencionado; por favor, desculpem ...

SR.^a TURTON Aquilo de que precisa, minha querida, é de qualquer coisa que lhe dê força e equilíbrio. Já tomou o pequeno-almoço?

A MENINA QUESTED *abana a cabeça.*

Eu vou buscar-lhe um conhaque.

QUESTED Eu acho que isso não vai ajudar.

HEASLOP Não é má ideia. Trouxe algum para o tribunal, Sr.^a Turton?

SR.^a TURTON É claro que sim. E champanhe também, mas isso é para depois.

A SR.^a TURTON *sai.*

QUESTED *(em tom patético)* Ronny, o meu eco voltou. Com força.

HEASLOP *(impotente)* Pobre repariga ... Parecia uma boa ideia vir para aqui bastante cedo e evitar a multidão, mas se calhar teria sido melhor deixá-la descansar em casa.

SR.^a BURTON E que tal uma aspirina?

QUESTED Não é uma dor de cabeça, é um eco.

SR.^a BURTON *(levantando-se com um ar de eficiência)* Bem, de qualquer modo é melhor experimentar a aspirina.

QUESTED (*enquanto a SR.^a BURTON abandona a sala*) Ronny, eu não vou aguentar.

HEASLOP Vai, sim, vai ter força.

QUESTED Se eu não aguentar, não faz mal. Poderia ter importância noutros julgamentos, mas neste não. É assim que eu ponho as coisas; posso comportar-me como eu quiser, chorar, ser absurda, pois tenho a certeza de que o veredicto será a meu favor. A não ser que o Sr. Das seja terrivelmente injusto.

HEASLOP Não, ele é ótimo. Lembre-se, ele é o meu velho adjunto. Ele é ótimo ... dentro do possível.

QUESTED Quer dizer que ele tem mais medo de retirar a acusação do que de mantê-la, porque se a retirar perde o emprego. (*vai-se abaixo de novo*).

HEASLOP Não ... não.

QUESTED Oh, Ronny, lamento muito ... como é que eu posso agradecer-lhe? Como é que se pode agradecer quando não se tem nada para dar? Para que servem as relações pessoais quando cada vez se lhes dá menos importância? Devíamos voltar para o deserto durante séculos, e tentar sermos bons. Eu quero começar pelo princípio. Eu não estou preparada para relações pessoais. Eu ...

Ele tenta pôr um braço à volta dela para a confortar. Ela afasta-o abruptamente.

Não me toque! Por favor. Eu estou bem, a sério. Só preciso de um pouco de ar.

Ela levanta-se de um salto e, mantendo-se bem longe de HEASLOP, dirige-se para a porta e sai. HEASLOP segue-a. FIELDING, que entrou pelo outro lado e ouviu as últimas palavras, avança com um ar pensativo. Atrás dele vem GODBOLE.

FIELDING É de facto surpreendente. Ela parecia uma rapariga tão sensata ... a última pessoa a ser capaz de acusar um Indiano injustamente. Não acha, Godbole?

GODBOLE Está a pedir-me que lhe diga se a Menina Quested agiu injustamente?

FIELDING (*surpreendido*) Não me tinha ocorrido que pudesse haver dúvidas no seu espírito. Tem alguma dúvida sobre a inocência dele?

GODBOLE não diz nada e, após um momento, FIELDING continua num tom mais severo.

Você vai ter que responder no banco das testemunhas. O que é que acha? O Dr. Aziz é inocente ou culpado?

GODBOLE Compete ao tribunal decidir. O veredicto estará de acordo com as provas, não tenho dúvidas.

FIELDING Sim, mas qual é a sua opinião pessoal? Trata-se de um homem de que ambos gostamos, e por quem temos grande estima. Ele seria ou não seria capaz de cometer semelhante acto?

GODBOLE Ah, essa é uma questão diferente daquela que primeiro enunciou, e também mais difícil: quero dizer, difícil à luz da nossa filosofia. O Dr. Aziz é um jovem com muito mérito, e tenho-o em grande consideração; mas parece-me que me está a perguntar se o indivíduo pode cometer boas acções ou más acções, e isso é muito difícil para nós.

FIELDING (*impaciente*) O que eu pergunto é, ele fê-lo, ou não? Eu sei bem que o não fez, e é daí que eu parto. Mas se ele está inocente, o que é que realmente aconteceu? Poderia tratar-se de maldade por parte da Menina Quested? ... Ela teve, sem dúvida, uma experiência traumatizante. Mas você, Godbole, você diz, Oh não ... porque o bem e o mal são a mesma coisa.

GODBOLE (*impassível*) Não, não exactamente, por favor, de acordo com a nossa filosofia. Porque nada pode ser executado isoladamente. Todos executam uma boa acção quando uma boa acção é executada, e quando uma má acção é executada, todos a executam.

FIELDING Mas você continua a fugir do assunto.

GODBOLE (*interrompendo com delicadeza*) Para ilustrar o meu ponto de vista, deixe-me dar como exemplo o caso em apreço. Dizem-me que foi executada uma má acção nos Montes Marabar, e que uma senhora inglesa altamente estimada ficou seriamente doente em consequência disso. A minha resposta é esta: essa acção foi executada pelo Dr. Aziz. (*pausa*) Foi executada pelo guia. (*pausa*) Foi executada por si. (*olha para baixo, sorrindo*) Foi executada por mim. E pelos meus alunos. Foi até mesmo executada pela senhora em causa. Quando o mal acontece, ele exprime todo o universo. E o mesmo quando o bem acontece.

FIELDING (*exasperado*) E o mesmo quando o sofrimento acontece, e por aí fora.

GODBOLE Desculpe, mas está mais uma vez a mudar a base da nossa discussão. Estávamos a discutir o bem e o mal. O sofrimento é apenas um assunto individual.

FIELDING Apenas?

GODBOLE Se uma jovem apanha uma insolação, isso não tem nenhum significado para o universo. Oh não, nenhum. Oh não, nenhum. Nenhum mesmo.

Trata-se de um assunto isolado, que só lhe diz respeito a ela. Se ela pensasse que não lhe doía a cabeça, não estaria doente, e o assunto ficaria encerrado. Mas é muito diferente no caso do bem e do mal. Não são aquilo que nós pensamos, são aquilo que são, e cada um de nós contribuiu para ambos.

FIELDING Você sabe que *está* a defender a ideia de que o bem e o mal são a mesma coisa.

GODBOLE Oh não, desculpe-me de novo. O bem e o mal são diferentes, tal como os nomes indicam. Mas, na minha humilde opinião, são ambos aspectos do meu Senhor. Ele *está* presente num, ausente no outro, e a diferença entre presença e ausência é grande ... tão grande quanto a minha fraca mente pode abarcar. No entanto, a ausência implica presença. A ausência não é não-existência. E por isso podemos repetir (*ele desata a cantar um trecho – o mesmo que cantou no chá*) «Vem, vem, vem, vem».

FIELDING (*desesperado*) Não se importa com o que pode acontecer ao Dr. Aziz?

GODBOLE Já aconteceu. Culpado ou inocente, não importa. A mudança já ocorreu, e as nossas vidas mudaram também. A isso não podemos escapar.

FIELDING (*inquieto*) Só espero que o nosso advogado de defesa, Amritrao, não perfilhe os seus pontos de vista.

GODBOLE Ele é altamente respeitado em Calcutá. É um homem muito esperto.

FIELDING (*ansioso*) Conhece-o? Ele é bom? Eu estava com esperança de trocar umas palavras com ele antes do julgamento.

GODBOLE Ele deve estar a descansar. Veio no comboio da noite. Eu não o conheço, mas não tenho dúvidas de que dará o seu melhor neste caso.

FIELDING Espero bem que sim.

Entra HAMIDULLAH, um homem roliço e de meia-idade, vestido com os trajos muçulmanos ortodoxos – calças apertadas desde o tornozelo até ao joelho e largas daí para cima, um longo casaco abotoado até ao pescoço, com um colarinho rígido do mesmo tecido, e um barrete muçulmano de feltro preto. É um homem emotivo, um velho amigo de Aziz, com fortes sentimentos que por vezes o conduzem a cenas pouco convenientes.

Ah, Hamidullah!

HAMIDULLAH Meu caro Fielding.

FIELDING Trouxe o Amritrao consigo?

HAMIDULLAH Ele ficou nos meus aposentos por uns instantes para fazer

umas anotações.

FIELDING Acha que ele é o homem certo?

HAMIDULLAH Verá que ele é a nossa única esperança.

FIELDING Eu sei que ele tem uma excelente reputação, quer profissional quer pessoal. Mas ouvi dizer que é notoriamente anti-britânico.

HAMIDULLAH (*com emoção*) O que é que temos que fazer? Investir toda a nossa força. Eu teria, com todo o prazer, defendido sozinho o Aziz, mas quando eu soube que os seus ... documentos privados vão ser lidos em tribunal ... cartas, fotografias da sua esposa que irão ser mostradas ... pense no insulto para uma impecável senhora muçulmana, uma senhora *pardah*³ ... Quando eu vi que a reputação dele seria irremediavelmente prejudicada, então disse para mim próprio que Amritrao é o homem que pode resolver este assunto. Eles que tenham cuidado. Amritrao vai dar-lhes uma lição.

FIELDING Bem, em todo o caso, temos que ganhar, não há mais nada a fazer. Ela não vai ser capaz de fundamentar a acusação.

HAMIDULLAH (*calorosamente, apertando a mão de FIELDING*) Em alturas de crise, vocês, Ingleses, são, de facto, inigualáveis.

FIELDING Meu caro Hamidullah, julgo que não terei a oportunidade de falar com o Aziz, mas se você puder transmita-lhe a minha amizade e diga-lhe que, aconteça o que acontecer, ele deve manter a calma.

HAMIDULLAH Meu caro Fielding, você *está* mesmo do nosso lado contra o seu próprio povo?

FIELDING Sim, sem dúvida. Ainda que lamente ter que tomar partido.

De um dos lados do palco, alguns CRIADOS DO TRIBUNAL trazem cadeiras de espaldar direito para os Ingleses, e colocam-nas em frente dos bancos.

A MENINA QUESTED, HEASLOP, os CALLENDARS, MCBRYDES e TURTONS entram em fila e vão ocupando os seus lugares. Do outro lado entra AMRITRAO, um homem alto, grisalho e elegante. FIELDING começa a erguer-se para ir ter com ele, mas a sua atenção é imediatamente desviada pela chegada de AZIZ, com um ar cansado e abatido, entre DOIS GUARDAS.

AZIZ Fielding! Meu amigo ... meu amigo ... não me abandone ...

³ Sistema que defende que as mulheres não devem ser vistas publicamente.

Mandam-no calar e ele é levado para o seu lugar. FIELDING, sem conseguir falar, faz o gesto de uma saudação muçulmana, tal como fez no primeiro acto. AZIZ, olhando fixamente para ele, sorri de súbito, descontrai-se e replica como fizera antes. HAMIDULLAH e AMRITRAO estão sentados junto à mesa da defesa. MCBRYDE e um ADJUNTO de uniforme, junto à mesa da acusação. O PÚBLICO atropela-se para entrar e senta-se, apertando-se uns contra os outros nos bancos. A maioria do público é constituída por homens envergando camisas brancas soltas sobre as calças largas e de cor branca. PESSOAS aglomeram-se junto a cada uma das portas, e quando uma porta é parcialmente aberta, pode também ver-se a MULTIDÃO lá fora. Todos se levantam quando o SR. DAS, o magistrado, um homem pequeno e tímido, se dirige para o estrado. Enverga roupa ocidental e olha nervosamente em seu redor. Senta-se. MCBRYDE levanta-se com algumas apontamentos na mão. O julgamento tem início.

MCBRYDE Bem, Meretíssimo Juiz, estamos aqui hoje para tratar de um crime dos mais revoltantes. Por consideração para com a Menina Qusted, tentarei ser breve na minha narração dos factos ... Não farei qualquer apelo de ordem moral ou emocional, porque os factos em si são penosamente claros, e não exigem elaboração. No dia três de Abril do corrente ano, a Menina Qusted e a sua amiga Sr.^a Moore foram convidadas para um chá na casa do Director do Colégio Governamental de Chandrapore, o Sr. Fielding. Foi nessa ocasião social que o prisioneiro encontrou pela primeira vez a Menina Qusted, e foi nessa altura que ele concebeu o seu plano em relação a ela. Convidou, então, a Menina Qusted e os outros convidados ... a Sr.^a Moore e o Professor Godbole ... tal como o anfitrião, o Sr. Fielding, para um piquenique que ele iria organizar nas Grutas Marabar nos Montes Marabar. No decurso do nosso depoimento mostraremos que o prisioneiro é um homem de vida libertina, que os documentos que ele tinha consigo no momento de detenção denunciam o seu estado de espírito e a lascívia dos seus pensamentos no dia do piquenique ... *(levanta o olhar dos apontamentos, com um ar pesaroso)* Queremos manter este julgamento o mais limpo possível, por isso espero que me compreenda ao enunciar aquilo que acredito ser uma verdade de âmbito geral. As raças mais escuras sentem-se fisicamente atraídas pelas mais claras, mas o contrário não é verdadeiro. Isto não é razão para amargura nem para insulto. Trata-se apenas de um facto, que qualquer observador com espírito científico confirmará. *(pausa para olhar de novo para os apontamentos)*.

VOZ (*vinda da MULTIDÃO*) Mesmo quando a senhora é muito mais feia do que o cavalheiro?

O som de gargalhadas misturadas com exclamações de horror acolhe esta pergunta. DAS dá uma pancada na mesa a exigir ordem.

DAS Levem esse homem daqui para fora!

DOIS GUARDAS *agarram o HOMEM mais próximo, que não disse nada, e empurram-no para fora da sala de audiências. A MENINA QUESTED mergulhou o rosto nas mãos.*

SR.^a TURTON Sente-se fraca, Adela?

QUESTED É assim que me sinto sempre. Mas hei-de aguentar.

CALLENDAR (*enquanto a ordem vai sendo gradualmente reposta*) A minha paciente precisa de melhores condições. Porque é que ela não pode sentar-se sobre o estrado? Aqui não consegue respirar.

DAS Terei muito gosto em instalar a Menina Quested aqui sobre o estrado, tendo em conta as circunstâncias especiais da sua saúde.

Os CRIADOS DO TRIBUNAL transportam todas as cadeiras para cima do estrado e o GRUPO segue a MENINA QUESTED, sentando-se à volta dela.

SR.^a TURTON Assim está melhor.

CALLENDAR Uma mudança altamente desejável, por várias razões. (*aperta o nariz de um modo sugestivo*) Muito bem, McBryde, pode continuar. Peço desculpa por ter interrompido.

MCBRYDE E vocês estão bem?

SENHORAS Sim, obrigada, muito melhor.

TURTON Pode continuar, Sr. Das, não estamos aqui para o perturbar.

DAS acena nervosamente para MCBRYDE

MCBRYDE Continuando. Já mesmo no chá em casa do Sr. Fielding, as atitudes do prisioneiro para com a Menina Quested eram ofensivas e demasiado próximas. O Sr. Heaslop, quando chegou para ir buscar as senhoras, encontrou a Menina Quested sozinha com os Indianos. Ele irá testemunhar que o comportamento do prisioneiro nessa ocasião era ousado e pouco natural. Isto leva-nos a ...

AZIZ deixa cair a cabeça entre as mãos.

HAMIDULLAH (*com amarga ironia*) Possivelmente, o meu cliente também tem nervos. Ele pode ser também instalado sobre o estrado? Até os Indianos se sentem mal, por vezes, embora, muito naturalmente, o Major Callendar,

responsável por um hospital governamental, não pense assim.

SR.^a TURTON (*em voz alta*) Mais um exemplo do exótico sentido de humor que eles têm.

Olham todos para DAS de um modo agressivo.

DAS (*agitado*) Já chega, Sr. Hamidullah. Não haverá mais interrupções impertinentes. Por favor, continue, Superintendente.

AMRITRAO Peço desculpa. (*tem uma acentuada pronúncia de Oxford*) Objectamos à presença de tantas senhoras e cavalheiros europeus sobre o estrado. Terão o efeito de intimidar as nossas testemunhas. O lugar deles é junto do resto do público.

Pausa, enquanto os EUROPEUS olham uns para os outros.

Não temos objecções ao facto de a Menina Qusted permanecer sobre o estrado, já que não se sente bem; usaremos sempre de toda a delicadeza para com ela, apesar das verdades científicas que nos foram reveladas pelo Superintendente Distrital da Polícia. Mas levantamos objecções aos outros.

CALLENDAR Oh, deixemo-nos de conversa fiada, e vamos ao veredicto.

DAS (*escondendo o rosto por detrás de alguns papéis*) Concordo. Foi só à Menina Qusted que dei permissão para se sentar aqui em cima. Os amigos dela terão a amabilidade de descer.

HEASLOP Muito bem, Das, certíssimo.

SR.^a TURTON Descer? Que enorme impertinência!

TURTON Vá lá, vá lá, minha querida, vamos com calma.

CALLENDAR A minha paciente não pode ficar sozinha.

DAS Opõe-se a que o Cirurgião fique, Sr. Amritrao?

AMRITRAO Sim, oponho-me. Um estrado confere autoridade.

TURTON Mesmo quando tem poucos centímetros de altura? Bem, não faz mal. Vamos todos embora. Não vale a pena causar confusão.

DAS (*muito aliviado*) Muito obrigado, senhor. Obrigado, Sr. Heaslop. Obrigado, senhoras.

Regressam todos, com as respectivas cadeiras, às posições iniciais. A MENINA QUESTED vai com eles.

MCBRYDE Bem, uma vez mais, continuando. Eu tinha chegado, segundo creio, à questão daquilo a que chamarei as artimanhas do prisioneiro. No dia 13 de Abril, o dia do piquenique, as senhoras foram conduzidas à estação dos comboios a tempo de apanharem o primeiro comboio para Marabar. Aí encontraram-se com o prisioneiro, os criados dele e os guias. Ao Sr. Fielding,

que ficara de se juntar a eles na estação, fora-lhe pedido que trouxesse o Professor Godbole com ele. Mostraremos que, sem qualquer dúvida, foi usada *alguma persuasão* para que o Professor Godbole atrasasse o Sr. Fielding de modo a que ele perdesse o comboio. Tenho aqui um mapa dos Montes Marabar, que mostra o percurso seguido pelo grupo. A zona do piquenique está assinalada com uma cruz. (*mostra o mapa a DAS*) Justamente aqui, em frente à Gruta Budista.

DAS Não é budista, creio eu, é jainista.

HAMIDULLAH Em qual das grutas é que se deu a alegada ofensa? Na budista ou na jainista?

DAS Todas as grutas Marabar são jainistas.

HAMIDULLAH Não foi isso que o Superintendente disse.

MCBRYDE Sem dúvida que esse aspecto tem uma vital importância arqueológica. Mas, neste momento, tudo o que o Sr. Das precisa saber é que a ofensa teve lugar na gruta que eu assinalei aqui. A Menina Quested entrou na gruta e o prisioneiro seguiu-a, para concretizar o premeditado ataque. Estava escuro. Ele agarrou nos binóculos dela. A correia partiu-se e ela conseguiu escapar ao assédio. Correu ao longo desta ravina, aqui marcada, no meio de cactos, e alcançou a estrada neste ponto. Chamaremos a Sr.^a Callendar para testemunhar o estado da Menina Quested quando foi encontrada e trazida de volta a Chandrapore, e apresentaremos documentos assinados por ambas as senhoras à chegada. Finalmente, apresentaremos testemunhas que viram os binóculos com a correia partida na posse do prisioneiro quando ele foi preso. Pouco mais tenho a acrescentar neste momento. Os factos demonstrarão que o prisioneiro é um daqueles indivíduos que têm uma vida dupla. Fingiu ser um respeitável membro da sociedade, conseguiu até um lugar ao serviço do Governo. Se a defesa chamar testemunhas abonatórias do seu carácter, imploro que se lembrem de que também elas terão sido enganadas pela sua duplicidade. Neste momento ele só tem vícios, e temo já não haver salvação possível. Ele agiu de uma forma extremamente cruel e brutal com uma outra convidada, uma outra senhora inglesa. Para se ver livre dela e poder cometer o crime, empurrou-a para uma gruta, juntamente com os criados. Porém, isso é secundário.

AZIZ (*gritando com uma voz aterrorizada*) Sr.^a Moore! Ele está a falar da Sr.^a Moore ... ela era minha amiga ... uma vez ela disse-me ...

DAS Silêncio ...

HAMIDULLAH (*gritando*) Sr.^a Moore! O que é isto? Será que o meu cliente

é acusado de homicídio, para além de violação? Quem é essa segunda senhora inglesa?

AZIZ Eu disse-lhe que encontrei a Sr.^a Moore na mesquita. Ela era minha amiga.

HAMIDULLAH A Sr.^a Moore? Está a falar da Sr.^a Moore?

MCBRYDE Eu não tenciono chamá-la.

HAMIDULLAH Não tenciona porque não pode. Enviou-a para fora do país! Ela é a Sr.^a Moore, ela haveria de provar a inocência dele! Ela estava do nosso lado, ela era amiga da pobre Índia!

DAS (*tentando manter a ordem*) O senhor podia tê-la chamado. Nenhuma das partes a chamou, e por isso nenhuma das partes pode citá-la como prova.

HAMIDULLAH Ela foi mantida longe de nós até demasiado tarde ... Eu só soube demasiado tarde ... isto é a justiça inglesa. Aqui está o vosso soberano britânico! Devolvam-nos a Sr.^a Moore ...

DAS Ordem! Insisto em que haja ordem!

HAMIDULLAH Dêem-nos a Sr.^a Moore por apenas cinco minutos, e ela salvará o meu amigo, ela salvará o nome dos filhos dele. Não a ponha de lado, Sr. Das. Retire o que disse, pois o senhor também é pai. Diga-me onde é que a puseram ...

HEASLOP (*secamente*) Se o assunto merece algum interesse, a minha mãe, neste momento, já deve ter chegado a Aden.

HAMIDULLAH E está lá presa por vós, porque sabia a verdade!

AMRITRAO *tenta acalmá-lo, mas ele está fora de controlo.*

Eu não me importo. Se arruinar a minha carreira, não faz mal. Vamos todos ser arruinados, um a um.

DAS Isso não é forma de defender o seu caso, Sr. Hamidullah.

HAMIDULLAH Eu não estou a defender um caso, nem o senhor está a julgar um caso. Nós somos ambos escravos. (*Dá um murro na mesa*)

DAS Sr. Hamidullah, eu já o avisei e, se não se senta, terei que usar a minha autoridade.

HAMIDULLAH Faça isso, por favor faça isso. Este julgamento é uma farsa. Eu vou-me embora.

Atira com os papéis para cima da mesa em frente a AMRITRAO. Dirige-se para a porta, num súbito silêncio, de forma histriónica mas com intensa paixão.

Aziz, Aziz, meu querido amigo ... adeus para sempre!

Sai no meio de murmúrios de excitação vindos da MULTIDÃO lá fora, e gritos de «Sr.^a Moore! Sr.^a Moore!».

AMRITRAO Peço desculpa pelo meu colega. Ele é amigo íntimo do nosso cliente, e os sentimentos apoderaram-se dele.

DAS (*severamente*) O Sr. Hamidullah terá que pedir desculpas pessoalmente.

AMRITRAO Exactamente, senhor, ele terá que o fazer. Mas acabámos de saber que a Sr.^a Moore tinha um importante testemunho, que queria apresentar. Foi obrigada a sair à pressa do país pelo filho, antes de poder fazê-lo. E isto transtornou o Sr. Hamidullah ... vindo, como vem, com uma tentativa de minar o relato da nossa outra testemunha europeia, o Sr. Fielding, lançando dúvidas sobre o seu carácter. O Sr. Hamidullah não teria dito nada se a Sr.^a Moore não fosse mencionada como testemunha para a polícia.

DAS Está a ser introduzido um elemento estranho neste caso. Devo repetir que, como testemunha, a Sr.^a Moore não existe. Nem o Sr. Amritrao nem o Sr. McBryde têm qualquer direito a supor o que é que a senhora teria dito.

MCBRYDE (*em tom de cansaço*) Bem, retiro a referência que fiz. Pelos vistos, ela deixou a Índia por sua livre vontade, e não desejava servir de testemunha para nenhuma das partes.

AMRITRAO Eu já retirei a referência na defesa. (*sorrindo*) Talvez consigam que os cavalheiros que estão lá fora também a retirem.

DAS Receio que os meus poderes não cheguem tão longe.

MCBRYDE Depreendo, então, que posso chamar a minha primeira testemunha.

DAS acena que sim, ainda a sorrir.

Menina Qusted, por favor suba até aqui.

Enquanto ela presta juramento num tom de voz inaudível.

Tendo em conta o estado de saúde da Menina Qusted, desejo pedir a indulgência do tribunal para que eu apresente as minhas perguntas de uma forma abreviada, de modo a que ela não fique esgotada com os preliminares.

DAS Continue, Sr. McBryde. Eu interrompê-lo-ei se o seu interrogatório me parecer irregular.

O som das vozes da multidão cessa.

MCBRYDE Pergunto-lhe, então, Menina Qusted, se é verdade que se encontrou com o prisioneiro num chá em casa do Sr. Fielding?

QUESTED Sim.

MCBRYDE A ideia de fazer um piquenique e o convite para esse efeito

foram avançados por ele nessa ocasião?

QUESTED Sim.

MCBRYDE O prisioneiro encontrou-se consigo na estação dos comboios na manhã do dia 13 de Abril e, uma vez que o Sr. Fielding não chegou a tempo de apanhar o comboio, o prisioneiro, a Sr.^a Moore e a Menina Quested seguiram viagem para Marabar.

QUESTED Sim ... quero dizer, com o guia e os criados.

MCBRYDE Sim, claro. Ora, quando chegaram a Marabar, o vosso grupo subiu até às grutas e, na zona do piquenique, em frente às grutas, pararam para se refrescarem.

QUESTED Oh, o Dr. Aziz esforçara-se imenso, e eu estava preocupada porque tudo aquilo poderia ser demasiado caro para ele.

MCBRYDE Sim, sim. Sem dúvida. Ora, depois de se refrescarem, a Menina Quested e a Sr.^a Moore foram conduzidas à primeira gruta.

QUESTED Sim.

MCBRYDE Vamos ignorar o incidente nessa gruta, e só lhe perguntamos se a Sr.^a Moore expressou algum desejo de continuar a ver as outras grutas consigo.

QUESTED Não. Ela ficou cansada depois da primeira gruta. Não quis continuar. Sentou-se numa das cadeiras vermelhas. Estava estranhamente silenciosa.

MCBRYDE Então o prisioneiro e o guia levaram-na até à gruta seguinte?

QUESTED Sim. Era mais lá em cima e em torno de uma espécie de esporão. Estava situada na rocha que tinha a mais bela configuração de todas. Mais ninguém estava presente. Parecia que estávamos sós.

MCBRYDE Muito bem. Há uma saliência a meio do esporão, ou da alteração do terreno, com grutas espalhadas perto do início de uma ravina.

QUESTED Eu sei qual é o local a que se refere.

MCBRYDE Você entrou sozinha numa dessas grutas?

QUESTED Sim, é verdade.

MCBRYDE E o prisioneiro seguiu-a?

CALLENDAR (*alto*) Agora é que o apanhámos.

Silêncio. Todos esperam que a MENINA QUESTED fale.

MCBRYDE O prisioneiro seguiu-a, não é verdade?

Silêncio.

QUESTED Eu estava a pensar ...

MCBRYDE O prisioneiro seguiu-a? Leve o tempo que for preciso, Menina Qusted.

QUESTED Eu estava a pensar, antes de entrar na gruta ... a pensar sobre o meu ... noivado, sobre o Ronny.

MCBRYDE (*gentilmente*) Não é necessário entrar nesses pormenores, Menina Qusted. Não têm importância para o nosso caso.

QUESTED Oh, sabe, têm importância, sim. Eu tinha estado a falar com o Dr. Aziz sobre o meu noivado. E o Dr. Aziz tinha estado a falar comigo acerca do seu próprio casamento ...

MCBRYDE Bem, afinal isso pode ter importância para o nosso caso. Confirma a natureza dos pensamentos do prisioneiro ...

QUESTED (*em tom cortante*) Sr. McBryde, a minha preocupação é com a natureza dos meus próprios pensamentos. Lembro-me de que eu estava a subir uma rocha que fazia lembrar um pires invertido ... e estava a pensar no Ronny ... e acerca do amor ... e, de repente ...

MCBRYDE (*mais severamente*) Não precisamos preocupar-nos com tudo isso, Menina Qusted ... O que temos de determinar são os factos. O prisioneiro seguiu-a para dentro da gruta?

QUESTED Posso ter um momento antes de responder? Está a vir com clareza ao meu espírito.

MCBRYDE Sim.

QUESTED Eu descobri ... eu descobri ... dentro de mim ... a descoberta foi um tal choque ... senti-me como um alpinista cuja corda se partiu. (*em tom de apelo*) Não sentir amor pelo homem com quem nos vamos casar! Amor ... sim, eu estava a pensar ... sobre a Índia ... e sobre o amor ... (*com um súbito choque*) Oh ... Eu lembro-me ... agora lembro-me ...

MCBRYDE (*asperamente*) Menina Qusted, ele seguiu-a ou não para dentro da gruta?

QUESTED Eu não ... eu não tenho a certeza.

MCBRYDE Perdão?

QUESTED Não posso ter a certeza ...

MCBRYDE Não percebi essa resposta, Menina Qusted. Você está naquela saliência e entrou na gruta. Eu sugiro-lhe que o prisioneiro a seguiu.

A MENINA QUESTED *abana a cabeça.*

O que é que quer dizer, por favor?

QUESTED (*num tom alto e neutro*) Não.

DAS (*à medida que os sussurros e murmúrios começam no tribunal*) O que é que está a dizer? Fale, por favor.

QUESTED Receio ter-me enganado.

DAS Que espécie de engano?

QUESTED O Dr. Aziz não me seguiu para dentro da gruta.

MCBRYDE (*muito controlado*) Ora, Menina Quested, vamos continuar. Vou ler-lhe as palavras da declaração que fez algumas horas mais tarde, no Clube.

Procura um papel em cima da mesa.

DAS (*por sobre a crescente indignação no tribunal*) Desculpe, Sr. McBryde, não pode continuar. Sou eu quem fala com a testemunha. E o público vai ficar em silêncio. Se continuarem a falar, mando evacuar a sala. (*o barulho de vozes cessa*). Menina Quested, dirija a mim as suas observações. Eu sou o juiz encarregado deste caso. Por favor, pondere a extrema gravidade das suas palavras, e lembre-se de que está a falar sob juramento, Menina Quested.

QUESTED O Dr. Aziz nunca ...

CALLENDAR (*levantando-se de um salto e gritando*) Eu mando suspender este julgamento por razões médicas ...

DAS (*ignorando-o*) Menina Quested, retira a acusação? Responda-me.

QUESTED (*rígida e à beira de um colapso*) Eu retiro tudo.

DAS Já chega ... sente-se. Sr. McBryde, deseja continuar, face a isto?

MCBRYDE (*para a MENINA QUESTED*) Está louca?

DAS Não a interrogue, senhor. Já não tem esse direito.

O tumulto dentro do tribunal aumenta e estende-se à multidão lá fora.

MCBRYDE Dê-me tempo para considerar ...

AMRITRAO Sr. McBryde, terá que desistir. Isto está a tornar-se um escândalo.

MCBRYDE (*num tom irónico e até ofensivo*) Muito bem, eu desisto. (*atira os apontamentos para cima da mesa*)

SR.^a TURTON (*gritando*) Ele não desiste! Chamem as outras testemunhas! Nenhuma de nós está em segurança ...

HEASLOP tenta controlá-la, mas ela bate-lhe e começa a gritar insultos imperceptíveis à MENINA QUESTED, que está sentada num banco, muito direita e com uma expressão impenetrável.

DAS (*gritando por cima do barulho e movimento da multidão*) O prisioneiro é libertado sem nenhuma mácula no seu carácter. A questão dos custos será decidida noutra instância.

O tumulto aumenta. Os BRITÂNICOS saem com muita dificuldade do tribunal, enquanto AZIZ, a chorar, abraça FIELDING e AMRITRAO. Depois é apanhado pelos ESPECTADORES, e é visto a ser levado em ombros ao longo da varanda. Os gritos vindos lá de fora aumentam. Só a MENINA QUESTED fica exactamente como estava. Quando FIELDING, atrás da multidão, alcança a porta, olha para trás, para a sala de audiências vazia, repara primeiro no JOVEM que está ainda a agitar o leque pendente e depois vê a MENINA QUESTED. Após um momento de indecisão, ele volta para junto dela.

FIELDING O que é que está a fazer, Menina Quested? Não pode ficar aqui sentada. (*silêncio*) Para onde é que vai?

QUESTED Não sei.

FIELDING Bem, não pode ficar aqui, e não pode andar a vaguear pelas ruas. Onde é que está o carro que a trouxe?

QUESTED Oh, foi-se embora, com certeza. Talvez eu possa ir a pé ...

FIELDING A pé? Que loucura ... provavelmente vai haver um motim ... Porque é que não fica com os seus?

QUESTED Devo fazê-lo?

FIELDING Bem, agora já não pode. É tarde demais ...

A voz de AZIZ lá fora chama «Fielding! Fielding! Não me deixe! Onde é que está?»

Eu já vou! Já vou ... Encontro-me consigo em minha casa! (*vira-se para a MENINA QUESTED*) Olhe, se quiser, pode ir na minha carruagem ... aí estará segura ... mande-a de volta amanhã, a qualquer hora.

QUESTED Mas vou nela para onde?

FIELDING Para onde quiser. Como é que eu sei o que quer fazer?

QUESTED Eu não posso ir para casa do Ronny ... nem para o Clube ... eu não quero incomodar ninguém ...

FIELDING (*incrédulo*) *Incomodar?* Meu Deus, depois de tudo isto ...

QUESTED Quero dizer, se houver um hotel ou algo assim.

FIELDING Não há nenhum hotel, só a Pousada para Viajantes, que é muito primitiva ...

QUESTED Não faz mal. Ficarei lá até conseguir deixar a Índia.

FIELDING (*amargamente*) Tão simples quanto isso. (*com súbita violência*) O que é que tem estado a fazer, em nome de Deus? A fazer um jogo? A estudar a vida? Ou o quê?

QUESTED (*sem ressentimento*) Tem alguma explicação para o meu estranho comportamento?

FIELDING Nenhuma. Porquê fazer uma tal acusação, se depois a ia retirar?

QUESTED Porquê, de facto.

FIELDING Eu devia sentir-me grato a si, suponho, já que o Aziz está salvo, mas ...

QUESTED Não, eu sou a única a sentir-me grata depois das aflições de hoje. O meu eco foi-se ... Eu chamo eco ao zumbido nos meus ouvidos. Sabe, eu tenho estado mal desde aquela expedição às grutas, e provavelmente até mesmo antes.

FIELDING Mal, como?

Ela toca num lado da cabeça e depois abana-a.

Sim, esse foi o meu primeiro pensamento, no dia da detenção: alucinação.

QUESTED (*humildemente*) Acha que foi isso? Mas o que é que me teria provocado uma alucinação?

FIELDING (*encolhe os ombros*) Lembra-se de quando é que começou a sentir-se mal?

QUESTED Quando fui tomar chá consigo, na casa-jardim.

FIELDING Uma ocasião pouco afortunada.

QUESTED Não é que eu estivesse propriamente mal ... é demasiado vago para poder ser descrito – está tudo misturado com os meus assuntos pessoais. Eu gostei de ouvir o Professor Godbole a cantar ... mas foi nessa altura que começou uma espécie de tristeza ... não, algo menos sólido do que a tristeza. Comecei a ver ... ou melhor, a *sentir* ... que toda a minha vida ... oh, os meus princípios, as coisas em que eu acreditava, os meus sentimentos, afectos, educação ... tudo ... tudo se resumia a nada. A Índia era demasiado grande para mim.

FIELDING (*interessado*) Mas isso é como o eco nas grutas. A Sr.^a Moore descreveu-as de um modo muito idêntico.

QUESTED (*ansiosamente*) Foi? Bem, sim. Eu estava nesse estado de tristeza antes de entrar nas grutas, e você sugere ... que foi uma alucinação, aquele tipo de coisa ... que faz com que algumas mulheres pensem que lhes foi feito um pedido de casamento, quando nada aconteceu.

FIELDING Está a colocar o assunto de uma forma muito honesta.

QUESTED Eu fui educada para ser honesta. E isso não me leva a lado nenhum. Em certa medida, é esse o meu problema. Algumas honestidades são demasiado

grandes para serem suportáveis ... Mas isso ainda me deixa com a questão do porquê.

FIELDING Possivelmente temos que destruir aquilo com que não sabemos lidar.

QUESTED Está a referir-se à Índia?

FIELDING Ou a você na Índia, à sua vida na Índia ...

QUESTED Ou ao amor?

FIELDING (*amavelmente*) Bem, já acabou tudo.

Entra HAMIDULLAH, correndo exuberantemente para FIELDING de braços abertos, mal se apercebendo da presença da MENINA QUESTED.

HAMIDULLAH Meu caro Fielding! Porque é que ainda aqui está? Vai haver uma celebração em minha casa, mas o Aziz recusa-se a ir sem você ... Venha lá.

FIELDING A Menina Quested esteve a explicar um pouco da sua conduta esta manhã.

HAMIDULLAH Talvez a era dos milagres tenha voltado. Temos que estar preparados para qualquer coisa, para tudo, é o que dizem os nossos filósofos.

QUESTED (*timidamente*) Deve ter parecido um milagre para os espectadores. O facto é que eu percebi a tempo que me tinha enganado, e tive a presença de espírito suficiente para o dizer. A isto se resume a minha estranha conduta.

HAMIDULLAH (*enraivecido*) A isto se resume, não é verdade? Falando como um indivíduo numa conversa puramente informal, admirei a sua conduta. Mas estou surpreendido com a sua atitude. Na verdade, surpresa é um termo demasiado fraco. Vejo-a a arrastar na lama o meu melhor amigo, a prejudicar a saúde dele e a arruinar o seu futuro de um modo que você não pode compreender devido à sua ignorância acerca da nossa sociedade e religião, e depois, de repente, você levanta-se no banco das testemunhas: «Oh, não, Sr. McBryde, afinal eu não tenho a certeza, é melhor deixá-lo ir». Será que eu estou louco? pergunto a mim próprio. Será que é um sonho, e se é, quando é que começou? Venha, Fielding, deixemos esta impiedosa mulher.

QUESTED (*afastando-se*) Eu não posso questionar as suas palavras. Por favor, não se prendam por minha causa. Eu tenho que ir andando, de qualquer modo. A multidão já se deve ter dispersado.

HAMIDULLAH (*voltando atrás e dirigindo-se a ela*) E não se esqueça, Menina Quested, ainda há os custos! Vai ter que pagar! Amritrao fixou a indemnização em vinte mil rupias.

A MENINA QUESTED pára por um instante ao ouvir estas palavras.

FIELDING *olha com um ar desamparado para um e para o outro, e faz um movimento na direcção dela.*

FIELDING Espere. Alguém tem que ir consigo ... não pode ir sozinha. Espere por mim na carruagem ... *(ela sai muito direita e sem uma palavra)* Hamidullah ... isso é absurdo. Aquela rapariga ... como é que aquela rapariga pode pagar uma soma tão elevada? Ficaria arruinada ...

HAMIDULLAH Então e o nosso amigo Aziz? Ele não está arruinado? Estes Ingleses são muito mais ricos do que nos fazem crer. Pense no Aziz, Fielding. Pense no Aziz.

Entra AZIZ, muito excitado, activo, afectuoso, e gesticulando de um lado para o outro.

AZIZ Quem é que está a pensar em mim? Fielding, Hamidullah, pensem na minha vitória ... concordo, pensem no Aziz.

FIELDING *(num tom sério)* Eu estou a pensar em si, Aziz. Chegou a hora dos parabéns e da celebração. É você que está numa posição forte.

AZIZ Vai haver uma mudança geral de posições em Chandrapore.

FIELDING E você e eu iremos, muito possivelmente, ser promovidos ... não podem despromover-nos, sejam quais forem os seus sentimentos.

AZIZ Em qualquer caso, passamos as férias juntos, em Caxemira, possivelmente na Pérsia, pois vou ter muito dinheiro. *(cinicamente)* Que me foi dado por causa da ofensa à minha pessoa. Enquanto estiver comigo, não vai gastar um vintém. Esse é o meu desejo, vindo na sequência dos meus infortúnios.

FIELDING *(num tom grave)* Você obteve uma grande vitória ...

AZIZ Eu sei, meu caro amigo, eu sei. Não precisa usar um tom tão solene e ansioso. Eu sei o que vai dizer a seguir: «Por favor, dispense a Menina Qusted do pagamento, para que os Ingleses possam dizer, Aqui está um nativo que efectivamente se comportou como um cavalheiro; se não fosse pela cor do rosto, quase que lhe daríamos permissão para se juntar ao nosso clube». *(mudando subitamente o tom, que se torna amargo)* A aprovação dos seus compatriotas já não me interessa, eu tornei-me anti-britânico, e já o devia ter feito há mais tempo. Ter-me-ia poupado muitos dissabores.

FIELDING Incluindo o conhecer-me.

AZIZ Venha, venha, Fielding. Vamos para a festa ... imagine, ter que deixar os meus outros amigos e a multidão eufórica, para vir eu próprio buscá-lo.

FIELDING Aziz, eu ainda não posso celebrar. Ainda há uma outra injustiça. A Menina Qusted é uma rapariga honesta, apesar dos problemas que causou.

Deixe-a ir sem um grande peso. Ela tem que pagar as suas despesas, isso é justo, mas não a trate como a um inimigo que foi vencido.

AZIZ Temos que discutir isso agora, quando a celebração nos aguarda?

FIELDING Sim. Eu, pelo menos, tenho. Aziz ... olhe ...

AZIZ Eu estou a olhar, embora já esteja a escurecer. Eu vejo que o Sr. Fielding é um bom homem e o meu melhor amigo, mas nalgumas coisas é tolo. Você pensa que ao deixar a Menina Qusted ir-se embora sem dificuldades ganharei uma melhor reputação para mim próprio e para os Indianos em geral. Não, não. Isso será encarado como fraqueza, e uma tentativa de ganhar oficialmente uma promoção.

HAMIDULLAH Muito bem, muito bem.

AZIZ Na realidade, acabei de decidir que não terei mais nenhum tipo de relação com a Índia britânica. Vou arranjar um emprego nalgum Estado muçulmano – Hyderabad, Bhopal ... onde os Ingleses não possam voltar a insultar-me. E não me dê conselhos em sentido contrário.

FIELDING Eu estive a falar com a Menina Qusted.

AZIZ Eu não quero saber.

FIELDING Mas eu vou contar-lhe à mesma. Aprendi alguma coisa a respeito dela. Que ela é perfeitamente genuína, e muito corajosa. Quando ela percebeu que estava enganada, levantou-se e disse-o. Quero que compreenda o que isso significa. Ela poderia facilmente fazer com que você fosse condenado, e todos os amigos à sua volta, todo o Império Britânico, estavam a empurrá-la para isso. Mas ela pára, e deixa ir tudo por água abaixo. No lugar dela, eu teria demasiado medo. Mas ela teve a coragem de parar. Trate-a com consideração. Ela não deve ficar com o pior dos dois mundos. Seja misericordioso. Aja como um dos vossos seis Imperadores Mongóis, ou como os seis num só.

AZIZ Nem os Imperadores mongóis mostraram misericórdia sem antes terem recebido um pedido de desculpas.

FIELDING (*com ansiedade*) Ela vai pedir-lhe desculpa, se é esse o obstáculo ... tenho a certeza. Olhe, vou fazer-lhe uma proposta. Você dita-me as palavras que quiser e, amanhã a esta hora, eu trago-lhe a declaração assinada.

AZIZ «Caro Dr. Aziz, eu gostava que tivesse entrado na gruta. Eu sou um traste velho e feio, e esta é a minha última oportunidade». Ela vai assinar isto?

FIELDING (*mal-impressionado*) Depois disso, não há mais nada a dizer.

AZIZ Na verdade, não.

FIELDING Adeus.

Dirige-se para a porta, hesita, e volta para trás, procurando uma última oportunidade.

Aziz, por favor, faça-o. Não suporto vê-lo a colocar-se numa posição indigna.

AZIZ abana a cabeça.

Faça-o por mim, então. E se não por mim, então pela Sr.^a Moore.

AZIZ Será isso o que ela queria?

FIELDING Tenho a certeza que sim.

AZIZ *(depois de uma longa pausa)* Você põe o assunto na única forma em que eu não posso recusar. Por um amigo, deve fazer-se tudo.

FIELDING *(exultante, correndo para lhe apertar a mão e para o abraçar)* Eu sabia! Eu sabia que você o faria!

AZIZ *(friamente)* Que eu me iria comportar como um cavalheiro inglês? A Menina Quested ficará livre e você, Fielding, será o herói daquilo a que chama os dois mundos, pois eu certamente explicarei que o faço a seu pedido. Desejo que isso lhe traga boa sorte. Venha, Hamidullah, vamos para a nossa festa.

FIELDING E eu? Já não somos amigos?

AZIZ Você pertence ao mundo da Menina Quested. Não pode estar connosco ao mesmo tempo.

FIELDING Porque não? Aziz ... porquê ...

AZIZ Nós não nos compreendemos. Estamos em campos diferentes e, até que já não haja campos, não podemos ser amigos.

FIELDING Porque é que havemos de ser governados por essas coisas ... cor, ou política ... é a Índia que nos impõe tudo isso ...

AZIZ *(num tom triste)* Está a ver? Até você acaba por dizer isso. É a Índia ... Sim, provavelmente a Índia será culpabilizada por tudo, e talvez até tenha culpa. A Índia é um enorme país, provavelmente consegue absorver todas essas culpas, e muito mais. Pode, com certeza, absorver a nossa amizade, e anulá-la.

FIELDING Um dia, quando as coisas forem diferentes ...

AZIZ Um dia.

Ele e HAMIDULLAH saem através das portas que conduzem ao local onde se aglomera a multidão. FIELDING fica a vê-los sair, depois volta-se e sai pela porta por onde saiu a Menina Quested. Faz-se silêncio. O JOVEM que acciona o leque continua a dar puxões com o pé, olhando sem qualquer expressão para a sala de audiências vazia, enquanto

CAI O PANO

Esta edição de
Passagem para a Índia
foi impressa na DPI-Cromotipo
sobre papel Munken Print White de 90 gramas no miolo
e Rives Tradition branco de 250 gramas na capa
com uma tiragem de 150 exemplares.
Acabou de imprimir-se em Setembro de 2012

